

ENTREVISTA 01: ANA (ANTIGO MORADOR)

Idade: 41 anos

Sexo: Feminino

Escolaridade: Superior Incompleto

Ocupação: Do lar

Endereço: Rua Professor Vahia de Abreu, Vila Olímpia.

Data: 08.07.2010 às 14:30h na Biblioteca Anne Frank.

P – Há quanto tempo você mora na Vila Olímpia? Onde morou antes de vir para a Vila Olímpia? Por que escolheu a Vila Olímpia?

R – Desde que nasci, há 41 anos. Meu avô de 90 anos nasceu aqui também, na verdade o materno, né, porque o paterno veio de Portugal.

P – Qual a sua relação com o bairro? Lazer? De que tipo? Onde? Estuda? O quê? Onde? Trabalha? Com o quê? Onde?

R – Lazer no Bairro não há. Mas tem a bicicleta né, que a gente anda pelo Bairro, até mesmo porque o Bairro é sossegado nos finais de semana, mas a gente tem cautela porque os carros vêm com tudo, né. Então, a relação com o bairro, no caso o lazer, é a ciclofaixa, e também o trem, né, que você pode passear pela Marginal Pinheiros, pela Estação Vila Olímpia, ela tem acesso, dá acesso para a ciclovia, e você pode ir até a região de Interlagos. Não tem uma praça, um ponto de encontro, nada. A relação também é com o Shopping, recentemente inaugurado que é mais uma coisa, mas é muito vago, não tem atração social, pras crianças deixa a desejar. Só encontra as pessoas na feira, na feirinha, feira comum de Bairro. Não é assim muito convidativo [o shopping] pro perfil das pessoas que residem no bairro, de uma determinada faixa etária. Sou voluntária na escola onde as crianças estudam, onde eu estudei também, é uma escola do bairro, é uma escola pública municipal, ela vai fazer 41 anos, mas ela já tem seus 50 anos na região, tem o ensino fundamental, e eu ajudo lá, sou voluntária na associação de pais e mestres.

P – Você se relaciona com os moradores vizinhos? De que forma? Se não se relaciona, por quê?

R – Os vizinhos, é sempre na conversa né, a gente conhece um conhece outro, aí começa a discutir os problemas do Bairro, mas fica naquilo, né, e tanto é que tem aquele vizinho que vai viajar e, ah, eu vou viajar, você olha minha casa, e como é casa né, então tem essa amizade. E também tem aquela, ah, você precisa de alguma coisa, ah, fulano sabe, aí indica pra um, indica pra outro, e assim a gente vai... Antigamente um freqüentava mais a casa do outro, há muitos anos atrás era muito mais, hoje é difícil até mesmo pela correria de cada um. Mas no final de semana a gente tá saindo, tá indo pra outro lugar, né, mas com os vizinhos assim, não é só vizinhos na rua, viu, vizinhos também de outros quarteirões. As minhas crianças brincam de quando a gente tem um horário marcado, a gente tem que sair duas horas antes, eu e meu marido, porque até chegar ao local a pé, você encontra um monte de pessoas; tem que ter amizade, né, acaba sendo popular sem perceber. O cumprimento [de falar boa tarde, bom dia], é um ponto muito positivo nas residências, nas casas, porque em apartamento – recentemente meu marido até comentou – o vizinho, uma pessoa acaba subindo no elevador quando ela vê a outra, ela deixa o elevador subir pra não ter que encontrar, aí um outro subiu e ele falou, nossa um mora do lado do outro, mas nenhum olha na cara do outro, e tá porta a porta com o vizinho e não tem essa liberdade, né. É muito diferente da casa. Você sai

no portão, mesmo que você não tenha intimidade diz oi, é outra coisa. Lá em casa acontece muito isso. Aí o que acontece às vezes, você vai num local, e diz: “Ah, você também mora aqui? Ah, mas eu também moro naquele prédio, mas a gente nunca se encontrou!”. Por isso que eu falo, apartamento não serve pra mim, tem que ser casa.

P – No seu ponto de vista, quais são os aspectos positivos e negativos do bairro?

R – Ah, o positivo é que ele não tá ficando... ele tá crescendo, assim, positivo, ele tá crescendo por causa da tecnologia, trazendo coisas boas pro bairro, né, enfim. E o negativo, assim, a forma desorganizada do crescimento, quer dizer, o pessoal tá preocupado com crescimento, sem antes ver o que que o bairro tem, se ele comporta, qual é o problema que isso vai gerar, no caso vou construir dois ou três prédios, quantos carros eu vou colocar no bairro? O bairro comporta isso tudo? Então eu acho que tem pensar também nessa situação, não é só construir, que é bonito, maravilhoso, prédios com designers maravilhosos, né, assim, tudo informatizado e tal, mas e aí? A pessoa vai, compra e na hora de sair, não consegue entrar na garagem por causa do trânsito na rua. Então existe um prejuízo pra comunidade, em função disso. Eu acho que o problema negativo é esse, é a construção desorganizada, desordenada, sem um projeto pra pensar nas consequências. É bonito e maravilhoso o projeto, mas na hora que você colocar na prática, pode ser bonito assim na visão, mas na praticidade...

P – Como era viver no bairro antigamente? O que mudou? O que mais sente falta em relação à forma antiga de vida no bairro?

R – Eu acho que todos os bairros deveriam manter um pouco da sua tradição original. Então, assim, você tem um crescimento hoje baseado na tecnologia, em que o pessoal tá jogando concreto, jogando ferro em cima das casas antigas. A gente tem casas em bairros, que antigamente, algumas, são pouquíssimas, que ainda tem a data de sua construção, na beira, né, eles construíam e colocavam, os portugueses, né, colocavam azulejo, e em baixo, a data mil e oitocentos, mil e novecentos... Então, eu acho assim, cada bairro tem a sua história de criação de quando foi fundado, mas deveria manter, cada bairro preservar um pouco das raízes pra não se perder. Porque quando a gente vai estudar a origem do bairro, você não tem mais nada pra mostrar. Hoje tem poucas casas antigas aqui, tipo, olha, essa casinha aqui foi construída em mil e setecentos, olha a estrutura dela, olha o material, até mesmo pra arquitetura. Então eu acho que isso aí é uma forma de... acho que todo o bairro deveria manter ainda o padrão original da construção da época, a preservação. [A Vila Olímpia] não tá mantendo, pelo contrário, tá passando a máquina em cima e dane-se a história, o negócio é o progresso, só que o progresso, pra chegar no progresso tem que ter uma história, né. Numa faculdade, você vai ter que estudar o porque, e aí já vai saber que aqui era assim, né.

- O que eu mais gosto no bairro, acho que é os amigos e os vizinhos que ainda sobrevivem, os amigos antigos, as pessoas antigas, né, que ainda sobrevivem, né, também os novos, a gente vai vai fazendo amizades novas e tudo, mas acaba que é um... é tudo misturado, né. No aspecto físico do bairro, o que me chama atenção assim, oh, pra ser sincera, acho que não tem nada assim que me chama atenção, vamos supor, são os prédios que são construídos novos, mas aquela atenção assim, poxa, bonito, mas daqui a pouco extravasa, né, tipo, a loucura que tá aqui, quem que vai vim morar aqui não é... esses prédios faraônicos, apartamentos imensos, aí você fala, poxa, até quem passa chama muita atenção, as construções né, num pedacinho de terra constroem uns prédios...

- A vila Olímpia é um bairro... complexo, né, assim, durante a semana, é o dia-a-dia, é aquela correria, é aquela... é carro, é movimento, é pessoas circulando, é o centro, né, é

o centro de São Paulo, é que nem a gente fala, antigamente, pra ir ao centro você pegava um ônibus e dizia, eu vou ao centro da cidade, hoje você não vai mais ao centro da cidade, você está no centro, né. Então... assim... de segunda a sexta-feira você está no centro de São Paulo, sábado e domingo, você está no sítio (risos), onde é uma paz. Então eu acho que são duas coisas completamente diferentes, assim, durante a semana você anda aqui no bairro, você esbarra nas pessoas, você desvia das pessoas, você anda pelos carros, os carros param, você não consegue... o farol pode estar fechado, tá aberto, mas os carros tão parados. Agora, final de semana, você observa o farol, e você olha assim, cadê o carro? E à noite, durante a semana, as noites são tranquilas, nos finais de semana são mais agitadas, então a gente ouve na madrugada os carros buzinando, já melhorou bastante, né. Então, assim, é um bairro com a sua... é um bairro trabalhador, ele trabalha de segunda à sexta e sábado e domingo ele descansa. Então, quem mora, eu por exemplo to no ritmo, porque de segunda a sexta eu tou indo na escola, com as crianças, nos trabalhos de casa, com o meu marido e tal, então é... aquela correria toda, helicóptero passando, é polícia, é resgate, e na hora que você liga a TV que você vê passando as notícias você fala: “Nossa Senhora! Foi aqui!” Agora, chega sábado e domingo, sexta feira, já começa aquela calma. É um bairro operário, não tem [vida própria], não é que nem um Morumbi, em que você passa de segunda a sexta-feira é a mesma coisa, sábado e domingo é pior ainda, né. Então, ao contrário da Vila Olímpia, que já foi assim, há muitos anos, tinha molecada na rua, criança jogando bola, nossa, era muito bom, os terrenos eram campinhos, o que tem hoje na periferia, Santo Amaro, que a gente vê o pessoal, sabe, naquelas comunidades unidas, aqui era assim, nós tínhamos aqui o Parque do Povo, no canto do Rio, o pessoal se reunia lá pra jogar bola, é... tinha bastante atividade, então, o pessoal antes de concentrava ali, e acabava indo pra outros campinhos, hoje não tem mais nada. A gente tem um grupo, uma turma, que a gente reúne o grupo, com mais de vinte pessoas, todo o ano que tem eleição. Por que? Todo esse grupo mudou da Vila Olímpia, continua votando aqui, e a única forma de reunir esses amigos, é votar aqui, então o que que a gente, faz: todo o ano – esse ano vai ter – todo o ano que tem eleição, a gente tem, eu e mais três pessoas, a gente vai organizando um local pra fazer um churrasco, há dois anos vem sendo na minha casa, agora a gente faz na Bocha, do lado do corpo de bombeiros, é um centro de lazer, mas é espaço, é a CDEM, Centro de Desenvolvimento Esportivo Municipal, particular com a prefeitura. Então assim, a Bocha é um pessoal de idade. Então, lá, a gente reúne esse pessoal, eles vem votar, aí trás comidas, trás os filhos tem gente que mora no interior e vota aqui, que é a única forma da gente reunir todo mundo, e ficar lembrando; “Olha, você se lembra que a gente jogava bola...”. Então, é muito bacana, né. Aí a gente sabe daquele que já morreu, tem uns que fazem caixinha, nossa é muito legal. É a única forma da gente reencontrar os nossos amigos, era uma geração saudável. E a gente acaba resgatando a memória do bairro com esses encontros.

- Então, até onde era a Helio Pelegrino, onde é os bombeiros, era a Chácara de Flores, que vai da praça na Helio Pelegrino ali, que vai da Santo Amaro, até os bombeiros, onde tá a Botia, né, tudo aquilo era a Chácara de Flores. O Rio terminava na Chácara. E tinha um pessoal que morava, e a gente fazia campeonato de pipa, na minha casa, nossa, a gente competia, o pessoal de Moema vinha competir com a gente, meus tios... Era muito bom. E os balões que a gente soltava na época de São João, isso era bem antes de 98, por causa da lei, né. Na parte do shopping, era tudo galpão, era fábrica, era indústria. Era uma área baixa. O shopping, o que que acontece, você tinha um galpão enorme, só que eles ocuparam este terreno e edificaram. Então deve ter tido impacto por causa do trânsito, então assim, o impacto é em relação ao trânsito, agora da parte física, ele

ocupou um terreno que praticamente já existia né, só modificou, né, mas o problema maior, o impacto maior no bairro, acho que é em relação ao trânsito, com a quantidade de veículos que circulam no bairro. Uma vez eu dei uma entrevista, acho que foi pro Estadão, e eles perguntavam o que eu achava, o que deveria ter no bairro pra melhorar o trânsito, né, e a minha únicas sugestão era ter microônibus no bairro, ligando aos principais pontos da cidade, Estação Vila Olímpia, um ponto de parada na Faria Lima, locais onde o pessoal pode parar com tranquilidade e pegar um outro ônibus, investir mais né, no transporte coletivo. Então [o shopping JK], isso aí tá até com um problema na CET, né, a CET não tá querendo liberar por conta do impacto em relação ao trânsito, porque o prédio é enorme, já tem o Santander, e do lado vão levantar um shopping. Quer dizer, a prefeitura liberou, e a CET que é o órgão ligado à prefeitura já não quer liberar pelo impacto dos carros, você não tem saída, é muito estreito, não comporta.

- Então, é uma curiosidade, muitas pessoas já me perguntaram, muitas já foram fazer pesquisa e não acharam. Então, conversei já com pessoas antigas, até com o meu vô, que já morreu, porque eu tenho meu avô por parte de pai vivo ainda, aí, ele diz o seguinte, que até a Rua Miguel Calfat, antigamente o nome dela era Rua Amélia, porque, uma pessoa da Rua que viveu nessa Rua, tinha uma mulher que era Amélia, não a da música “Amélia uma mulher de verdade”, então quis dar um nome pra Rua, antes era tudo número, não é. Então todo mundo escolheu Amélia porque aquela era uma boa senhora que era conhecida como Amélia. E Olímpia, dizem que é por conta também de uma pessoa chamada Olímpia, uma pessoa querida na região, só que pouco influente. E outros dizem que aqui era o lugar dos Deuses, então o pessoal associava à Monte Olimpo, à Deusa, á Terra, Grego, né. Porque tinha um grego que andava por aqui que era conhecido como Olimpia, né. Então não existe uma coisa assim, formalizada, que nem o Itaim Bibi. Então não se achou ainda origem, né, procura-se a origem da Vila Olímpia. Antigamente a Vila Olímpia era a morada dos Deuses, hoje não continua sendo, tá muito longe de ser a morada dos Deuses. Só é morada dos Deuses aos sábados e domingos. De segunda a sexta é a morada dos operários, né, porque, olha..., mudou muito. E como mudou!

ENTREVISTA 02: INÊS (NOVO MORADOR)

Idade: 50

Sexo: feminino

Escolaridade: superior completo

Ocupação: advogada

Endereço: Rua Cardoso de Melo, 1046, ap. 12 – Vila Olímpia, SP.

Data: 29.09.2010 às 17h, na casa da entrevistada.

P – Há quanto tempo você mora na Vila Olímpia? Onde morou antes de vir para a Vila Olímpia? Por que escolheu a Vila Olímpia?

R – Três anos e meio. Eu morava no Rio de Janeiro, e aí como eu troquei de emprego, e eu já sabia, porque a princípio, o emprego era lá na Bela Vista, na Rua Bela Vista, lá na Paulista, mas aí, como eu sabia que a empresa tava mudando pra cá, que tava só esperando reformar o prédio, aí eu resolvi comprar meu apartamento aqui. Não fui eu que escolhi a Vila Olímpia, como eu te falei, eu escolhi pra ficar perto do trabalho. Eu vim pra cá somente porque a minha empresa veio pra cá, porque eu teria comprado um apartamento muito maior do que esse num lugar muito melhor se não fosse na Vila Olímpia, porque aqui na Vila Olímpia é caro. Se eu tivesse comprado um apartamento no Morumbi com o que eu paguei aqui, eu tinha comprado um apartamento muito melhor. Deus me livre viver de aluguel, é jogar dinheiro no lixo. Quando eu cheguei aqui eu morei dez meses de aluguel por causa da transição de mudança e tudo, eu pagava quase o que eu pago pela prestação agora. O aluguel aqui tá muito caro.

P – Qual a sua relação com o bairro? Lazer? De que tipo? Onde? Estuda? O quê? Onde? Trabalha? Com o quê? Onde?

R – É, eu faço questão que a minha vida seja aqui na Vila Olímpia, tanto que eu tive que fazer uma cirurgia, e eu não ia poder dirigir, eu até vendi meu carro, porque tava com três anos e meio de uso com cinco mil quilômetros rodados (risos). Porque eu não uso carro, não usava, só pra ir fazer compras, dificilmente quando eu saio de noite eu vou de carro porque alguém vem me buscar. Então, tem dois meses que eu vendi meu carro. A minha vida é aqui, eu trabalho aqui na Casa do Ator, quer dizer, cinco minutos andando, vou na Reebok que a academia que é ali na casa do ator também, e o que que eu faço... Agora com a inauguração do shopping, vou no shopping aqui, tudo... Então eu faço tudo a pé, a única coisa que eu não faço aqui é a minha pós-graduação que eu faço lá na GV, mas eu pensei fazer aqui no IBMEC, só não fiz porque tava muito caro (risos). Aqui na Quatá. Então, salão, shopping, academia, praticamente tudo por aqui, tudo a pé. Quando eu preciso pegar um taxi é muito raro. Mesmo quando eu vou lá naquela rua, ali, naquela... como é mesmo o nome daquela rua... a rua ali do São Luiz... é... a Dr. Alceu, mesmo assim se eu for de taxi dá oito reais, eu prefiro ir a pé, andar vinte minutos. Então, normalmente eu ando a pé. Eu faço compra normalmente... aqui não tem, na Vila Olímpia não tem supermercado nenhum. Tem dois mercadinhos pequenininhos carerésimos, então, normalmente, eu faço compra pela internet como eu sempre fiz. Eu compro quase tudo pela internet. Vou na padaria às vezes, ontem mesmo eu fui na padaria comprar pão, mas o meu padrão é... é... comprar tudo pela internet. Porque a pesar de morar aqui, trabalhar aqui e ir pra academia aqui eu chego em casa sete e meia, eu normalmente não tou em casa, só tou agora porque que tive a minha última consulta com a minha médica que ela me liberou pra voltar pra academia, porque normalmente eu chego em casa só às oito e meia da noite, porque eu saio do trabalho direto pra academia, então não tenho muito tempo de ficar durante a semana indo... Final de

semana que eu dou uma voltinha aqui, às vezes eu vou até Moema, numa padaria melhor, porque aqui na Vila Olímpia não tem uma padaria boa, não tem supermercado nenhum. O único hortifrute que tem é um nojento ali, imundo, que eu nem passo perto. Então umas das coisas que falta aqui é isso, é realmente supermercado... É o lazer agora melhorou bastante com o... com o shopping porque agora tem cinema, e vai abrir uma casa de... vai abrir um teatro, tem o boliche, e tem as baladas que infelizmente ainda tem aqui, e eu espero que muito em breve elas vão embora, porque o que que acontece? Não tem infra-estrutura aqui. Aqui as obras são mais lá embaixo, mas ali tem uma casa de festa, raramente tem, mas teve uma festa lá que três horas da manhã isso aqui era dia, com manobrista gritando, com gente bêbada andando na rua. Então não tem, o bairro não tem estrutura pra ter uma balada, quando eles ficam lá embaixo, vocês às três horas da manhã, por exemplo, se você tiver vindo de outro lugar, aquele monte de adolescente bêbado na rua,, brigando, xingando, falando alto, não tem aonde as pessoas estacionarem os carros, os poucos estacionamentos que tinham aqui tá tudo acabando e virando prédio. Então o que que as pessoas fazem? Deixam o carro em qualquer lugar, ou então entregam pra esses manobristas doidos que ficam por aí fazendo Deus sabe o que, né!

P – Você se relaciona com os moradores vizinhos? De que forma? Se não se relaciona, por quê?

R – Não, as únicas pessoas do bairro que eu conheço... Bom, você vai acabando fazendo amizade, por exemplo, a dona do salão eu já conheço, tem uma que abriu um café aqui, eu já conheço, aí você passa e começa a cumprimentar as pessoas, você começa a identificar as pessoas na rua. Mas, aqui na Vila Olímpia são dois bairros um durante a semana, e outro durante o fim de semana. Se você andar aqui durante a semana, nossa, é Paulista, um monte de gente na rua. Agora se você passar aqui sábado, domingo e feriado... domingo então não passa ninguém, sábado ainda passa, mas domingo isso aqui, essa rua é uma tranquilidade. Então... é, como eu disse são dois bairros, e durante a semana eu ainda encontro muita gente que eu conheço da academia, de outras empresas que eu conheço por aqui, da minha própria empresa, agora durante o final de semana não, dificilmente eu me relaciona com alguém daqui do bairro. Aqui no prédio eu encontro os vizinhos na piscina, porque o perfil do prédio aqui, aliás foi por um dos motivos que eu comprei, é um perfil de prédio pra não ter criança, porque não tem lazer nenhum pra criança, e por isso a maioria das pessoas que moram aqui com raras exceções ou são solteiros ou são casados, recém-casados, então a faixa etária é metade da minha, os meus vizinhos aqui por exemplo todos são recém-casados. Ontem mesmo mudou uma moça, ela casou, e vai ter um filho, e o apartamento tem só dois quartos, mas ela já mudou. Então, o perfil do prédio não é o perfil da minha faixa etária de cinquenta anos, mas eu encontro com o pessoal na piscina do prédio, normalmente, no final de semana, e aí converso com um com outro, mas não tenho uma amizade assim com ninguém aqui mais...

P – No seu ponto de vista, quais são os aspectos positivos e negativos do bairro?

R – Bom, positivo, é que... é um bairro que você pode considerar quase que uma... como é que eu vou falar... é como se fosse uma vizinhança, porque tem tudo aqui em tese, a não ser o supermercado que eu mencionei, mas é um bairro que você pode sair, que você pode andar a pé, que você pode ir no shopping a pé, restaurantes é o que não falta aqui, pra quem gosta, tem restaurante de tudo quanto é especialidade por aqui, esse é um aspecto super positivo. Agora, os negativos são milhões! É porque eu gosto de morar aqui na Vila Olímpia, eu pessoalmente gosto de morar aqui, eu me sinto bem

morando aqui, é um bairro relativamente calmo durante o fim de semana, não tem muito assalto ainda, embora já piorou bastante, então eu me sinto seguro, eu me sinto tranquilo morando aqui. Eu não tenho problema nenhum, eu volto a pé da academia às oito e meia da noite e eu não me preocupo de ser assaltada na rua. Agora, os aspectos negativos é falta de infra-estrutura, as calçadas são... não existe, ou quando existe, as calçadas são toda assim, ou então quebradas. Os comerciantes botam mesas na calçada, agora com essa nova lei de que não pode fumar no bar, o que acontece, as pessoas vão fumar na calçada, então eles transferem os bares pra calçada, aí você não tem como atravessar, aí você tem que usar a rua, porque as calçadas você não pode usar, os restaurantes que botam, que usam a calçada pra botar placa, letrinha e tudo... então... Não tem um ponto de ônibus aqui, nesse pedaço aqui meu. Pode ser que mais pra lá você encontre alguma coisa, mas aqui nesse pedaço entre a Quatá, até aqui a Bandeirantes não tem um ponto de ônibus, não tem um sinal de pedestre, nenhum... tem que ficar olhando pro lado e pro outro... ninguém respeita sinal, tem que... se o sinal tá fechado pro carro tem que olhar mesmo, porque não respeitam, não respeita ninguém, tem que andar devagar. Então, eu fico morrendo de pena, quando chove, esse ponto de ônibus... tem um ponto de ônibus aqui na frente... as pessoas fica na chuva, no sol, quarenta minutos esperando um ônibus e ainda passam lotados, porque realmente não tem como. Ou as pessoas pegam ônibus aqui, ou vão andar até a Santo Amaro, não tem outro lugar pra eles pegarem ônibus. Então o pessoal do meu trabalho, foi muito difícil, pra quem trabalhava na Paulista, então todo mundo ia trabalhar de metrô, então foi muito difícil. Então qual era a opção, já que o governo não fornece a maioria das pessoas vem de fretado, que é um custo a mais. Agora não pode entrar o fretado mais aqui, então vão ter que pegar o fretado lá na Bandeirantes. Então, é, realmente, pra quem precisa do transporte é muito difícil, não tem, não tem transporte mesmo. Eu sei porque eu vejo... até taxi pra mim durante o fim de semana, eu tenho que andar até o shopping, porque os pontos de taxi aqui... não tem movimento, então eu tenho que andar até o shopping pra pegar taxi. Então, alagamento... aquele shopping novo maravilhoso, ali, quando chove, fica água, assim, de cobrir os carros. No meu prédio que é um prédio novo, onde eu trabalho na Casa do Ator, quando chove, já aconteceu várias vezes, a gente não pode vim embora pra casa, quando chove nesse horário, porque enche até a escada, até em cima e ninguém sai do prédio, nem de carro nem a pé. Enche aqui, a rua aqui enche de botar água no joelho, depois quando... é claro que a água rapidamente vai embora, mas fica aquele... outro dia eu tava morrendo de rir, eu tava lá no prédio, aí choveu, choveu, choveu, e a gente tava esperando, quando nós descemos que pôde ir embora, tinha até pára-choque de carro tinha na calçada (risos). Então, é difícil, é difícil nesse aspecto aqui, não tem urbanização, ninguém se preocupa, você não vê uma polícia na rua, nenhuma. Essa semana teve polícia porque parece que um prédio ali da frente foi assaltado, aí aqui na rua, eu vi uns carros de polícia, mas normalmente não tem, não tem um policiamento. A CET proibiu de estacionar carro aqui na rua por causa do movimento, mas não adianta nada porque não tem policiamento, as pessoas param de qualquer jeito, sabe. Aí você não pode passar, porque numa ruazinha dessa, pequenininha, passando ônibus, passando carro, esses caminhões de concreto, porque tem muita obra no meio da rua, aí você não pode. O barulho até que não me incomoda muito não, o barulho incomoda, como eu te falei, quando tem essas baladas que o pessoal passa gritando, e aí, por incrível que parece, incomoda mais quem tá em cima, porque o som sobe. Os meus vizinhos aqui de cima dizem, que moram no oitavo, nono, dizem que eles escutam as baladas. Eu não escuto nada, mas aí tem o ônibus, né, então cada andar tem suas preocupações. Então, basicamente é isso, infra-estrutura não tem nenhuma. Eu já passei um monte de e-mails pra prefeitura, pedindo pra vi, mas não adianta porque ninguém retorna. A daqui é a

subprefeitura de Pinheiros, a daqui né, eu já passei e-mail falando desse problema dos bares, já falei sobre o problema da calçada. O mulhero que trabalha aqui... hummm... o rapaz ali da sapataria tá ficando rico, porque (risos) você vê só aquelas mulheres com um saquinho de sapatos, porque todo mundo perde os saltinhos aqui. Eu agora vou trabalhar de sapatilhas, e chegando lá eu boto o sapato alto, porque eu já cansei de estragar sapatos. Bom, e eu não sei qual é o planejamento que São Paulo tem pra Vila Olímpia, aqui na minha rua tem cinco prédios sendo construídos, cinco! Um ali de cima que tem duas torres com apartamento de quatro quartos, tem dois comerciais, um aqui e e outro ali. Esse comercial me disseram que são duas mil vagas na garagem. Eu não acredito! Mas é o boato que corre que são duas mil vagas na garagem, que é um prédio de... é um prédio que eles vão fazer é... Eles vão fazer um tipo de garagem que o pessoal pode alugar não só a garagem como o próprio prédio. Enfim, o pessoal do salão de beleza que eu vou que me disse, também não sei se é verdade. Mas é isso, então não tem... eu não sei como é que vai é... vai passar, porque não vai conseguir passar carro. Daqui a pouco você vai ver, seis horas da tarde, não passa. Toda a rua fica lotada desde lá até aqui. Então eu não sei né, eu não como é que eles vê, porque ano que vem quando esses cinco prédios tiverem construídos você não vai passar aqui na Cardoso, não vai, porque não tem como, a rua não dá conta. Ainda tem uma escola ali em cima, então seis horas piora mais ainda, porque como não tem estacionamento, os pais param o carro na rua pra buscar as crianças. Então é... realmente esse é um problema bem... bem complicado.

- Eu gosto da tranquilidade e da possibilidade de fazer tudo a pé, porque eu sei de outras pessoas, eu tenho amigos que moram em Alto de Pinheiros, em apartamentos chiquerésimos, mas não podem nem botar o pé pra fora de casa, primeiro que não tem aonde ir, segundo que é perigoso. Aqui não, eu vou a tudo quanto é lugar a pé. Eu não sinto falta de carro, não sinto falta de nada, e pra mim... e claro o fato de morar do lado do trabalho, porque eu saio do trabalho cinco horas, cinco e cinco eu tou na academia ou eu tou em casa. Isso não existe, né! Isso aqui em São Paulo não existe! Mas eu pago por isso, porque o nosso IPTU esse ano subiu 25%. Eu pago cento e quarenta reais de IPTU por mês pra nada. A justificativa foi por causa que o shopping valorizou, e valorizou. Eu comprei esse apartamento há dois anos e pouquinho atrás, eu comprei por 280 mil. Uma moça que se mudou semana passada, ela vendeu por 470, e já tem um por 550 vendido, e tem um mobiliado por 650. Então, em dois anos atrás dobrou de preço, eu pagava 80 reais o IPTU, passou pra 120 e esse ano 148. Mas eu não vejo porque eu tou pagando esse dinheiro, não tem nada, não me trouxe benefício nenhum esse IPTU. O prédio, o apartamento valorizou porque a região valorizou, porque tem muito apartamento agora de luxo sendo construído aqui, e o pessoal tá querendo ficar perto do trabalho. Eu tenho uma amiga que mora aqui, que ela é ginecologista, ela tá vendo se compra uma sala num desses prédios comerciais, porque ela pode trabalhar perto, e por isso tá valorizando demais. Então eu acho impossível esse apartamento valer mais de 500 mil reais, na minha cabeça não entra isso, sabe, não entra! São 85 metros quadrados, então é muito pequeno. Por isso que eu tou te falando, é um apartamento pra um casal e no máximo um filho, não é apartamento pra família, tanto que o prédio tem um academia, uma sauna, um espaço gourmet e uma piscina, ajeitado, bonitinho, mas não é direcionado pra família, é pra solteiro ou pra casal. Então, enfim... eu fico até impressionada, não sei como esses meninos aqui, eu vejo... 20, 20 e pouquinhos anos tem Mercedes, tem caminhonete, tem jetski, tem apartamento de 550 mil reais. Eu não sei da onde é que esse pessoal tira dinheiro, não, viu (risos). Você que é jovem pode ser que você me conte. Eu não sei... São duas vagas na garagem, a minha vaga é a única que não tem carro, porque todas tem mais de dois, e aquelas motonas imensas... Então,

o prédio é que eles devem ter construído pra uma classe média, classe média alta, porque eu acho que não vale o IPTU que eu pago, eu não vejo retorno nenhum, muito pelo contrário, as calçadas tão cada vez mais quebradas, e a falta de infra-estrutura, né... O único problema que parece que melhorou bastante aqui na Vila Olímpia, que chamava muito a minha atenção quando eu vim morar aqui era a falta de luz, e realmente uma única... faltou luz no apagão só aqui, e há uns três anos e meio nunca faltou luz aqui, então eu acho que isso é um aspecto que melhorou aqui na Vila Olímpia, porque o que me disseram foi que aquele complexo ali do Caesar Park e o shopping, os empresários fizeram... Eu trabalho numa empresa de distribuição de energia. Então, me disseram que eles fizeram bastante pressão junto a Eletropaulo, pra Eletropaulo trazer realmente infra-estrutura de energia elétrica pra cá. Isso parece que melhorou bastante, agora fora isso, eu não vejo ninguém comentar nada que melhorou aqui. A segurança piorou muito. Eu trabalho numa empresa onde tem muitos colombianos, que o controle acionário da minha empresa é colombiano, primeira coisa que eles dizem, não sai com notebook, porque atravessou a rua, vem gente com bicicleta ou de moto, carrega e vai embora, e eles vêem isso, notebook, tanto que eu venho com a minha sacola da academia nunca ninguém nem chegou perto de mim, mas eles vêem um executivo, uma pessoa com notebook na mão, pode ter certeza que vai ser roubado. Então isso... a segurança nesse aspecto... eu acho, eu nunca ouvi dizer de gente que teve carro roubado, ou que teve carteira roubada e tudo, mas que notebook aqui... acho que eles tão fazendo um comércio aqui de notebook.

ENTREVISTA 03: CRISTINA (ANTIGO MORADOR)

Idade: 43

Sexo: feminino

Escolaridade: segundo grau completo

Ocupação: do lar

Endereço: Rua do Rocio, 270, ap. 03, Vila Olímpia.

Data: 23.09.2011 às 15h, na casa da entrevistada.

É Rócio ou Rocio?

É, então, a gente sempre chama, quem mora aqui fala Rua do Rócio, mas se você for olhar na placa está escrito Rua Rocio, mas não adianta, ninguém fala Rua Rocio, chamam Rua do Rócio, não tem jeito. São aqueles hábitos que não tem como, né.

P – Há quanto tempo você mora na Vila Olímpia? Onde morou antes de vir para a Vila Olímpia? Por que escolheu a Vila Olímpia?

R – Bom, na Vila Olímpia, há exatos 43 anos, porque eu nasci aqui, mas nasci na Rua Ribeirão Claro. Mudei de lá da Ribeirão Claro, pra cá. Hoje a casa que eu nasci não existe mais é uma loja de carros (risos).

P – Qual a sua relação com o bairro? Lazer? De que tipo? Onde? Estuda? O quê? Onde? Trabalha? Com o quê? Onde?

R – É eu sempre trabalhei aqui na Rua mesmo, tive dois empregos aqui na mesma Rua, um era na TVA e outro era num consultório odontológico, sempre foi por aqui. Estudei também por aqui o tempo todo. Um pouco mais pra lá, depois no ginásio aqui perto de casa, mas sempre por aqui. Lazer também eu acabo fazendo muita coisa por aqui, Moema..., tem muita coisa por aqui. Assim, por exemplo, a gente gosta, eu e o meu marido, a gente gosta de dançar, a gente adora dançar, então tem o The History aqui, que é bem o tipo de música que a gente gosta, da nossa época e tal, então é um lugar que a gente gosta de ir. Agora, o shopping aqui atrás, então, a gente vai ao cinema, a gente vai comer no shopping, a gente vai a pé, né, então... Pra andar de carro no bairro tá muito complicado, então o que a gente consegue fazer a pé a gente faz a pé, porque o trânsito não flui, né, o bairro cresceu demais, e não tem por onde escoar, por exemplo, até andar a pé aqui é complicado, se você for tentar andar aqui na hora do almoço, você não consegue andar, então, quando calha de eu tá aqui na rua na hora do almoço, eu vou pro meio da rua porque não tem calçada pras pessoas andarem. Parece uma Barão de Itapetininga, sabe, um Vale do Anhangabaú, um negócio assim, absurdo, sabe! Cresceu demais isso aqui, não tem, não tem por onde. Então pára tudo, pra ir daqui até o mercado que você demora quinze minutos a pé, às vezes de carro você demora meia hora dependendo do horário que for. Então, é muito complicado, bem complicado, pra quem mora aqui...

P – Você se relaciona com os moradores vizinhos? De que forma? Se não se relaciona, por quê?

R – Relaciono... aqui no prédio, por exemplo, os proprietários – pelo menos são seis apartamentos deste lado seis do outro – a grande maioria já estavam quando eu vim pra cá, eu vim pra cá na minha adolescência, então, já faz muito tempo. Então, por exemplo, os deste lado, a gente se conhece desde criança. Eu vim pra cá acho que nos meus dez onze anos, mais ou menos, eu tenho quarenta e três, faz bastante tempo. É eu tenho mais contato, por exemplo, com os vizinhos aqui da frente porque a gente tem amizade, eles

tem três filhos mais ou menos da mesma idade que eu, eu sou um pouquinho mais velha, mas... por exemplo, eu faço meu aniversário numa balada, eles vão, rola aniversário do filho de uma delas, a gente tá sempre junto, eles vão na minha casa de praia, então, assim, com esses da frente a gente tem bem mais contato, né, esses da porta da frente. Tenho contato também com outras pessoas que moram no bairro também..,

P – No seu ponto de vista, quais são os aspectos positivos e negativos do bairro?

R – Quanto ao negativo é isso, você não tem, não tem sossego, você não tem o seu horário de descanso respeitado. Aqui do lado, por exemplo, a gente tem um restaurante. Assim, quanto ao restaurante tudo bem, mas eles, às vezes, abrem pra casamento, festa de casamento e tal. Então, eu já fiz muito contato com o gerente geral, por exemplo. Ali tem uma placa enorme de proteção que eles fizeram pra que nós tivéssemos um pouco mais de privacidade quanto ao barulho do ar condicionado. Chegaram a oferecer até vidro a prova de ruído, aquelas coisas todas, o próprio estabelecimento. E... mas assim, eles ficam com música alta no dia de evento até a meia noite, então assim, é meio chato, enche o saco, né. Aí os manobristas ficam todos na tua janela, aí você abre, você pede pra acabar com o barulho. Essa lanchonete aqui da frente tá causando muito problema porque eles abrem às seis, seis e pouca da manhã, já coloca o plasma super alto, a gente já foi reclamar umas duas três vezes. Então, são essas coisas que vai desgastando demais, agente tá ficando muito cansado disso, além do trânsito que tá bem complicado, né. Fora isso, é caro viver aqui, é muito caro viver aqui, o supermercado mais barato é o Extra, e mesmo assim ele é caro, o Extra ali do pedaço da João Cachoeira, lá do Itaim. Então, assim, é o supermercado que a gente vai que é o mais em conta entre aspas porque é caro. A gente não tem feira, tem uma feira só aqui, mas é assim é num miolo de prédios de alto gabarito, então é uma feira impossível de se comprar qualquer coisa. Eu faço feira na praia quando eu vou pra praia, no final de semana que eu desço eu trago, eu faço a feira e trago as coisas pra casa. Caso contrário, você se limita ao supermercado, e tudo muito mais caro. Essa feira é uma feira minúscula, porque eu acho que granfino não faz feira, porque pra eles tanto faz né, manda a empregada comprar as coisas, nem se dá o luxo de comprar, então, acho que não tem nem muito esse hábito. Mas o pouco que tem de barraca é muito caro. Tem uma outra feira lá perto da..., mais ou menos perto lá da Ana, mas também uma feirinha muito ruinzinha. Então, assim, a coisa foi, foi, foi, foi... foi mudando, foi diminuindo, deixou de ser o bairro residencial que era antes, deixou de ser..., isso tá muito ruim. A gente já queria ter saído daqui, mas... a gente não consegue vender o terreno, e vender o apartamento não vale a pena. Agora, há muito pouco tempo inauguraram o parque do povo, que é aqui do outro lado, nessa via Funchal que você tava, se você seguir ela pra lá, você atravessa a Juscelino, você tem o parque do povo, foi recentemente inaugurado, porque a gente não tinha nada, se eu quisesse ir até um parque eu tinha que ir ao Ibirapuera, que seria o mais perto. Então, esse parque é bem legal, e você percebe que a frequência é de gente com muita grana, o pessoal daqui da redondeza, né, prédios mais ricos e tal. Mas é legal, um ambiente bem legal, as árvores estão crescendo, ainda tem muito sol, mas é um parque que tá ficando cada vez melhor. Pois é, quanto aos positivos, você tem assim, é.... você tem facilidade, acesso às coisas, então, por exemplo, tem a Clodomiro Amazonas que é uma rua muito grande de comércio próximo ao Itaim que também vou perto, se eu quiser ir pro centro da cidade também tá fácil, né. Então, assim, você tem acesso fácil ao comércio e tal, essa é uma das grandes vantagens, ao consumo no caso, apesar dele ser caro. Uma coisa que é muito ruim agora por conta desse shopping Vila Olímpia, eles tiveram que mudar, mas, por exemplo, se eu ir lá na Estação da Luz, sei lá, no Museu lá da Língua Portuguesa final de semana, eu não posso, não tem ônibus pra ir, porque eles

deixam a linha pra ir pro centro de segunda à sexta, porque eles entendem que sábado e domingo quem mora aqui não precisa de ônibus, tem carro, as pessoas que trabalham não vêm pro bairro sábado e domingo. Então, a gente fica ilhado, você não pode ir pra lá de ônibus, por exemplo. E pra pegar o trem você tem que fazer baldeação porque o que tem lá é metrô, quer dizer, num rola né. Aí, por conta do shopping eles puseram cartazes dentro dos ônibus: essa linha passa atuar a partir de tal data, aos sábados, domingo não. Aos sábados, né, então o pessoal que trabalha no shopping dia de domingo tem problema pra chegar aqui. Então, assim, tem uma série de transtornos. Vantagens têm muito pouca, e assim, né, tem os barzinhos – acho que eu posso repetir, né – tem balada aqui pra freqüentar durante dois meses sem repetir nenhuma, o problema é que é muito caro, é muito caro, então, é só num aniversário.

P – Como era viver no bairro antigamente? O que mudou? O que mais sente falta em relação à forma antiga de vida no bairro?

R – Puta, eu não sei dizer... tá tudo tão... tá tão... ao mesmo tempo que é legal essa parte de você ter acesso fácil às coisas, por outro lado é tudo muito caro, então eu não sei... O que eu mais gosto no bairro? É difícil, né. Eu me sinto em casa aqui. Se você me disser: eu quero vender aqui, beleza, mas eu não quero me afastar da Vila Olímpia, porque eu tenho a minha vida estruturada, entendeu. Então assim, apesar de tudo que era ligado ao meu passado já não existir mais, não tem, minha casa já não existe mais, quer dizer... mas eu não sei explicar, eu me sinto em casa aqui. Morar exatamente na Vila Olímpia, não, teria que ir tipo Itaim, Brooklim, sair desse miolo que ficou complicado, entendeu. É um pedaço que não tem como... eu gosto, apesar de todos os problemas, mas aqui a gente se sente em casa, né. A questão da gente pertencer ao lugar.

- É, a tranquilidade, isso eu sinto muita falta, essa falta de você ter a famosa lei do silêncio respeitada, né. Hoje o próprio prefeito desmanda essa lei. Então assim, por conta do crescimento todo que teve aqui, e crescimento muito mais pro lado comercial, fizeram dois condomínios de luxo, um aqui e um aqui, mas eu não sei, a sensação que eu tenho é que essas pessoas não são incomodadas eu acho que pelo barulho, porque não sei... de repente eu vejo, eu e o meu marido a gente reclama muito. Eu não sei se essas pessoas não estão sendo incomodadas, ou só a gente. Por exemplo, aqui na frente tem a Americay, é uma empresa de cosméticos, por conta da lei do Kassab, os caminhões vêm descarregar tarde da noite, então, às vezes é onze horas, meia noite, eu tou com um caminhão monstruoso parado aqui, que além de arrancar todos os cabos, porque eles vivem arrancando todos os cabos, você fica sem net, você às vezes fica sem força, e aí, o barulho também, porque eles têm aquele sistema de descarregar automático e faz um barulho infernal. Então, assim, você vai dormir e, putz, mas o caminhão tá aí e eu não posso dormir agora, então, é um absurdo um negócio desse, né. E isso é direto, então, assim, não sei, a gente vai a gente reclama, mas a gente sabe que a culpa não é deles, a culpa é da lei que foi feita, né. Garanto que o Kassab não tem nenhuma empresa dessa na porta da casa dele, né, porque se tivesse... ele daria um jeito de acabar com essa lei rapidinho...(risos). Mas não sei, acho que a questão da tranquilidade é a que mais pega. Eu brinquei muito na rua, tanto na Ribeirão Claro, onde eu morava, a gente brincava na rua, jogava vôlei, queimada, pulava elástico, na rua, literalmente na rua. Aqui também, de sábado e domingo, a gente se juntava com os vizinhos aqui da frente, que também já não existem mais, a gente jogava vôlei na rua, armava rede na rua... quer dizer... uma coisa que você fala hoje e é... Bom pra você ter uma noção, quando eu vim morar aqui nesse prédio, o único prédio que tinha aqui era o meu, não tinha nenhum prédio aqui na porta, aqui do lado onde tá o Andiamo era um ferro velho, um lugar indecente, tinha uma família que morava numa perua, era um horror. Do lado tinha uma

marmoraria, depois tinha uma metalúrgica, só tinha isso. E tinha umas duas três casas daquelas tipo mansão, bem antigas e tal, do outro lado, e casinhas germinadas aqui na frente e tinha uns terrenos baldios. E nessa rua, no final dessa rua, tinha uma favela, ela ainda existe, mas ela tá camuflada, com uma base comunitária da polícia na esquina, e dos barracos você não vê mais nada. Ela já pegou fogo várias vezes, foram tirando, diminuindo, mas um pouquinho ainda ficou. Então, essa rua era tida como a rua perigosa, porque o pessoal que morava lá pro lado da Ana falava: ih, nossa! A Rua do Rocio! Deus me livre! Porque era a rua que dava na favela, então o pessoal tinha medo de vim pra cá, era uma rua que ficava meio deserta, então era uma coisa que ficava bem assim... mas isso foi mudando, foi mudando... E hoje em dia em termos de comércio, isso aqui parece que é a área da informática, então... não sei o que mais eu poderia te falar. Eu lembro de algumas casas que haviam aqui, e é engraçado que quando você passa nos lugares em que aquilo, aquela arquitetura não tá mais lá, a hora que eu passo, eu olha: nossa, tinha aquele casarão aqui! Eu achava lindo os casarões, e quando eu passava eu falava, nossa! Que eram numa rua em que a Ana morou quando era pequena.

ENTREVISTA 04: ENIO (ANTIGO MORADOR)

Idade: 70 anos

Sexo: masculino

Escolaridade: até a 4ª série ginásial / 1º grau

Ocupação: aposentado; Presidente do Clube de Bocha

Endereço: Rua Cavazzola, 65 – Vila Olímpia, SP

Data: 03.02.2011 às 16h no Clube de Bocha

P – Há quanto tempo você mora na Vila Olímpia? Onde morou antes de vir para a Vila Olímpia? Por que escolheu a Vila Olímpia?

R – Há 30 anos. Deixa eu vê dá onde eu vim. Peraí... A última moradia minha era na Nossa Senhora de Sabará, Campo Grande. Depois eu fui pra Pinheiros, e de Pinheiros eu vim pra cá. Eu vim trabalhar aqui, eu trabalhava em construção civil aqui mesmo no bairro. A empresa construía prédios residenciais aqui mesmo no bairro.

P – Qual a sua relação com o bairro? Lazer? De que tipo? Onde? Estuda? O quê? Onde? Trabalha? Com o quê? Onde?

R – O lazer nosso aqui seria o Bocha. Eu não tenho outro lazer aqui no bairro a não ser o Bocha. Eu viajo, vou pra praia, mas no bairro é o Bocha. O clube de bocha é um seguinte, rapaz... é antigo isso aqui. Nós tamos aqui desde 88, mas ele veio lá de baixo... ele veio dá... pra cá, ele veio da Nova Cidade. Lá tinha um clube de bocha que já era este, mas por causa da avenida, da Hélio Pelegrino, então eles tomaram o nosso espaço lá e deram esse espaço aqui, aí, esse aqui pertence à Prefeitura, e aquele nosso espaço lá também é da Prefeitura, eles nos tiraram de lá e puseram pra cá. Isso daqui era uma favela antigamente. Então... colocaram nós aqui, e nós tamo aqui desde 88, quando foi inaugurado esse bocha aqui. Esse clube de bocha, é muito antigo, não é do meu tempo, o de lá da Nova Cidade é muito antigo, já não é do meu tempo, é de outra cara, entende... Antes da Nova Cidade, eles tinham ali embaixo no.... puta, como chama o nome da rua? Oh, rapaz, quando termina a Fiandeiras ali, mais pra baixo, ali na... onde tem a rua do Rócio, rua Helena... Então era naquela rua... não me lembro o nome dela agora... Começou lá. Depois veio pra Nova Cidade e da Nova Cidade veio pra cá. Aqui desde 88. Os próprios moradores que fundaram, a maior parte português. Foram eles... E aqui hoje, a maior parte é terceira idade, tem gente mais jovem também, mas a maior parte é terceira idade, gente aposentada, é... isso aí. Qualquer pessoa pode se associar. É o seguinte: pra você entrar no clube, entra a hora que cê quiser, tá aberto pra todo mundo, mas se você não for sócio, você não pode participar dos jogos. Aqui nós temos o bocha, temos carteadado, temos dominó, temos sinuca lá em cima, entende? Temos tudo isso. O bocha, a gente disputa o campeonato paulista de bocha, pela federação paulista. Agora vai começar novamente, acho que é.... fim de fevereiro ou março. Ano passado... é o seguinte... nós pegamos o terceiro lugar do campeonato. Nós perdemos pra... ficamos [sic] atrás do CECAP de Guarulhos e São José de São Bernardo. Quer dizer, dentro de São Paulo nós somos os primeiros, só perdemos [sic] pra esse dois, agora dentro de São Paulo nós somos os primeiros. Aqui na Vila Olímpia não tem outro clube de bocha. Bocha aqui você só vai achar no Campo Grande, São Cristóvão... Aqui no Itaim, acho que não existe mais. E lá eles não disputam nada. Na Vila Olímpia, só o nosso de bocha mesmo. Se você quiser vim aqui só pra frequentar e tomar sua cervejinha, não precisa ficar sócio, pois é um ponto de encontro, onde os moradores vem, conversam, se confraternizam... Aqui todo mundo se conhece.

Igreja é muito difícil, mas eu vou aqui na Casa do Ator, nesse Igreja aqui da Casa do Ator. Vou em algumas padarias também, ali na frente.

P – Você se relaciona com os moradores vizinhos? De que forma? Se não se relaciona, por quê?

R – Eu me dou bem com todo mundo ali na minha rua. Se é estranho, a gente cumprimenta, por exemplo, se é morador novo, a gente cumprimenta pra fazer amizade, tenta fazer amizade, né, porque tá morando ali, então... E eles conversam... conversam com a gente. Então, ali inclusive tem uma república, cheio de rapaizinho, tudo cearense, eles são tudo garotada boa, são tudo bacana. E é até boa companhia assim, porque... às vezes você chega uma, duas horas da manhã, eles tão lá sentado na frente, conversando... Quer dizer... é uma companhia... não tem perigo de ser assaltado. Agora tem muita gente de fora... nessas casas noturnas aí, né. Sexta e sábado ali lota e é muita gente de fora, então, com esses aí você não tem ambiente, não tem amizade, não tem nada. Mas com a vizinhança ali, tudo bem.

P – No seu ponto de vista, quais são os aspectos positivos e negativos do bairro?

R – Pra mim é positivo morar aqui, é muito bom, porque eu achei um ambiente muito bom, um local bom, me dou com todo mundo, conheço muita gente, né. Muito bom! Eu gosto da Vila Olímpia. Agora os pontos negativos... é difícil... esse trânsito aí... é foda... não tem jeito. Isso daqui a gente não tava acostumado... agora não tem jeito... vai ter que se acostumar na marra... Então, eu não vejo problema na Vila Olímpia. O problema que eu acho na Vila Olímpia é a vida cara, o custo de vida é carinho. Do resto, aqui é ótimo, ótimo... A Vila Olímpia aqui é muito boa.

P – Como era viver no bairro antigamente? O que mudou? O que mais sente falta em relação à forma antiga de vida no bairro?

R – Ah, essa minha rua mudou muito, porque, esse pedaço aqui da rua Clodomiro Amazonas, esse pedaço aqui quando eu cheguei, até a Fiandeiras não existia. Era tudo residência ali, quer dizer não existia essa rua. E ali era fechado, né. Hoje não, hoje a Clodomiro segue até aqui à Hélio Pelegrino. Antes a Clodomiro morria na Fiandeiras. É isso.

ENTREVISTA 05: IDILIO (ANTIGO MORADOR)

Idade: 75 anos

Sexo: masculino

Escolaridade: contabilista

Ocupação: empresário

Endereço: Rua Dr. Alceu de Campos Rodrigues, 551 – Vila Olímpia, SP.

Data: 03.02.2011 às 17h no Clube de Bocha.

P – Há quanto tempo você mora na Vila Olímpia? Onde morou antes de vir para a Vila Olímpia? Por que escolheu a Vila Olímpia?

R – Há 35 anos. Antes de vir pra cá, morei um pouco mais pra cima do bairro aqui, morei na... em Moema. Escolhi aqui porque eu montei um negócio, e vim pra Vila Olímpia. Ficou perto da minha casa. O meu negócio é de material de construção, e eu escolhi aqui porque achava que era o lugar mais propício para começar um negócio. E aí eu montei um negócio de material de construção e deu certo. Há 35 anos que estou neste ramo.

P – Qual a sua relação com o bairro? Lazer? De que tipo? Onde? Estuda? O quê? Onde? Trabalha? Com o quê? Onde?

R – Frequento os restaurantes do bairro. As opções que o bairro dá de lazer é: um, este, a bocha... e... um bairro em que você tem tudo, tem tudo perto. Você tem farmácia, você tem hospital, você tem escola, você tem faculdade. É um bairro de fácil acesso.

P – Você se relaciona com os moradores vizinhos? De que forma? Se não se relaciona, por quê?

R – Sim, a minha relação com eles é boa... mas não tenho amizade... isso em São Paulo não existe, isso não existe aqui... amizade com vizinho, com morador... isso não existe. Você se diverte num lugar como este, por exemplo. Aqui você tem amigos, mas você não sabe nem se é do bairro ou não é. A relação que você tem com os moradores é de bom dia... é uma relação que não é de amizade nem de rejeição. Não é amigo, é um conhecido que você, que você pode conversar, discutir, mas não é um amigo... é outra relação. Infelizmente numa cidade como São Paulo é assim... amigo é teu amigo não porque é teu vizinho, mas é porque você tem amigo de outros lugares... mas no bairro é muito difícil. Isso existia há 50 anos atrás, quando você saía no Itaim há 40, 50 anos atrás... Eu tou por aqui há 35 anos, eu andava por aí... você... todo mundo te conhecia. Hoje não é mais assim... hoje... ninguém se conhece mais. Só velho que se conhece (risos). Os novos moradores ninguém se conhece... se forem amigos são amigos de faculdade, do trabalho, que às vezes nem moram no mesmo bairro, moram longe. A vida é assim...

Eu frequento há uns 5 anos mais ou menos o clube. Aqui eu já me inteirei com o pessoal, já venho aqui e tomo minha cervejinha, jogo bocha, mas não participo de torneios, porque eles ocupam muito o fim de semana da gente, e no fim de semana não quero me comprometer. Os jogos são no fim de semana, no domingo, e eu não quero me comprometer no domingo o dia inteiro, desde as sete horas da manhã, até às três quatro horas da tarde.

Pra mim, bocha é... a primeira vez que jogaram um esporte mais ou menos conhecido, foi na Grécia, como tudo. Mas adotou foi a Itália. A Itália que é o criador mesmo da bocha. Não sei quem foi que introduziu isto no Brasil, naturalmente foram os descendentes de italianos, não sei a história, mas só pode ser. São Paulo é uma cidade

da Itália. A quantidade de italianos que tem aqui é maior do que qualquer cidade da Itália, então, naturalmente, esses italianos que vieram como imigrantes pra cá há 60, 70 anos, vieram... o que que eles iam fazer... jogar bocha (risos). Como forma de lazer, né.

P – No seu ponto de vista, quais são os aspectos positivos e negativos do bairro?

R – De positivo, é essa condição que eu disse pra você. Você tem tudo perto, tudo próximo. E negativo, é a aglomeração, é muito trânsito, pra se locomover de veículo, não dá, é difícil, não tem lugar pra estacionar, não tem nada... Então, a vantagem de se morar aqui é que você tem tudo perto, você só precisa de carro pra ir a um lugar longe, você tem cinema, tem tudo, tem supermercado, tem três, quatro, cinco supermercados aqui. Então quase que no seu cotidiano, no seu dia-a-dia, você não utiliza carro. Só serve mesmo pra ir pro serviço e voltar. Essa que é a vantagem. Agora, o aspecto negativo é isso mesmo... essa urbanização desordenada no bairro, que inclusive espantaram todos os moradores daqui, agora só tem prédio. Casa não tem mais na Vila Olímpia. Isso porque houve um desenvolvimento no bairro, né. Isso foi atraído justamente por causa dessa facilidade né, todo mundo podia morar no Itaim. Um terreno que custava há 20 anos atrás 3 mil reais o metro quadrado, hoje custa 12, 10. Muita valorização isso aqui...

ENTREVISTA 06: WILSON (ANTIGO MORADOR)

Idade: 46

Sexo: masculino

Escolaridade: segundo grau completo

Ocupação: motorista e músico (92550916)

Endereço: Rua Casa do Ator, 447, casa 02 – Vila Olímpia, SP.

Data: 03.02.2011 às 16:20h na Lanchonete “Lanches amazonenses”, na Rua Clodomiro Amazonas, 1393, importante ponto de encontro entre os antigos moradores do bairro.

P – Há quanto tempo você mora na Vila Olímpia? Onde morou antes de vir para a Vila Olímpia? Por que escolheu a Vila Olímpia?

R – Eu nasci no bairro, então moro aqui há 46 anos.

P – Qual a sua relação com o bairro? Lazer? De que tipo? Onde? Estuda? O quê? Onde? Trabalha? Com o quê? Onde?

R – A minha relação maior com o bairro é de lazer. Eu faço parte de dois clubes, o Clube do Canto do Rio, que tem uma sede aqui no Brooklin e outra em Vargem Grande e do Clube Beira Rio. Frequento também a Igreja do Divino Salvador que é na frente da minha casa na Rua Casa do Ator.

P – Você se relaciona com os moradores vizinhos? De que forma? Se não se relaciona, por quê?

R – Eu me relaciono com os vizinhos, mas hoje muito pouco, eu conto nos dedos de uma mão quem são meus vizinhos antigos. Muitos já saíram daqui, porque hoje a Vila Olímpia é um lugar muito caro pra morar. Antigamente, eu tinha que dizer que morava no Itaim Bibi, porque ninguém conhecia Vila Olímpia, hoje quando eu falo que moro na Vila Olímpia, “Nossa, você mora bem, hein!”. Um pãozinho aqui custa quase um real, é tudo muito caro aqui, não dá pra viver mais aqui, a gente tá pensando em se mudar pra outro lugar em que a qualidade de vida seja melhor.

A Vila Olímpia não é mais como era antigamente, eu falo com os vizinhos, mas eu falo quando me cumprimentam, quando não me cumprimentam, por exemplo, eu não falo porque é chato você dar bom dia e não ser correspondido, né!

O lixo aqui na Vila Olímpia é muito rico. Têm muitos carroceiros aqui que vivem do lixo. Eu conheço um cara que pagou a faculdade particular da filha só vendendo o lixo que ele arrecada aqui na Vila Olímpia. Hoje em dia a filha é advogada. Eu conheço também outro cara que pagou a faculdade particular pra dois filhos só vendendo pipoca na frente da Anhembi Morumbi.

P – No seu ponto de vista, quais são os aspectos positivos e negativos do bairro?

R – Os pontos positivos que eu acho é que aqui você tá perto de tudo né! Dá pra ir a pé pra vários shoppings, Vila Olímpia, Ibirapuera, Morumbi, dá pra fazer tudo andando. Em 10 ou 15 minutos você tá no centro. Isso é bom. Agora como ponto negativo, tem muita coisa. Esse crescimento desordenado, o trânsito, a violência que tem aumentado... Hoje o bairro tá muito caro. O metro quadrado aqui chega a quinze mil reais. Isso é um absurdo!!!! E aí os impostos são muito altos também. Imagina pagar IPTU de um imóvel com mil metros quadrados de uma casa como a minha. Eu moro aqui desde criança e isso aqui mudou muito!

Ali pra cima da Rua Nova Cidade em direção à Rua Olimpíadas e Funchal é bem mais comercial, tem muitas empresas e tudo... Aqui mais pra baixo da Helio Pelegriño, com a

Ribeirão Claro é mais residencial. Eu tenho a impressão que isso não vai mudar muito, porque essas incorporadoras vão começar a construir condomínios de luxo aqui para baixo pra esses trabalhadores dessas empresas comprarem seus imóveis perto do trabalho, aí eles metem a mão né!!! Afinal, que não quer morar do lado do trabalho?

P – Como era viver no bairro antigamente? O que mudou? O que mais sente falta em relação à forma antiga de vida no bairro?

R – Hoje em dia muito pouco, mas antigamente fazíamos torneios, jogávamos bola na quadra, treinávamos, fazíamos teatro, dança. Eu fui batizado nessa igreja, fiz primeira comunhão, crisma, fiz tudo nessa igreja, mas hoje em dia a gente não frequenta mais muito, porque o pessoal que administra é um pessoal novo, que não conhece muito a gente, que não conhece o pessoal da rua, os vizinhos, e hoje quem frequenta essa igreja são esses engravatados de calça suja que só tem aparência. Essas são as pessoas que administram a igreja e que não deixam a gente fazer mais nada lá. Tem umas salas lá com lousa e cadeiras novas, mas a gente não vê eles usarem, né! Não fazem trabalho com a comunidade nem nada...

Nessa Rua Casa do Ator, na rua que eu moro desde criança, antigamente tinha a casa dos artistas, por isso o nome da rua, e uma vez por ano tinha uma festa dos artistas que fechava a rua, passava um circo, com leões, e animais, era muito legal. Hoje em dia, a Casa não está mais aí, e a gente nem sabe pra onde foi. A Universidade Anhembí Morumbi comprou o térreo onde era a casa e agora é da universidade.

ENTREVISTA 07: CAIO (NOVO MORADOR)

Idade: 24 anos

Sexo: Masculino

Escolaridade: Superior completo (engenharia química) - 82662202

Ocupação: Consultor de Marca

Endereço: Rua Eduardo de Souza Aranha, 67, Vila Olímpia – São Paulo.

Data: 10.08.2011 às 8h no Franz Café da Rua Bandeira Paulista.

P – Há quanto tempo você mora na Vila Olímpia? Onde morou antes de vir para a Vila Olímpia? Por que escolheu a Vila Olímpia?

R – Na verdade, eu nasci aqui no São Luis, morei aqui no Itaim, do outro lado, né. Morei alguns anos, depois fui pra zona sul, pra perto do alto da boa vista, Santo Amaro. Quando eu entre na faculdade, em 2004, eu mudei pra Alphaville, e lá eu ainda tenho minha casa, meus pais moram lá, mas ano passado que a gente comprou esse apartamento aqui na Vila Olímpia.

É, a gente tava, na verdade... a gente já conhecia bem o bairro, né. Eu morei aqui, a minha mãe morou muito tempo aqui, eu nasci aqui, já fazia algumas coisas por aqui, quando morava aqui em São Paulo... Eu sempre cortei, corto o cabelo aqui na frente, minha mãe também, então eu já conhecia a região. A gente procurou apartamento, na verdade, tanto aqui na Vila Olímpia, como Itaim e Jardins. E... bom, Jardins, a gente viu que pelos prédios, muito antigos, não tinha vaga, também o acesso, a gente tem que entrar um pouco mais na cidade, porque a gente vem aqui pela Marginal, a gente vem lá de Alphaville, então Jardins já é um pouco mais trabalhoso. Itaim também a gente procurou, mas muito trânsito. E aí, essa região [Vila Olímpia] a gente achou um pouco mais fácil. Acho que a gente não tinha considerado de primeira vez, mas aí alguns corretores vieram mostrar o cartão... É que eu acho que a gente tinha uma concepção de um bairro mais comercial aqui, e eu tinha a concepção mais de barzinho... Logo que eu fiquei adolescente eu vinha muito pra cá pros barzinhos, mas... é... E aí eles já trouxeram pra cá, é mais tranquilo, assim... Não tinha mais aquele burburinho do Itaim... O acesso também foi um grande diferencial... do lado da Juscelino, Santo Amaro.

P – Qual a sua relação com o bairro? Lazer? De que tipo? Onde? Estuda? O quê? Onde? Trabalha? Com o quê? Onde?

R – Só moro, só. Eu trabalho em Alphaville... O que a gente buscou aqui é... que eu trabalho muito a noite aqui em São Paulo, e a gente fica ali perto do Eldorado, então, é aqui perto. Então, eu venho aqui só pra dormir, e fim de semana que eu fico mais, assim... Durante a semana eu durmo mais em Alphaville, e nos finais de semana eu fico mais por aqui. O shopping Vila Olímpia eu frequento, pra comer alguma coisa, cinema... Acho que lazer... acho que só é isso. Não sei... tem algum parque aqui? É... tem o parque do povo, né, mas eu não conheço, nunca fui lá.

P – Você se relaciona com os moradores vizinhos? De que forma? Se não se relaciona, por quê?

R – Não, não conheço o pessoal da rua. Eu conheço algumas duas pessoas no meu prédio, até porque eu mudei a pouco tempo, né, faz um ano. E, conheço duas pessoas no prédio, mas assim, conheço porque as vezes a gente se fala, um deles é o síndico, a gente se fala por MSN, pra ficar a par do prédio, do que está acontecendo...

P – No seu ponto de vista, quais são os aspectos positivos e negativos do bairro?

R – Além do fácil acesso, eu acho que a localização é muito boa, muito central, você tá em qualquer lugar da cidade, você tá rapidamente. Qualquer coisa eu vou pro Centro, qualquer coisa eu vou pra Zona Leste, em 10 minutos eu tou lá. Éee... acho que os serviços também, dá pra fazer muita coisa a pé, muita coisa é perto, mercado, farmácia, padaria, cabeleireiro, restaurante. Assim, durante a semana, eu confesso que qualquer coisa que eu vou fazer pelo bairro eu pego o carro, mas fim de semana, eu procuro andar mais a pé. Encontro gente passeando com cachorro, gente caminhando. Eu também tou do lado aqui da Brigadeiro, qualquer coisa eu pego um ônibus, vou pra Paulista, mas assim... Lógico, queria o metrô aqui, mas... isso eu penso todo o dia, mas de ponto negativo, nada, acho que nada mesmo. Não utilizo o trem.

É eu acho que tenho uma relação com o bairro, tipo, sempre tive contato, mas de fora, assim... Acho que é um bairro de conveniência e oportunidades.

ENTREVISTA 08: BERNARDO (ANTIGO MORADOR)

Idade: 60 anos

Sexo: Masculino

Escolaridade: Secundário

Ocupação: Presidente do Conselho de Segurança do Itaim há 15 anos

Endereço: Rua Dr. Octávio de Oliveira Santos, 336

Data: 23.08.2011 na Delegacia Geral de Polícia na Rua Renato Paes de Barros, 340.

P – Há quanto tempo você mora na Vila Olímpia? Onde morou antes de vir para a Vila Olímpia? Por que escolheu a Vila Olímpia?

R – Morei na Vila Olímpia uns 50 anos. Antes de vim pra Vila Olímpia morei em Santana. Meu pai resolveu se mudar na época pra Vila Olímpia por motivo de trabalho, porque tinha uma marcenaria na Rua Anajás, e depois desceu pra Bandeira Paulista, e trouxe a família

P – Qual a sua relação com o bairro? Lazer? De que tipo? Onde? Estuda? O quê? Onde? Trabalha? Com o quê? Onde?

R – Ah, eu estudava, jogava bola, tinha umas amizades aí, né... Estudei na escola primavera, era particular, ficava no bairro. Comecei a frequentar o Ibirapuera, quando foi inaugurado, a Escola de Dança que a gente também frequentava, muitas coisa, né... Joguei no Flor do Itaim, um clube de futebol que tinha lá no Parque do Povo, no Marítimo, também. Antes tinha as favelas lá, né, agora eles tiraram as favelas.

P – Você se relaciona com os moradores vizinhos? De que forma? Se não se relaciona, por quê?

R – Ah, nessa época a gente conhecia todo mundo, né! Conheço o ex-secretário de segurança Saulo de Castro que era daqui, a gente futebol no meio da rua e tudo. No começo, quando a Bandeira Paulista tinha uma só farmácia aqui, e tinha um que tinha um carro, era um galaxy. A gente deixava ele meio louco, porque ele não queria que a gente jogasse bola no meio da rua, perto do carro, né (risos). Mas era uma época boa! A Nove de Julho era um córrego, né, não tinha tudo isso que tem hoje. Não tinha nada, não tinha casa, não tinha prédio. Aqui mesmo, na delegacia, era oficina mecânica.

P – No seu ponto de vista, quais são os aspectos positivos e negativos do bairro?

R – O bairro progrediu bastante dessa época pra cá, né. Trouxe o comércio, o progresso, e por outro lado tem a questão da segurança junto, né. Infelizmente, trás o policial do crime como ladrões e tudo. Cada vez que atacam a cidade é pior ainda, porque aí eles atacam os bairro, né. Hoje mesmo, tivemos uma informação do Extra que alguns indigentes entram lá e ficaram ameaçando pagarem alguma coisa pra eles. Então... vamo [*sic*] dar uma averiguada agora e vamo [*sic*] ver o que podemos fazer. Esses indigentes são de outros lugares, são daqui do bairro também... Teve um caso muito sério há anos atrás com o Banco Itaú na Rua Clodomiro Amazonas, o gerente veio e conversou comigo... Um dia, à noite, fui sacar dinheiro... Existe uma mulher aí que ela vem mais pro fim do ano. Daqui pra frente ela começa a aparecer. E ela vem com filhos, netos, bisnetos, trás o capeta pra cá, junta todo mundo, dorme na rua e tudo. E eu sentei com o delegado e disse o seguinte, que eu fui atacado por eles um dia, fui sacar dinheiro no caixa eletrônico à noite e eles me atacaram. Aí, eu sentei com o delegado falei o que tinha acontecido, pegamos a viatura e trouxemos eles pra cá. “Nós vamos fazer um B.O. da gorda, da mulher de abuso de menores, né!” Aí, fizemo [*sic*] tudo né, e aí ela foi

embora. Mas o dia que eu chamei a viatura pra fazer isso, fui quase atacado, quase linchado pelo povo. “Pô, ela é uma coitada, como é que você vai fazer isso, não sei o quê...”. Aí, eu chamei um deles e disse: “Vem cá, quantas propriedades vocês têm? Uma? Uma só? Tudo bem! Você sabe quantas propriedades ela tem? Quatro, três alugadas, tá! Só pra você saber o que que é isso!” A gente tinha averiguado toda a vida dela e tudo, né... Pra você ver como é que é. Junta o fim do ano, mas é um bando de meninos e filhos dela que vem pra cá... Hoje eles ficam mais na Bandeirantes... Às vezes as pessoas não sabem e ficam com dó, eu não tenho mais dó, não dou nada na rua. Eu dou pra instituição, mas na rua eu não dou um tostão. É... vai pras drogas... pro lugar certo não vai, né. Infelizmente a lei é essa... Às vezes um indigente tá passando mal, ou qualquer coisa, a gente chama a assistente social, chama a... e eles não querem ir, e a gente não pode fazer eles ir. Eu acho que tá errado porque eles são uns demente total que não sabem nem o que tão fazendo. Eles tem que ir lá pra tratar esse pessoal. Não pode! Aí, fica tudo de mão amarrada aí, né. Ali naquela parte da Funchal tem uma favela, a favela Coliseu. Aquela área melhorou muito e teve uma época que a Coronel aqui, ela quis fazer operações lá dentro, só que ela não conseguiu entrar. Ela falou comigo e eu conhecia a chefe lá, a gente conversou, e aí foi ótimo o negócio lá, né. Isso foi ótimo. O capitão que chegou uma vez aqui, colocou uma viatura lá na porta, aí foi a maior encrenca, que aí vem um deputado lá da favela Heliópolis, veio com um carro que queria tirar a viatura daqui, porque queria e tal, disse um monte de coisa... Foi uma encrenca, uma encrenca... No fim, conseguimos que ela ficasse. Aí eu fui falar com o secretário e tudo. Hoje essa favela não representa tanto uma insegurança pra região, mas na época tinha muita venda de drogas e tudo, e até esse grupo dos Mamona vivia lá... É... já teve cada coisa já lá. Feio, né! A favela do Parque do Povo, também era outra terrível e lá, três, quatro ganharam muito dinheiro, né. Eles não viviam nem aqui, viviam no Norte e tinham uns barraco lá que eles alugavam e tinha um supervisor que olhava. Aquilo foi desmanchando e você não imagina... a luta pra cidade pra acabar com aquilo... Foi terrível! Conseguimos acabar mas foi uma luta terrível. E lá tinha uma casa, com portão automático lá dentro, três carros importados, duas ou três motos também, tinha umas outras casas também, tinha propriedade melhor que muita casa por aqui lá dentro da favela. E do que que era? De tráfico né! Mas conseguimos [sic], briga aqui, briga lá e consegui fazer as coisa, né. Depois que fizeram a Juscelino, a... como chama a prefeita? a... Erundina! Ela entrou e começou a aterrar tudo, aterrou tudo, porque ia fazer isso, ia fazer um túnel. Depois entrou a Marta pra acabar, porque já tinha sido feito um túnel né, e disse que não ia continuar, que ia parar tudo! Foi uma briga muito feia com as Conseg e tudo, porque eles queriam fazer um teatro lá embaixo dentro do túnel, e já tinham acertado com o teatro de Israel. Eu joguei até a reportagem fora... Eu não me conformava... Como é que iriam fazer um teatro lá dentro? Se passa mal alguém, como é que entra uma viatura lá dentro do túnel? Do túnel da Juscelino! Olha, fui uma encrenca, meu amigo! Como é que ia fazer, cheio de gente, lá! Uma ambulância pra entrar lá, uma viatura pra entrar lá, um bombeiro pra entrar lá, como faz? Não entra, morre tudo lá dentro. Foi muita, e conseguimos segurar.

P – Como era viver no bairro antigamente? O que mudou? O que mais sente falta em relação à forma antiga de vida no bairro?

R – Olha, essa área era tudo rua de terra, tanto que a Bandeira Paulista chamava rua Tapera, depois foi pra 1932, e depois virou Bandeira Paulista. Era tudo terra batida, todas as ruas daqui, mas era gostoso, bem tratado e tudo, não tinha prédios, não tinha nada, era tudo casa, né! Um conhecia o outro, era uma família praticamente! Muitos italianos aqui e tudo! Era bom! O bocha eu conheci aqui. Eles ainda tão lá na Hélio

Pelegrino, né. O córrego do sapateiro desaguava no Rio Pinheiros, e tinha uma pontezinha que a gente atravessa pra ir jogar bola lá clube, lá onde era o Parque do Povo, era gostoso lá! O clube de futebol era muito bom, infelizmente entrou uns pessoal lá e queriam ganhar em cima das coisas, sabe, tanto que eu fui um que briguei por isso aqui, e enfrentei alguns colegas na época meu, do Fórum, ficaram louco comigo, porque ia se acabar com tudo. Aí, eu falei “Vocês tem tudo assinado?” E eles falaram: “não precisa, não precisa!” Se eles tivessem tudo assinado, não saiam. Eles não tinham uma assinatura, não tinha nada e tendo favela lá dentro, aquilo tava despencando feito louco, ninguém tava conseguindo segurar. Eles não olhavam pro outro lado, hoje, né, eles erraram, pagaram pelo erro, né!

O objetivo maior da Conseg pra essa área específica é a segurança, né! Tem criminalidade porque aqui a parte financeira é alta né. Então infelizmente a turma sai e desemboca lá e vem pra cá. Quando se construiu o metro... aquela estação lá em frente ao Eldourado, meu Deus do céu! Um inferno. Pessoal vinha de metro, descia e começava assaltar direto. A gente ia lá segurava os caras, pulava e trazia eles pra cá. Terrível né. O Maluf queria fazer o metrô até a Faria Lima, mas não tinha condições naquela época né, mas tem, o metrô tá hoje aqui né. Até o Rio Pinheiros tem metrô hoje, né! Tem o trem na estação Vila Olímpia, também. Mas quando começou o metro foi terrível, no shopping Eldoudaro a coisa despencou bem mesmo... os nego de Itaquera de tudo quanto era lado eles vinham pra cá, roubar, assaltar. A questão financeira aqui... tão todos por aqui mesmo, né. Então, é duro essa parte aqui! O dinheiro corre aqui, né. E hoje tem muito menor, com isso né! O mais velho, por exemplo na Faria Lima, o mais velho fica na calçada, e o menor vai atacar, porque com o menor não dá nada, né. Esse que é o grande problema nós temos hoje. O menor entra aqui e sai logo, não dá nada. Hoje também não tá pegando nem pro outro mais, porque paga a fiança e fica esperando... (risos). É pior a coisa, né! Quanto ao trânsito, infelizmente a CET não colabora. Eu já mandei 98 ofícios pra CET que não responderam. 58 da subprefeitura eu mandei pro Kassab, inclusive a subprefeitura tá nos abandonando, não tá nem vindo mais na reunião do Conseg. Desde outubro, foi a última vez que veio alguém da prefeitura aqui. Agora com o Kassab, nossa paciência esgotou, nós tamo recebendo reclamações todo o dia. O que poderia melhorar em relação ao trânsito é sincronizar os faróis, é a primeira coisa, porque abre um fecha outro... E ter um pouquinho mais de fiscalização em geral no trânsito, essas velocidade alta... som alto, aí... Infelizmente nós só vemo as coisa acontecerem às cinco horas da tarde, na hora do rodízio, eles ficam por aí. Eu mesmo tomei uma multa aqui na João Cachoeira, que por pouco eu sento a mão na cara. Não, porque, fio brincadeira o que aconteceu. Cheguei lá e falei “Meu amigo, o que que você tá multando?” “Ah, aqui é guia rebaixada!” Eu falei que não era guia rebaixada e que eu estava com o cartão zona azul dentro do carro, essa faixa aqui ó, é guia levantada, pessoal tá fazendo reforma na calçada, né... “Ah, mas agora o senhor não pode fazer mais nada, só interpondo recurso!” “Me dá uma declaração que o senhor se enganou!” Aí ele falou: “Não, não posso! Você entra com o recurso”. Entrei com o recurso e perdi. Aí eu tava na secretaria de segurança, naquela época lá, aí marquei uma reunião com a diretoria, com os Consegs que estavam com problema, não é só o meu Conseg que está com problema, todos os outros também não tão tendo atendimento da CET. E aí eu falei pro diretor olhar o meu caso, “Isso passou pelo senhor e voltou indeferido”, eu falei. “Não pode ser. Passou por mim e eu não vi. Entra de novo”, ele disse. Palhaçada! Não entro mais com nada. Não sei se tão precisando de dinheiro, não sei o que que é, mas tão feito louco aí. É só multa, multa, multa, não olham outra coisa.

E a CET foi criada pra ajudar o pessoal no trânsito, mas você não vê o CET ajudar. Agora, aplicar multa, eles sabem. Infelizmente tá desse jeito isso!

ENTREVISTA 09: HELCIAS (ANTIGO MORADOR)

Idade: 65 anos

Sexo: masculino

Escolaridade: Biólogo e Pós-graduando em Jornalismo Científico

Ocupação: Consultor

Endereço: Rua Luís Dias, 48, Vila Olímpia, São Paulo (antiga travessa do Porto)

Data: 19.08.2011 às 14h na Biblioteca Anne Frank, na Rua Cojuba, 45.

P – Há quanto tempo você mora na Vila Olímpia? Onde morou antes de vir para a Vila Olímpia? Por que escolheu a Vila Olímpia?

R – Morei na Luís Dias desde 47 até 2008. Eu vim com um ano pra cá, né. Eu sou paulista, morava lá na Liberdade, na Martiniano de Carvalho, né. Não sei se você já ouviu falar na Vila Itororó. Então... ali era um conjunto de casas e... quartos, né, que a minha avó morava lá com a minha mãe, que casou, né, com o meu pai, e... nasceu meu irmão mais velho em 44, em 46 eu nasci... aí ficou pequeno o cômodo, né... e o meu pai veio pro Itaim porque era mais barato vim pra cá, na época. Vila Olímpia, era mais barato ainda, né... porque... a Vila Olímpia, ela... só teve esse desenvolvimento após a construção da Juscelino Kubitschek, na verdade após a canalização do Córrego do Sapateiro que passa por parte da Vila Olímpia, né. Aí ligou o Itaim com a Vila Olímpia, com essa área daqui. Essa área da Vila Olímpia, era uma área que inundava muito, não sei se você viu aqui, né... Aqui tinha um córrego, o Córrego do Sapateiro na Juscelino Kubitschek, na hélio Pellegrino tinham dois córregos que era o Uberaba e o Uberabinha e na Bandeirantes tinha o Córrego da Traição, né. E é uma baixada né, uma baixada pra chegar no Rio Pinheiros. Então, era sujeita a grandes inundações, né... e a inundação ficava por vários meses. Então essa área daqui era uma área muito mais prestigiada do que a área do Itaim que tá numa parte mais alta, embora sofresse inundação também, porque também é cortada por córrego. Tudo isso aqui... toda essa... Pinheiros é uma área de Várzea, certo?! E assim... é... a partir da construção, é... da canalização do Córrego do Sapateiro e a construção da Av. Juscelino Kubitschek e com, em seguida dos outros encanamentos dos outros rios, houve esse *boom*, essa transformação da Vila Olímpia. E a Vila Olímpia agora, né, ela tem um aspecto, assim... imobiliário, não sei se é tão grande, mas eu acredito até maior que o Itaim, né. Até pela presença de grandes empresas ali nas Nações Unidas. A Vila Olímpia tem uma particularidade, não sei se você conversou com a Ana, né, o porquê do nome Vila Olímpia? O Policarpo, né, ele era... ah, deixa eu te contar da história do Policarpo. O Policarpo era um carroceiro, né, como todo o imigrante pobre, né, que veio aqui pra trabalhar, e juntou um dinheirinho e comprou essa parte daqui da Vila Olímpia dos Couto de Magalhães, né. Ela deve ter contado isso (Ana)... Até porque era desvalorizado, né, então ele comprou, que inundava. E próximo a Av. Santo Amaro, ele montou uma Chácara, ele cultivava flores, né, era chamada Chácara das Flores. É... é bem na esquina... sabe onde é... pra você ter uma referência, né, porque era uma área muito grande... sabe onde é a FMU, onde tem a faculdade lá, então... do lado de cá que era a Chácara das Flores, toda essa área, né... que vinha até o Rio Pinheiros. Só que ele chamou o irmão dele, lá da Ilha da Madeira, de Funchal, [aí você vai começar a entender, né...] e falou; “Oh, cê fica lá embaixo que eu fico aqui em cima” (risos). E aí o... o irmão dele montou uma outra Chácara que plantava batata, vendia leite, plantava verdura, ali na parte mais baixa, que é a parte baixa da Vila Olímpia. E a mulher dele se chamava Olímpia, a mulher do irmão dele, do irmão do Policarpo. Os dois irmãos eram da Ilha da Madeira, de Funchal [não sei se você tá ligando, né...], e aí... o pessoal perguntava, né... “Você vai na Chácara das

Flores? Não eu vou na Chácara da Dona Olímpia”. E aí a Chácara da Dona Olímpia que é a parte mais baixa virou a Vila, né... o local da Vila, que agora é Vila Olímpia. Por isso que tem Vila Olímpia e Funchal, porque eles eram de Funchal. E tem uma área da Vila Olímpia que se chama Funchal. Se você for na subprefeitura de Pinheiros e você abrir o site, você vai ver que no distrito do Itaim Bibi tem dezenove bairros, eu nem sabia, depois que eu fui vê, né... abre o site, né... e vê a divisão, e tem um bairro chamado Funchal, que é uma parte... acho que... pra mim eu acredito que seja ali da Av. Funchal, aquela parte ali... que com o passar do tempo, né... virou um bairro, tomou o nome de um bairro, entende.

P – Qual a sua relação com o bairro? Lazer? De que tipo? Onde? Estuda? O quê? Onde? Trabalha? Com o quê? Onde?

R – É... como eu disse pra você eu vim com um ano pra cá, né. Que na verdade, quando nós viemos, nós fomos para as Fiandeiras, ali... próximo da Av. Hélio Pelegrino. No primeiro ano, né... inundou, porque o córrego do uberabinha nos fundos da minha casa, e o meu pai falou, “não, não fico aqui não. Nem índio mora na beira de Rio, porque eu vou ficar”. Ele era semi-analfabeto mas tinha essas características. E como ele era funcionário público, conseguiu uma hipoteca nessa época lá... e viemos morar então na Luiz Dias, e ficamos lá, morando numa casinha... depois eu posso passar por e-mail pra você a foto da casinha. Aí em 60 com essa modernização, ele resolveu fazer um sobrado, aí começou a descaracterizar, né, que eu acredito, descaracterizar, não, né, mas tentando acompanhar a chamada modernidade da época. O terreno era todo de terra, tinha plantações. Aí... ele pegou e ladrilhou com os caquinhos todo o quintal (risos) que era a coisa mais moderna que existia... ficou seis meses pondo os caquinhos lá (risos), né... e... Então, eu cresci aqui no bairro. Com quatro anos, eu frequentei uma biblioteca que agora é a creche aqui desse quarteirão, que chama o quarteirão da cultura, que foi a primeira creche, né, fora do centro de São Paulo, dedicada a criança. Então a primeira creche infantil fora do centro foi aqui (ao lado da Biblioteca Anne Frank), né... e a creche é a uma creche infantil do Itaim, nem Bibi existia... E quem indicou foi Monteiro Lobato, o local. E com quatro anos, todo esse quarteirão era um parque, chamado parque infantil, naquele conceito de ter um parque, depois ter uma biblioteca e ter uma escola, né, o conceito parque-escola, não sei se você já ouviu falar... que começou em final de 40, 50, né, e... era um parque infantil toda essa área. E minha mãe tinha que trabalhar, meu pai também, e nós frequentamos aqui o parque infantil do Itaim, desde os quatro anos, meu irmão com seis e eu com quatro. Só que tinha a biblioteca, né, e a biblioteca só podia entrar nessa casinha quem soubesse, né, ou tava aprendendo a ler e escrever. E eu não podia e ficava chorando, né... (risos). E aí a minha mãe conversou com a bibliotecária e ela permitiu que eu entrasse nessa casinha aqui. e tinha que ficar lá... então ela pegava um livro, Dona Dora, pegava um livro e começava b-a-bá, e com seis anos eu sabia ler razoavelmente, mas não sabia escrever (risos). Então essa é a relação de coisas, né... eu cresci e estudei no colégio Costa Manso, ali na João Cachoeira em frente ao supermercado Extra, né. Antes disso, eu estudei... fiz o primário lá no Santo Alberto na Bela Vista, que a minha mãe era costureira dos padres, ali na Martiniano de Carvalho. Depois eu vim pro Meninópolis que era no Brooklin, fiz o ginásio lá e o colégio fiz a noite no Costa Manso. E já era época do início da Ditadura, né, 62, 64... Ai... a gente começou a fazer um movimento, né, estudantil, e o diretor do Costa Manso, muito sabiamente, ele separou os manifestadores do Costa Manso... que tinha um colégio chamado Ceciliano José Henris, que agora está aqui no quarteirão, certo... ele... depois eu conto porque que ele está aqui... Aí, eu estudava a noite nesse colégio Ceciliano José Henris, que era um colégio também antigo, né, como se fosse

uma extensão do Costa Manso, até chamado de “Costinha” ou “amassa sapo”, que quando você entrava na sala de aula, tinha um monte de sapo por causa da várzea da região. Eu ia a pé... até o shopping agora Vila Olímpia, eu ia a pé... a molecada saía andando lá do Meninópolis né, então a gente vinha a pé... farra de criança. Então eu percorri toda essa área andando, né, pela... a pé mesmo... brincando... Aí, depois eu fui fazer biologia... fiz biologia, e pra mim era fácil né, porque eu saía daqui do Itaim, e dependendo do trânsito eu ia a pé pra USP (risos) que é aqui pertinho. Então eu tenho essa relação muito grande. Essa biblioteca, né, eu vi inaugurar, esse prédio novo, entende... que esse é um prédio novo... novo da década de 50, mas se você notar a arquitetura é modernista, entende. E é por isso que nós, o grupo de memória do Itaim Bibi, que aqui agora nos unimos com outro movimento, chamado de movimento em defesa do patrimônio e da cultura, nós estamos defendendo este quarteirão que tem oito equipamentos públicos, tem uma creche, uma escola infantil, um colégio, um posto de saúde, um biblioteca, um teatro, a APAE e o CAPS... Se você abre o site do “Memórias” a gente só tá se dedicando a isso daí, colocando tudo o que aparece na imprensa, com os comentários também.

Nessa época se brincava de brincadeira de criança, né, porque não existia videogame, televisão poucas casas tinham, embora meu pai nessa rua foi o segundo a comprar televisão, “invictus”, né, então domingo enchia de criança em casa pra ver televisão, então poucas casas né... a gente brincava era na rua. Quando... mais pequeno né, eu frequentei aqui o parque porque era todo o quarteirão, pra mim era uma delícia, cheia de árvores frutíferas e tudo, né, e... eles davam um lanche, né... na época não davam almoço, tinha que trazer a marmita e só esquentava, mas tinha o café da manhã, tinha o lanche da tarde, tinha atendimento odontológico, tinha professor de educação física, que era de esportes que a gente chamava, né, não educação, era professor de esportes, e... aí a gente ocupava todo esse quarteirão daqui, que era o parque infantil.

P – Você se relaciona com os moradores vizinhos? De que forma? Se não se relaciona, por quê?

R – Sim, a rua que eu morava era uma travessa, né, a antiga Travessa do Porto, então tinha muita criançada também, né. Mas eu... meu pai não deixa eu brincar direto na rua. Tinha a turma da rua, né, e tinha a turma que não era muito da rua que era a turma da Igreja, que frequentava a Igreja Santa Tereza de Jesus. Mas como eu disse pra você, essa turma da Igreja também saía pelo... pela redondeza, né, atravessa o córrego do sapateiro, né, que agora é a Juscelino e ficava rodando por aí, quando eu estudava no Meninópolis, no Brooklin, né, e quantas vezes eu vinha a pé, às vezes, descia no ali Morumbi, e ia até... a gente chamava de larguinho... laguinho, aliás, que agora é o Parque Burlle Marx, ia pra lá, passeava, ficava rodando pra lá também o dia todo e ficava fazendo essas brincadeiras de... de criança mesmo. (...) Mas eu tive uma infância muito boa, que era uma infância livre, né. A gente saía aqui do parque né, e tinha muitas casas com árvores frutíferas, e ia roubar goiaba, essas brincadeiras que a gente fazia.

É o parque do povo, que agora é o Parque do Povo, ele... ali aquela área toda existiam onze times de futebol, foi chegando pra lá, né. E eu jogava num time que era ali do outro lado da Cidade Jardim, né, que era chamado Campo do América, onde agora tem o shopping ali... que o Rio Pinheiros tinha sido recentemente... canalizado, e uma particularidade que é interessante, né, o Itaim, essa... o Parque o Povo, antes da retificação do Rio Pinheiros que começou em 49... em 29, desculpa, e terminou em 40, né... é... não ficava no Itaim, dessa margem daqui... ficava do outro lado da margem, porque o Pinheiros fazia uma grande curva que vinha até a Salvador Cardoso, aqui, entende. (...) Mas meu pai foi jogador de futebol, foi técnico de bola desses onze times

aí. Eu jogava no campo do América, né, mas o time eu jogava no time da Igreja, o time onde a gente frequentava a Igreja de santa Terezinha de Jesus. No América eu jogava ali domingo pela manhã, e o pessoal da Igreja jogava no domingo a tarde. Eu jogava no segundo... porque tinha o primeiro time e o segundo time, né. Primeiro que eu não ganhava todas então não era tão bom pra jogar no primeiro (risos), e segundo que eu já tava crescendo, tinha uma namoradinha, né, e aí... antes eu podia sair, tomava um banho e ficava com a namoradinha, só passar em frente a casa dela, nem pegava na mão... naquela época não pegava na mão. Então era esses dois motivos aí, preferia jogar no segundo mesmo... Então eu tive uma... uma ligação muito grande com essa região, principalmente com esse quarteirão do Itaim Bibi, principalmente porque toda a minha formação e não só da minha geração como de outras gerações até agora né, se deram a existência deste quarteirão. Se você tem um quarteirão, uma creche, uma escola infantil, tem um colégio estadual de ensino fundamental, tem ex-alunos que fizeram todos os três, que frequentaram, e estão fazendo a USP. Então existe uma relação muito grande né, que a gente de valor imaterial para a região, e é por isso que nós tamo lutando pra que esse quarteirão não se acabe, mesmo porque representa, e é o único que entrou no conceito parque-escola, onde você tem todos esses equipamentos reunidos, né, com assistência de saúde né, por causa do posto de saúde. As crianças, elas percorrem aqui as escolas, sem sair do quarteirão, você vê, sempre tem uma portinha, então quer dizer, vem aqui na biblioteca, no teatro faz uma festinha, abre a portinha e vem a criançada, então você vê eles entrando aqui, quer dizer eles não saem do quarteirão, tem uma dinâmica, né. Tem algum problema de doença, o médico tá lá.

P – No seu ponto de vista, quais são os aspectos positivos e negativos do bairro?

R – (...) Eu... bom... eu acho que todo o progresso gera necessidade, não sou conta o progresso, eu não quero voltar a andar de... de carroça, de burro, né, eu quero andar de ônibus e de carro bom, né, quer dizer... embora não tenha carro (risos). E.. então... mas todo o progresso gera necessidade, então, você tem que tá fazendo antes... você que tá estudando esse aspecto, né... A sociedade tem que se adequar a isso, né, os poderes públicos também têm que ver essa parte, né. Por exemplo, você veio de Portugal, você vê que eles fazem a mudança interna, externamente eles mantêm ou até preservam e fazem uma restauração. Aqui não, eles querem derrubar tudo pra construir prédios. Quer dizer... é um conceito... primeiro é um desrespeito ao ambiente, né... aí fala um biólogo, que aqui (na biblioteca) tem quarenta espécies vegetais entre exóticas e nativas catalogadas pela USP, foi um colega meu que me ajudou, aqui neste quarteirão, não são grandes exemplares, mas se você olhar na parte de cima ou ver no Google, você vê que é a única área verde, né... o Parque do Povo tá se formando agora, entende... mas é a única área verde mantida no quarteirão cercada por prédios e... querem acabar com isso. O prefeito fala que não vai derrubar nenhuma árvore... duvideodó né, porque como é que você vai construir prédios sem derrubar nenhuma árvore, quer dizer, não vai né... pode até fazer uma compensação, né, derruba daqui e planta não sei a onde, mas essa área daqui ficou prejudicada. Então esse é um outro motivo ambiental, né. Esse colega meu fala que aqui é um microclima, é lógico, porque as crianças que convivem... [som de passarinhos] olha como você vê os passarinhos... as maritaquinhas que tem na região do clube pinheiros invadem essa parte daqui, tudo isso daí... então forma um microclima né, o ar aqui é melhor do que o ar no outro quarteirão, por causa dessas árvores que estão espalhadas entre esses prédios, depois se você quiser a gente dá uma voltinha aqui só pra você sentir... isso daí pra nós também é importante. Aí, a minha relação... eu cresci aqui e tenho por obrigação tentar preservar alguma coisa, por ser morador e também por ser biólogo. E... como disse não sou contra o progresso mas eu acho que a

urbanização tem que respeitar o progresso. Você vê o trânsito na Tabapuã, quer dizer, vão construir quantos prédios ali? quer dizer, já estão construindo... vai aumentar o número de pessoas. Então, esse boom imobiliário começou com a canalização do córrego do Sapateiro, com a formação da avenida Juscelino Kubitschek, aí toda essa área teve um crescimento né, uma valorização imobiliária, acabaram-se as enchentes. O Uberabinho foi o último a ser... a Hélio Pelegrino... a ser canalizado, daí que estourou tudo mesmo. E que de certa forma, foi bom, porque trouxe serviços, né, e empregos, pra uma série de pessoas do bairro, e... mas do outro lado, trouxe seus incômodos também, que a gente tem que saber como conviver com isso, e aí... procurar melhorar... formar microclimas, microespaços, né, e conviver com o progresso.

P – Como era viver no bairro antigamente? O que mudou? O que mais sente falta em relação à forma antiga de vida no bairro?

R – Hoje em dia, quer dizer... eu já não brinco mais na rua... (risos). Mas... agora as coisas são diferentes, né. A criançada, você não vê criança brincando na rua. Eu me lembro na Luiz Dias, na Travessa do Porto... eu esperava meu pai brincando ali na porta, na calçada, né... meu pai chegava cinco e meia do serviço... minha tia, minha avó, e ficava sentado ali na calçada de terra né, e... ficava conversando e a gente brincando ali, até o meu pai chegar, depois a gente entrava, tomava banho e ia jantar, e nove horas tava dormindo já, entende. Me lembro muito bem da televisão, da TV Tupi, né, que nove horas tocava... tocava uma musiquinha, um indiozinho que era o símbolo, né, “já é hora de dormir, não espere mamãe chegar, um bom sono pra você, e um alegre despertar” (risos). Então, isso daí... são lembranças, mas que... mas voltando ao Parque do Povo, é... era uma área de lazer muito grande, né, que servia a população de toda essa região daqui. Vou te dar o endereço do Canto do Rio que é um time que não existe mais aqui no bairro como aspecto físico, mas ele está ali... eles estão agora na Vila Olímpia, aliás uma cede boa, tão brigando, quer dizer lutando pra ocupar uma área que fica em frente do Parque do Povo, que eles foram simplesmente despejados ali, entende, e... são muito organizados, são organizados que até o padre jogava no Canto do Rio, depois o padre pode contar mais histórias pra você... E aí, com o passar do tempo, né, essa área que era do povo... O Walter conta essa história, né, O Walter Torres (dono de uma das maiores construtoras do país WTorre), que ele tabulava aula no liceu para jogar bola ali... e depois a família cresceu, né, a empresa dele cresceu, ele conseguiu pegar aquele prédio ali que é do Santander, que tava um esqueleto de concreto, e ele se propôs, né... que dizer ele tinha todo um aspecto de lembrança... e a patrocinar o restauro, no início ele entrou ao todo com seis milhões, mas... eu sou do grupo gestor do Parque do Povo... chegou a quase doze milhões. Aí entrou o Santander, o Bradesco também, entende. Então aí é que está o aspecto... ele ganhou né, ele vendeu um prédio que é do Santander... que tem seis mil funcionários naquele prédio, seis mil funcionários, vai ver quantos carros, né!!! Houve um adensamento na região que prejudicou, mas ele deu alguma coisa em troca, quer dizer... ganhou, né, mas nem todos fazem isso. Em termo assim, gerais, é muito pouquinho, mas pra nós da região, não só da região, mas pra toda essa área daqui, é super importante ter um Parque. Esse Parque é frequentado por pessoas de fora, né, que vêm de longe, porque é considerado... aí entra outro aspecto... é um Parque de Elite, né, vem artista, mas é que o bairro tá tendo esse aspecto, né, pela mídia, entende. E... então... alguns preferem vir aqui do que ir no Parque Ibirapuera, com essa ideia de ser um Parque de Elite, mas isso não quer dizer que discrimine, né.

ENTREVISTA 10: GUIOMAR (ANTIGO MORADOR)

Idade: 94 anos

Sexo: Feminino

Escolaridade: Segundo grau completo

Ocupação: Secretária

Endereço: Rua João Cachoeira,

Data: 23.08.11 às 14h na casa da entrevistada.

P – Há quanto tempo você mora na Vila Olímpia? Onde morou antes de vir para a Vila Olímpia? Por que escolheu a Vila Olímpia?

R – Aqui o meu pai comprou em 1918, quando eu nasci. Meu pai e minha mãe tinham uma leiteria, leiteria na Rua Augusta, ainda está lá. E a minha mãe tinha um negócio na Peixoto Gomide também. Fiquei no bairro lá 05 anos. E depois fui estudar no Santo Mônica que era no fim da Rua Augusta. Mas vim pra cá... meu pai ficou aqui na Revolução de 24, construindo a nossa casa, que essas paredes ainda são feitas por ele, na Revolução de 24. Meus pais eram portugueses. Então vendemos os negócios lá [na Rua Augusta], e viemos morar pra cá. Viemos em 25 ou 26. Em 26... é... não, foi em 25 que nós viemos pra cá. Então o bairro, aqui... quando nós viemos... não tinha nada, tinham 04 casas. O meu pai escolheu essa área aqui porque ele era negociante de leite, vendia leite pro Trianon, pro Teatro Municipal, e minha mãe tinha a leiteria na Rua Augusta, e... naquele tempo leite era feito em cântaros, né... guardava nos cântaros... não era diretamente com garrafas, nem nada, né... Então, meu pai ficou conhecendo aqui o bairro em 18, né... e veio construir, e fez amizades com quem tinha vacas aqui, né... o Seu Jacinto Barbosa. Ai... a rua do Leopoldo tinha três... assim, três capinzais, e... tinha o Seu Jacinto que tinha umas 30 vacas. (...) Meu pai tinha... essa casa ia até os fundos aqui da João Cachoeira, então era formada assim que nem... ele plantou muitas pereiras, muitas uvas, que nem fazia em Portugal, né... rs. Então, eu estranhei muito porque tava acostumada na cidade, naquela época tinha lampião à gás, tinha o bonde, aquele bonde aberto, né... e até a Av. Paulista. A gente, eu, minha mãe e meu irmãos estranhamos muito o lugar, mas era lindo porque tinha as vacas, tinham os cavalos, tinha-se os boiadeiros que passava as vacas assim rente... era uma vida... no Itaim, era uma vida gostosa de se viver. (...) E... era uma vida gostosa no Itaim, mas, me lembro que não tinha nada na Joaquim Floriano (...). Então o Jardim Paulista era cheio assim de montaninha, de morrinhos, e entre os morrinhos tinha aquela flores amarelas que cobria até a gente, aí fizeram na Igreja São Gabriel, uma igrejazinha pequenina que ficava no meio da mata ali, sabe... Aí que começou a arruar, a fazer as ruas, e as pessoas começaram a vir morar... eram tudo casas térreas, e o hoje o Itaim, como é que é, não? Mas ah, as brincadeiras, nem me fale, eu gostava muito de pular corda na rua, porque a minha mãe... nós, eu e os meus irmãos e minha mãe abrimos assim, uma clareira na frente do portão, né, e vinha as duas filhas dos Barbosa, e vinha outras, e a gente brincava de roda, de amarelinha, de... aquele caracol que punha o nome que eu gostava muito, de pular corda, eu ia de um lugar ao outro pulando corda, gostava demais, e jogava barra-manteiga, né, essas coisas assim... barra-manteiga que você fica, três crianças aqui, três lá e corre, bate aquela palma assim, né, e corre pra lá, e quem pegava ganhava (risos)... Uma brincadeira inocente... não tinha rádio, não tinha televisão que nem hoje (risos), não tinha nada... tinha uns amigos que a gente se reunia... eu conhecia as minhas amigas, filhas do Jacinto Barbosa, que vendia o leite pro meu pai ficaram bem nossos amigos, tinha duas meninas e dois meninos filhos dele e a gente se reunia pra isso. Eu tinha um irmão mais velho e um irmão mais novo. Quando esse meu irmão

Acássio, que eu ainda tenho ele, com 85 anos, que mora no Jardim São Luiz, que vendeu tudo, eles venderam tudo aí, e foram cada um cuidar lá de uma vida longe... aí a gente se ajuntava e brincava de caracol, de pula corda, foi uma vida assim gostosa de criança. Mesmo assim, a gente se ajuntou um dia eu, meu irmão Alberto e mais umas duas ou três e fomos passear no Rio, conhecer o Rio, porque só tinha uma casinha ali na Clodomiro Amazonas, que nem existia Clodomiro, era Rua da Ponte ali, né... tinha o Córrego do Sapateiro que tinha a ponte de madeira e só tinha uma casa... ali na Rua do Porto... Então, era direto no porto de areia... então, se ajuntamo mais três ou quatro, e meu irmão e tudo, e fomos conhecer o Rio. O Rio de Pinheiros era uma beleza, era uma beleza. Era limpo! Era, assim, tortuoso, tortuoso! A cidade jardim tinha uma casa que se via uma luzinha de noite no meio das árvores assim. Veja só, hoje é Morumbi, né... E então, a gente foi caminhando até o Rio, mas o rio não é onde é hj, era bem mais pra cá, né... e fomos no Rio. Lá tinham os barqueiros que tiravam areia e vendiam pra fazer as casas aqui no Itaim, e aquele barco era grande, sabe, aqueles barcos grosseiros e grandes... nós entramos no barco e fomos no Rio... O senhor sabe que era tão bonito o Rio que se enxergavam as pedras no chão, aqueles pedregulhos no fundo do rio de tão clarinho que ele era, e tinha muita vegetação que era de lá do Morumbi, e não tinha casas, era aquela vegetação que nem o Amazonas. Então, tinha aqueles chorões que entrava dentro d'água, assim, aqueles chorões, aquelas árvores, e o meu irmão começou a balançar o barco e eu gritava de medo, eu tinha o que? uns 09 anos, por aí... Aí, minha mãe soube que nós tínhamos ido no rio e foi lá óh... (risos), fez a gente vir correndo (risos)... essas são as brincadeiras que a gente inventava... eu gostava de brincar de... uma vez... de pegador, sabe... (...). Agora, o senhor tinha que ver que tinha duas casinhas quando nós viemos morar aqui, onde é o Extra, duas casinhas térrea. Era uma lavanderia, uma pessoa que lavava roupa, e mais um que vendia esterco pra essas famílias mais abastadas. E... era tudo carroças. A onde é o Extra hoje, não tinha assim... é... rua. A beirada de onde era o Extra hoje, a beirada da rua ali era uma Chácara de Rosas, tinha tanto pé de rosa e ia até onde é hoje a Juscelino. Era uma casinha feita de sapé, de barro, que tinha no meio lá, que era a D. Virgínia e muitas árvores, muitas árvores. Então, a gente fazia balanço nas árvores. Aqui na esquina tinha – veja como o Itaim é antigo – tinha aqueles eucalipto tão altos, né... pé de eucalipto, e a gente via que tinha roseiras debaixo do eucalipto, né... e... um dia, nós fomos na Chácara lá... Então, o senhor veja como o Itaim era velho... porque no fundo, onde passava o riacho que hoje tá canalizado, era o Córrego do Sapateiro, tinha muitos bambuzais, bambus custa pra crescer. Então, toda a beirada do Itaim, até lá embaixo, lá perto do Rio era tudo plantado de bambuzais. E aquele riacho a gente não podia passar porque era muito fedido, muito sujo, mas mesmo assim, um dia uma tia minha veio aqui, que morava na cidade jardim, e nós fomos ver os carros de boi. (...) O senhor vê o quanto que prosperou tudo isso, não? Então, essa Chácara das Rosas, ia desde aqui da onde hoje é a Leopoldo, a Rua do Porto, até onde é hoje a Juscelino. Era tudo plantado de rosas, o seu... o seu... como é que ele chamava? A casa do Seu João! Eles plantavam tudo roseiras, mas tudo tão arrumado... na beirada das roseiras, era tudo plantado as violetas, mas não é dessas violetas que hoje usa, não, violetas que... todos os canteiros tinha violeta. Então esse senhor, passava aqui na porta da minha mãe, pra levar... ele leva aquele bouquet de flores todos os dias até o centro da cidade, no Largo do Arouche. É que ele distribuía as flores, mas muitas violetas. Agora, dali pra lá, só tinha o seu Jacinto que tinha as vacas. E mais adiante, onde é a Bandeira Paulista hoje, era tudo mato, tudo mato. Tinha outro que vendia leite também, que também era na esquina. E tinha aqueles ciprestes tão altos, dois ciprestes tão altos que as vacas se deitavam de tarde pra dormir embaixo das árvores. (...) O tripeiro, lá vinha ele, tocando aquele chifre, né, a coisa mais linda, que

ainda quero escrever num livro isso, que fico me recordando. Você não pode imaginar a carrocinha que ele trazia o coração, trazia o fígado, tudo dentro daquela caixa de alumínio. (...) O córrego do Sapateiro? O senhor não acredita que num barzinho beirando o rio... eu tou falando dos boiadeiros que paravam lá em cima... porque esse córrego vinha desde a Vila Clementino, que tinha um... como é que chama? Assim, aqueles negócios de matar vaca... que vinha tudo cheio de sangue, de coisa, eles jogavam tudo no riacho. Então era um córrego bem fedido, bem ruim, tinha muita vegetação que cobria, os pés de Amora, tinha os bambuzais, que quando eu vim aqui conhecer esse lugar, aqui não se andava, não tinha rua, não tinha nada, eles atravessavam com as flores ali, pelo um caminho assim, mas tinha muito pé de espinho na beirada do córrego... E depois que foi asfaltado o córrego ficou horrível não? (risos). Ficou horrível! Depois essa evolução toda, esse crescimento do Itaim, né. Eu acho que fizeram bem e fizeram mal, não sei. O Itaim era uma coisa e hoje é outra, né. Hoje ninguém se conhece mais, ninguém... não se tem mais amigos, não se tem mais nada. Aqui... esse faragote que tinha essa casa aqui bem alugada, o pai dele e ele vinha vender a tal das sardinhas aí. eu conheço ele desde que ele nasceu, né, porque o pai dele vinha trabalhar oferecendo: “O pimentão, o pimentão...” (risos). E era uma vida assim. ele ficou com a casa ali térrea e depois aumentou. Mas foi morar ali na rua Cojuba, num apartamento, tá riquíssimo, riquíssimo, né. Queria comprar minha casa, faz um mês e pouco eles vieram aí esses vizinhos, queriam comprar a da Nereide... Custou-me tanto a fazer, agora eu vou vender a troca de que? Vou esperar morrer pra ver se os filhos ainda aproveitam em alguma coisa. Eu não quero me mudar daqui porque eu sou muito saudosista, só! Eu gosto de... não quero que estraguem essa parede... vou arrumando aquilo que posso. (...) Mas não faz nem um mês que queriam comprar aí, né! Mas não quero vender minha casinha. Aqui, tudo isso ainda eram terrenos que eram do meu pai. Aí quando foi em 53, nasceu esta minha filha... a outra tem 71 anos, a primeira, mas esta bem depois. Meu marido puxou daqui pra frente, e foi feito nos anos 50. Agora, aqui não, aqui ainda é de 24, que eu fui reformando. Hoje tem até apartamento aí em cima. É uma vida inteira!!!! Como é que eu vou destruir por causa de milhões? Não compensa. A minha casa tá sempre cheia de gente, de netos, bisnetos... Como é que eu quero destruir por causa de dinheiro? Eu digo: “fica com vocês a vossa opinião depois”. Mas todas estão acomodadas, graças a Deus. (...) Mas... eu sempre lutando para que... amenizasse tudo isso. E elas estão garantidas. Agora, se venderem, paciência! que nem essa galeria aí que tá encostada... aí essa ou trada casa que tá pra vender. Tudo são coisas que ficaram na minha lembrança, não há dinheiro que pague! Eu sou assim! Não devo nada a ninguém! (...) São coisas antigas que eu tenho, como é que eu vou me desfazer por causa de dinheiro? O dinheiro é... é bom, mas... não precisa ganância, não precisa nada! Dá pra ir modelando a vida com os filhos, com os netos, gostoso, né, e à moda, mesmo, antiga. Tou aqui a 90 anos, a bem dizer, né! (risos). A João Cachoeira... hoje eu sinto muito a falta dela! Porque não posso ir andando, né... é muito raro eu poder pegar a minha bengala e ir andando. Eu vi isso tudo nascer, tudo, tudo, tudo! Vi tudo nascer, tinha 04 casas a João Cachoeira. Quando eu ia tomar o bonde pra ir no colégio, era um cerrado só, não se via quem estava atrás e quem estava na frente, e eu ia!. Ainda tem uma pessoa aí, que mora num apartamento, e ela às vezes vem aqui pra conversar um pouco. E atravessa até... o bonde 45 que é aquele que... como chama? a praça Vaticano, hoje, né. (...) Quando eu vim pro Itaim, que meu pai veio de carroça lá da Rua Augusta até aqui, porque ainda não tinha carros, mudando de carroça, precisava abrir porteira no Itaim. As porteira, onde hoje é pão de açúcar, ali tinha dois... dois cipreste alto, é aquela... pinheiros altos com uma santa cruz do lado. Ali era o começo da fazenda Itaim. Ainda não tinha casas, tinha só uma casa, que até hoje está lá na Rua

Bibi, diz que é lanchonete, não sei... Ali era um depósito de vender comida das vacas, como diz... ração, ração pras vacas. Então, a coisa que eu mais me admirei quando vim pro Itaim, que tinha só aquela casinha ali... (...). Depois veio, outra casa, e mais outra, outra, outra, tudo italianos que vinha do bexiga, e os portugueses que compravam aqui. Depois do arruamento, veio surgindo as padarias, em 50, as farmácias, as vendas... Ah sim, tinha uma farmácia a Santa Eulália que onde hoje é a Kompenhagem ali... ali o senhor não acredita, a onde é a Kompenhagem hoje, naquela esquina, era o jogo de futebol dos... da rapaziada do Itaim.

(...) Essas coisas assim... fico recordando... e aqui é o meu lugarzinho! Mas eu ia contar dos anos 30 quando eu tinha 13, 14 anos. Tinha o jogo de futebol, o senhor já ouviu falar? Do nosso jogo de futebol? Na Joaquim Floriano, né! Eu fui madrinha da bandeira no ano passado, né. Ali na... ali... ali perto da Kompehagem... a Kompehagem ficou pequenininha, ali era a fábrica de chocolate, naquela esquina, onde fizeram aqueles prédios Brastan... como chama? Brastan? não sei como chama! E naqueles anos, em 30, ali era o jogo de futebol, naquela esquina toda. Era onde se reunia toda a moçada do Itaim, tudo era amigos, meus irmãos jogavam bola lá, outros e outros e outros... amigos, né. E eu... ali, eu cheguei a ver pouco futebol porque eu não tinha tempo pra isso, mas... o Flor do Itaim! Já ouviu falar, né! Nossa, Senhora! Eu mandei até um livro pra Portugal das lembranças do jogo do Itaim. (...) Quando era de noite, tinha o baile, o baile dos jogadores, né, às 7h. Era logo ali depois da Bandeira Paulista, era uma casa recuada, que eles alugavam pra sede do jogo. Então tinha o baile, aquele baile gostoso, gostoso. Eu com 13 anos, a minha mãe levava eu e mais amigos, né, amigos que vinham de lá de baixo, filhos de um de outro, e a gente formava o baile dos 11 Florianos. Era... tinha... tinha a sanfona, tinham os violões, e minha mãe, com uma paciência de Jó, ela sentava na cadeira, com o meu irmão pequeno, ainda, deitava aqui, mas esperava que eu e meu irmão, se distraísse, pra depois vim pra casa, porque sozinha, uma hora da manhã assim, ela não deixava. Então era uma época linda da nossa vida aqui no Itaim porque tinha amigos e amigos. Depois quando eu comecei a namorar, eu tinha 15 anos. meu marido também tinha 16, éramos jovencinhos... Eu tenho retrato! A coisa que mais me comove até hoje eram as serenatas que eles vinham fazer pra mim depois do baile (risos) debaixo do meu portão. Aquelas ilusões de moçada!! Aquele sereno, que fechava o tempo, e eles tocando, tocando, aquela clarineta que chorava... (risos). Eu sou assim, viu! Minha mãe levantava, dava um cafezinho mas não deixava eu levantar (risos). Os namoriscos daquele tempo... Hoje não se tem mais, né, nem que queria não tem mais disso. Naquele tempo se aproveitava a juventude. Não se falava no que se fala hoje. Tinha muito romance naquela época, né. Eu acho que é isso que faz a vida, sabe. A gente ter algo bom pra contar, não essa miserável vida que tem hoje de televisão com tanta bandalheira, não?! Em qualquer lugar do mundo a gente querendo ser o que é, é. Tem possibilidade pra tudo, né! Esse livro já foi editado já faz anos, há uns 4 ou 5 anos... porque tem as minhas historinhas aí e tem num site também...

(...) Então, o carnaval do Itaim era lindo, além dos bailes, né... Meu Deus! Quanta recordação. Aqui é o Carnaval! Alunos do grupo escolar do Itaim Bibi, em 28. Olha eu aqui, olha. Já tava de cabelinho cortado, porque era comprido... Esta aqui é em 29, é a formatura em 29 quando eu fui pro outro colégio. Esta é a Mariquinha filha do Barbosa... essa aqui a minha sandália tá desabotoada... esta aqui ainda tá vivendo aqui num apartamento, tá rica, podre... e toda a tarde ela vem me ver. 96, ela tem! Aqui era onde é a Drogasil na esquina, a casa da Dona Angela. Aqui é a Rua do Porto que era o ancoradouro da minha mãe. Este aqui era um padeiro que entregava pão em casa. Esta fotografia aqui o senhor vê como a João Cachoeira era. aqui era toda essa esquina, toda essa esquina era da minha mãe. Esta aqui ainda tá vazia porque ainda tá construindo, a

casa da Dona Angela, a casa dela ia até o Rio, que era... onde é o Sapateiro, era uma Chácara de Verduras, que ela, com a carroça, ia levar na cidade as verduras. Deste lado de cá, era a tal da casinha que vendia as flores, que é onde é o Extra, que é a Leopoldo, aqui ó. Aqui é o Extra (risos). Veja só! Essa fotografia foi muito falada... tiraram o personagem e deixaram só o que era a esquina aqui. Essa era a esquina da casa da minha mãe, ainda não tinha luz naquele tempo. Isso era em 27 mais ou menos. O meu irmão era mais velho dois anos do que eu, ele era de 17, não, de 16. Era mais velho do que eu, mas ele casou e continuou morando aqui na casa da minha mãe. Este meu irmão é o que vendeu tudo o que era ali da minha mãe. Ele e o outro venderam tudo, e eu não quis vender a minha parte. Quase dei uma surra nele, sabe disso?! Porque eu não queria que vendesse. Hoje se arrependem! Ele veio aqui hoje e diz: “Ai a minha rica casinha, ai a minha rica...”. Então, todo esses fundo, tudo era deles. Eu fiquei... ah, deixa pra lá. Aqui, então é a João Cachoeira, você imagina como era, e a rua do Porto que é a Rua Leopoldo. Este é meu pai e minha mãe quando chegaram de Portugal, em 11, em 11. (...) Veja só, este é o meu marido no jogo de futebol da época... eu não ia no... esse aqui é o Nicola, em 34. A onde era a Chácara do Polvo, ali era o jogo do Marítimo, que eles emprestavam pro 11 Florianos. Ele que era o diretor do jogo, e eu era a madrinha do jogo, bordei a... era os Onze Florianos, era um clube que nós fundamos. A minha mãe deu um quarto pra nós ali, pra nós fazer a sede, então tinha o pingue-pongue, tinha o bailinho, né, as meninas amigas, a Mariquinha, a Silinha e outras e outras. Formava-se um clube pequeno que se chamava os Onze Florianos, por causa da Joaquim Floriano que tinha acabado de se dar nome pra rua, porque antes era a Brigadeiro, continuação da Brigadeiro, depois é que foi Joaquim Floriano.

Toda a Vila Olímpia... era o Seu Jacinto Barbosa, que tinha aquela carroça que eles iam buscar os capim, capim pras vacas, né... Quando era de noite, de madrugada, as vacas pastavam aqui, né... Eu acho que tiraram a beleza da Vila Olímpia. Lá começaram a surgir as casas... chamavam a cidade de... a cidade de Eloísa, quando fizeram uma quadrado assim só de casas térreas, pra lá não tinha nada, nada, era um charco. Aqui ainda tinha a rua do Porto com os barcos, mas pra lá, não tinha nada. Você sabe que a João Cachoeira, passando o córrego, era assim um morro, tinha um morro alto assim que não se enxergava nada do outro lado. Destruíram tudo! Não é o Itaim, o que era o Itaim. Você não pode imaginar! A Vila Olímpia tinha uma casa que era um que tinha muitos porcos... que era até um... tem até uma casinha velha ali beirando a Juscelino que ainda era dele, ele cortava os porcos e vendia os pedacinhos na mesa. Como é que ele chamava? Era um baixinho assim, antigo, daqui. Aqui no Itaim tinha a família Faragote, o Paraventi, foi um dos primeiros que abriu o Café Paraventi na rua Bibi. Mas como eu tou dizendo, na Vila Olímpia, tinha um barzinho, me lembro como se fosse hoje, tinha um barzinho a onde era o córrego, não tinha mais nada, era tudo mato virgem, mato alto, alto, não tinha nada a Vila Olímpia, era um charco. O parque do povo é onde tinha o jogo de futebol, sabe. Então, era cheio de eucalipto, não tinha nada, tinham duas casas que eles faziam... faziam a sede do jogo. Eles abriram uma valeta pra tirar o mato do parque do povo. Naquela valeta, meu tio sentou pra ver um jogo dos Onze Florianos, e naquela valeta tinha uma cobra descendo, justo onde tinha uma cobra. Você não iamgina o que era ali. Eu pra ir na casa da minha tia... minha tia morava onde hoje é a rua Amauri, não, rua Jucurici. (...) Então, quando deu a enchente, pra vender os terrenos foi a companhia City, né, que fez tudo isso. Daí pra diante, foram negociando casas e tudo, e o Rio ficou canalizado, uma porcaria como está, não!? E aí vieram os grandes arranha-céus, cada vez maiores, e os moradores antigos cada vez mais saindo daqui. É, agora falta pouco... já tem pouca gente da minha época. Já morreu muita gente. Muita gente já faleceu. Eu tou sobrando (risos)! Eu tou resistindo (risos)!

ENTREVISTA 11: NEREIDE (ANTIGO MORADOR)

Idade: 58 anos

Sexo: Feminino

Escolaridade: nível superior completo

Ocupação: Escritora e Professora

Endereço: Rua João Cachoeira,

Data: 23.08.11 às 15h na casa da entrevistada.

O comércio no bairro começou a se intensificar na década de 60, aqui na João Cachoeira. Porque inicialmente, eles tinham... aqui era um consumo para o povo daqui, local. Então tinha mercearia, tinha loja de... de... comércio, móveis, mas assim, voltado para os moradores. Aí surgiu uma loja de camisas aqui na década de 60 pra 70, Franita, aqui na João Cachoeira. Eu li uma entrevista dele o... ele já faleceu. Mas ele deu uma entrevista no Museu da Pessoa que é um lugar muito legal pra você ir também, então eles tem bastante depoimentos lá. E esse senhor que fundou a Franita, se eu não me engano ele chamava Francisco e a mulher chamava Anita, e virou Franita, que era uma loja de camisas... foi uma novidade porque era uma camisa mais popular, né, voltada para o público jovem, que começou a frequentar aqui a escola que abriram, o Costa Manso. Ai, dessa fábrica, que começou um interesse dessa novidade, de ser uma camisa diferenciada, manga curta xadrez, mais esporte, que ainda não havia isso no mercado, e tinham bastante jovens que passavam pra ir pra escola, e isso, segundo depoimento dele, houve uma procura maior e começou a trazer outras pessoas de outros bairros para comprar ai, e daí e começou o comércio a se expandir na João Cachoeira, que hoje é uma grande referência... Inclusive houve um período mais significativo na década de 80, assim, quando abriram as lojas de confecção, pra... assim, de outlet, né, vamos dizer... não só pro varejo mas pra atacado, no final da João Cachoeira, começaram a surgir essas lojas que vendiam em grande quantidade, inclusive até hoje tem bastante procura, pessoas que vem do Brasil todo, do interior que vem buscar ali. Então a João Cachoeira virou um centro comercial, do nível do... vamo dizer, da Rua Augusta da época, um pouco posterior à Rua Augusta, antes da existência dos shoppings, né. O shopping Iguatemi que foi o primeiro que competia com a Rua Augusta. E a João Cachoeira mesma coisa, ela começou a ter esse comércio. Há uns 5 ou 6 anos atrás, se não me engano, eles resolveram assumir que era um shopping a céu aberto pra poder competir com o comércio dos shoppings e ele se mantém. Eu acho que o que ajuda aqui foi esse boom imobiliário que trouxe muita gente pra região, tanto residencial quanto comercial, como os escritórios, porque com os escritórios, as pessoas vêm pra cá pra trabalhar, mas ao mesmo tempo consomem aqui, que é o restaurante, é o comércio, de alguma forma a pessoa compra ali, porque tá próximo do seu trabalho, então isso implementou ainda o comércio de rua no bairro. A valorização do bairro teve muito a ver com a abertura da Juscelino Kubitschek, por causa do Maluf. Tem toda uma questão política, entendeu, da expansão... ele tinha realmente que a extensão da Faria Lima se tornasse um grande pólo que nem a Paulista e que está acontecendo agora. Quando o Jânio queria fazer o Boulevard por baixo, a Juscelino por baixo, já era um indício de que a urbanização ia mudar. A questão da valorização comercial, né, dos espaços, dos terrenos. Aí veio a Erundina e barrou e afundou o que ele tinha iniciado, que era um túnel por baixo da Juscelino. E quando veio, se eu não me engano, o Maluf, que retoma isso, retoma a Juscelino Kubitschek e abre a Faria Lima que isso teve uma grande briga com os

moradores da Vila Olímpia. A Vila Olímpia não queria, os moradores fizeram vários movimentos, entraram na justiça, porque não queriam que abrisse a Faria Lima e que houvesse toda essa especulação imobiliária, entendeu? Então, foi um boom criado pelo governo, pela prefeitura que permitiu... e até hoje é assim, eles permitem... você não viu a briga que tá tendo lá Helcias e tudo... porque eles permitem uns arranjos... eles chamam isso de... tem um nome de... compensação, você faz alguma coisa em prol da cidade, e aí consegue construir mesmo em espaços pequenos, quer dizer, são caminhos aí, que a prefeitura... alternativas... E isso começou a surgir dessa operação que eles chamaram de Operação Faria Lima que é o início desse boom, que parece que não acaba nunca porque cada vez tá mais... porque a gente cada vez empreendimentos maiores e que vão trazer mais trânsito, mais confusão... Esse caso aqui do Extra foi também uma confusão. Aí, na verdade, quando eu era criança, na década de 50... quando a minha era criança era a chácara que ela contou que tinha as vacas e tudo. Depois, a família Barbosa, que era a família que cuidava das vacas, vendeu uma parte, mas continuavam morando aí. Quando eu era criança eles tinham uma vila, fizeram uma vila com vários sobrados, e tinham casas do lado de cá onde alugavam, então era uma vida assim, nesse... E na esquina já tinha um depósito, um depósito do Mappin, do antigo Mappin, e esse depósito, guardavam-se caminhões, ficavam lá dentro, tem a fotografia, dentro do Extra tem a fotografia desse depósito... mas acho que não tá mais... eles tiraram... Bom, e esse depósito ficava aqui, essa foi toda a minha infância, década de 60, 70. Até que os Barbosa resolvem vender pro Mappin, venderam toda essa parte pro Mappin, e aí o Mappin constrói uma loja que é o Mappin Itaim e permaneceu acho que uns 15 anos aí. E era assim, era engraçado porque a loja era recuada, porque havia dentro do... porque naquela época o planejamento urbano aqui do Itaim assim, Zona 1 pro lado de lá e Zona 4 por lá de cá, isso antes dessa alteração urbanística que teve, de zoneamentos a pouco tempo. Então, eles não podiam fazer na beira da rua, então eles eram recuados e havia assim todo um estacionamento, loja era recuada. Aí o Mappin foi... foi... faliu e perdeu.. aí o pão de açúcar, o Extra e comprou, sei lá o que fizeram, fizeram algum arranjo com a massa falida, alguma coisa assim, e destruíram todo o Mappin que havia, e construíram o Extra, aí sim, com a mudança, já veio bem na beira da rua, que já tem todo esse paredão, entendeu, que criou todo esse impacto. Pra nós, moradores daqui a gente não se importa muito. Eu acho que se fosse um prédio talvez fosse pior. Eu acho que é bom, tem segurança, é silencioso, quando fazem barulho eu vou lá e reclamo e eles atendem, sabe, eles procuram manter uma política com os moradores até razoável. Chegou uma época que até o posto de gasolina que abriram aqui, a gente foi reclamar que não podia, o pessoal aqui fez um abaixo assinado pela CETESB que não podia ter próximo à uma escola um posto de gasolina. E eles continuaram... mas resolveram fazer um projeto aí, aplicar um projeto aí, de uma escola... se eu não me engano do ITA, de um rapaz do ITA, que transforma o gás que sai que exalava, que incomodava a gente, em algo que é recuperável pelo próprio... pro funcionamento, pra energia. É uma novidade que tem nesse posto que quase ninguém fala, mas que foi implementado pelo esforço dos moradores em reclamar com o Extra. E o Extra atendeu naquela época. Hoje não sei se atenderia, porque hoje eles estão mais... mudaram, sabe, a... o modo de agir. Mas enfim, nós temos uma convivência pacífica com (risos) as lojas, com os bancos, com os prédios (risos). Aqui, nesta casa, nós estamos numa ilha de resistência de tudo isso que hoje é o Itaim. A minha mãe, a minha mãe é assim né, ela não quer se mudar... e o que pressionam, o que falam, vem, oferecem... Mas eu acho, assim, fantástico você morar num lugar desse, principalmente pra minha mãe que é uma pessoa idosa e que tem saúde, mas é idosa, tem suas limitações, e ela consegue sair, tem segurança, é um lugar plano. É um lugar onde ela sempre viveu, onde ela sempre domina, né, quer dizer

não é uma novidade, que mudanças acarretam dificuldades de adaptação, e pra ela foi muito bom.

ENTREVISTA 12: CECÍLIA (NOVO MORADOR)

Idade: 55 anos

Sexo: Feminino

Escolaridade: Superior Completo

Ocupação: Gerente Administrativa e Financeira

Endereço: Av. Nova Independência, 1010, ap. 112

Data: 27.01.2011 no trabalho da entrevistada.

P – Há quanto tempo você mora na Vila Olímpia? Onde morou antes de vir para a Vila Olímpia? Por que escolheu a Vila Olímpia?

R – Eu vim pra Vila Olímpia no dia 05.12.2008 e me mudei no dia 08.08.2010. Antes de morar aqui eu morava no Morumbi. A gente se mudou pra cá, porque o meu marido tem um escritório de comunicação, ele é jornalista, e a gente sempre teve escritório aqui, nessa região, porque os nossos clientes estão nesta região que são: a Renon, que fica aqui na Vila Olímpia, a Congás, que fica aqui na Vila Olímpia...

(...) Quando eu fui morar no Morumbi, há doze anos atrás, eu levava de oito a dez minutos pra vim do Morumbi até aqui, doze minutos quando eu pegava trânsito. Era descer o morro e a gente chegava... Quando este prédio começou a ficar pronto, ele demorou três anos pra ser construído, eu comecei a levar quarenta minutos quando não tinha trânsito ou uma hora pra chegar aqui. Quer dizer, de doze minutos há doze anos atrás, você passa a fazer em uma hora mesma distância, e tendo que procurar sempre alternativas, isso pra vim pra cá. Quando eu ia embora pra casa, eu tava levando quase duas horas pra chegar na minha casa à noite. E a gente com o prédio aqui, que não acabava de construir, sabe. A gente tava pagando, praticamente quitado, e a gente ia... Aí começamos a pensar... Tem um filho que ia morar fora do Brasil, eu tenho três filhos, os três moram comigo, são adultos, mas moram comigo, e um deles ia morar fora, e o prédio novo ia ter três dormitórios, e aí a gente decidiu morar lá, porque eu não precisava pegar carro, era descer o elevador, andar uma quadra e eu estaria aqui no trabalho. E foi o que a gente fez, durante dois anos. Só não foi tão tranquilo, porque o meu filho não foi morar fora (risos), continuou morando com a gente. Então, assim, ficaram os três filhos, o apartamento era um pouco menor onde eu morava no Morumbi, mas, dentro das nossas... sabe, aquelas coisas, cada um tinha seu espaço e tal. E a gente não tinha que pegar carro, eu e meu marido pra trabalhar. O meu filho trabalha aqui na Faria Lima, a minha filha trabalha na Paulista, pra ela é super perto, e outro também estudava em Pinheiros e trabalhava pra cá pro lado da Vila Mariana, mas assim, a gente reduziu pela metade o tempo e a distância do trabalho de todo mundo. Só que eu tive alguns problemas aí nesse prédio. A construtora não foi muito correta. Eu, particularmente não, mas o prédio tem vários problemas de infiltração, e é novo o prédio, eu fui a primeira moradora, então... sabe... São 128 apartamentos, um prédio muito grande, 32 andares, e muita gente, muito problema. Então a gente começou a pensar... porque se você ficar pra ele, você vai achar que ele é um prédio realmente velho, como se tivesse uns 20 anos, porque ele tá todo escurecido, porque o tipo de estrutura que fizeram não dá pra você ficar lavando e limpando o tempo todo, então o prédio já tá com uma aparência assim. Enfim, o apartamento tinha era bom, não era assim um apartamento de alto nível, mas era um bom nível. E agente começou a ver problemas internos, problemas externos, e aí... Poxa vida, né! E uma pessoa nos ofereceu, quis comprar... queria um apartamento no meu prédio. Aí perguntou se podia vir olhar o meu e tal, mas eu não tava vendendo, eu tava morando só a oito meses ali e não tava vendendo. Conversando, conversando, conversando, a gente passou três meses

negociando o apartamento, e eles queriam o meu. Mas eu falava que não ia vender, e mesmo assim a pessoa insistia, dizia que queria e tudo. E aí a gente começou a pensar... colocamos um preço, e o cara disse que pagava, e aí com todos esses problemas, de um apartamento onde não tem zelador, ninguém quer ser síndico, tem 128 famílias morando, muitos problemas, muito sujo e eu sou muita chata... Eu implantei a reciclagem nos meus outros prédios onde eu morei, implantei aqui, e já não funcionava mais, as pessoas não tão nem aí com nada, todo mundo muito jovem, casado, sai de manhã e volta muito tarde da noite, não estão preocupados com... sabe? com a sua... a casa parece que é o lugar de dormir, só! É um dormitório, as pessoas saem de manhã, vão pro trabalho, almoçam fora, emendam, vão pra academia, eu não tou dizendo que é 100% assim, mas a grande maioria dos jovens que, quando chega na sexta feira já sai do trabalho e já vai direto pra praia ou viajam, entendeu. Aquilo ali, é um apartamento bom e tal, mas é uma coisa assim, é um lugar pra colocar as coisas e tá indo embora. E aí, acabamos nos mudando pra perto da ponte do Morumbi, pro lado do Shopping Morumbi, mas é muito próximo daqui. É no fim da Berrini. E aí, nós vendemos aqui e compramos um lá. Porque eu e meu marido parecemos meio ciganos, assim, sabe, nos mudamos de novo... E aí nós acabamos comprando um apartamento mais ou menos no mesmo nível, de mesmo porte, só que assim, em vez de ser quatro por andar, são dois por andar, em vez de ter trinta e dois andares, tem vinte e cinco. A gente cortou por 1/3, vai, de problemas, e o apartamento também acabou de ser entregue... Então, a gente falou assim: “Vamo mudar de problema, vamo mudar de construtora, vamo mudar de vizinhos pra ver se a gente melhora!” (risos). E tamo lá, eu sou a quarta moradora até agora, não tem ninguém ainda no meu prédio. As pessoas tão custando a se mudar, porque hoje em dia elas compra apartamento, derrubam, e constrói tudo de novo, tão reformando e tal, eu acho muito engraçado, eu pelo menos não tenho essa coisa.

P – Qual a sua relação com o bairro? Lazer? De que tipo? Onde? Estuda? O quê? Onde? Trabalha? Com o quê? Onde?

R – Uma das poucas coisas que pra mim era muito bom morar aqui é porque era do lado da Av. dos Bandeirantes, que eu viajo pra praia, eu tenho uma casa na praia, então pra mim era uma saída fácil. Então, estando na minha casa, no 11º andar, eu via se a bandeirantes estava lotada ou não, porque aqui é um inferno né, e aí dava pra eu saber como é que tava o trânsito pra eu poder ir pra praia. Isso era uma coisa legal. Aqui, não era uma... não era o meu... Assim, pra mim era negócio, tá. Essa região pra mim é pra negócios, clientes, o meu trabalho que eu toco, né. Lazer, muito pouco, porque, assim, um ou outro restaurante, e fui uma vez nesse Shopping Vila Olímpia, entendeu. Porque como eu te falei, a minha vida antes era voltada pro lado de cá (Morumbi). Porque aqui pra mim, nunca teve nada de atrativo. Eram casas residenciais, caminhos pra ir pra outros lugares, um lugar de passagem, tá. Então, por exemplo, meu dentista fica aqui nessa região, tenho médico aqui nessa região, tenho... assim, um ou outro restaurante que você vai e frequenta nessa região, mas eu, particularmente, não sou uma boa indicadora... porque, assim, nunca fiz lazer aqui no bairro, porque realmente esta região é uma região de passagem pra outros lugares, entendeu, outros bairros, outras coisas, inclusive pra ir em busca do lazer.

P – Você se relaciona com os moradores vizinhos? De que forma? Se não se relaciona, por quê?

R – É... eu sou... assim... tanto eu como meu marido, como a gente tá no Brooklin a trabalho, comercialmente, a muitos anos, a gente se relaciona sim com os vizinhos, entendeu. A gente conhece o cara da esquina, o outro dali, mesmo não sendo do nosso

prédio. Eu não era síndica, mas era conselheira, conselheira da parte de limpeza, implantei a reciclagem lá como te falei. Então, assim, me relaciono sim e não só com os vizinhos do meu prédio, vizinhos de porta, como vizinhos da região, do bairro, entendeu, da farmácia, daqui, dali... Porque a gente tá aqui há vinte anos... Então, eu morando aqui... me relaciono com todo mundo assim, sabe! Então, quer dizer, são pessoas que a gente conhece, e se relaciona. Não é uma coisa assim de vir na minha casa, mas me dou bem assim com as pessoas do bairro.

P – No seu ponto de vista, quais são os aspectos positivos e negativos do bairro?

R – Então, depois que teve o rodoanel, melhorou muito a minha qualidade de vida no prédio porque o barulho a noite pra dormir era muito grande por causa dos caminhões que descem a ponte e vem com tudo aqui, porque eles vêm da marginal, sobem a ponte da Av. Dos Bandeirantes de madrugada, e era o horário que eles podiam andar, porque durante o dia sempre foi um inferno, porque as pessoas iam pra outros lugares tudo pela Av. dos Bandeirantes, então vivia tudo lotado. Aí fizeram a história dos rodízios, e eles só podiam andar das dez da noite às 5 da manhã. Então, nesse horário, muito caminhão, muito caminhão e numa velocidade grande, porque aí já tava mais livre, né. E aí, assim, na minha casa no 11º andar, as roupas, os armários sempre muito com pó preto, por isso tudo muito fechado. Num dos quartos, de um dos meus filhos, que era o quarto mais voltado proa cá, eu tive que por aquele vidro duplo, de janela antirruído, entendeu, porque o barulho era muito grande, insuportável, você não conseguia dormir. Então, isso era um ponto negativo de morar aqui, bastante negativo. O outro ponto negativo, com a história da urbanização maior disso aqui, mais comercial, porque tem vários espigões, vários prédios enormes aí, comerciais, muitas empresas acabaram se mudando pra cá, o trânsito nessa região ficou um inferno. Aqui, exatamente pra atravessar a ponte da Av. dos Bandeirantes e pegar a Marginal, pra você andar esse pedacinho, às vezes você demorara duas ou três horas se fosse em horário de pico, que é basicamente a distância de um quilômetro, um quilômetro e meio. Então, assim, não podíamos sair tal hora, nem tal hora, nem tal hora. Mas pra mim, beleza, porque eu sai do trabalho, ia a pé pra casa e de casa pro trabalho, mas se você tivesse um compromisso, a partir das quatro e meia, cinco horas, um inferno, você não conseguia andar, atravessar isso aqui, você ficava ilhado. Com a mudança... há muitos ônibus fretados, porque aqui ainda não tinha metrô, então assim tudo muito difícil... o trem, não é todo mundo que usa, porque o trem não é muito interligado a metrô ainda. Você vem lá da estação da USP, você não tem um lugar que você pare e pegue o metrô. Aqui é uma região muito escassa, tem muito ônibus mas os ônibus são todos parados, não anda. Então, aí todo mundo estacionada por aqui. Aqui apesar de ser ruim, eu tinha alternativas pra estacionar o carro. Com alguns anos, eles tentaram melhorar, tiraram alguns ônibus fretados da região, eu não sei aonde eles jogaram os ônibus, melhorou aqui com a história do rodoanel, só que agora eles tiraram todos... ninguém pode estacionar mais nas ruas. Então, as pessoas não têm onde enfiar o carro. Aí começou a surgir um monte de estacionamento pagos, em que você tem que pagar pra estacionar seu carro, e o pessoal não tem grana pra pagar estacionamento porque é caro, entendeu. Então, assim, de um lado melhorou um pouco o trânsito, por outro complicou os moradores, porque os moradores não podem mais parar seus carros na frente das suas casas e nem todo mundo tem garagem. Eu mesmo não posso estacionar mais aqui na Nova Independência e nenhum lugar. Em casa, são quatro carros, tenho três filhos, cada um tem um carro, e eu tenho carro. Tudo bem, ah vocês deviam trabalhar... É impossível pra nós usarmos um só!!! Cada um trabalha num lugar. Um filho vai pra Pinheiros depois vai pra faculdade na Vila Mariana e de onde ele vai pra onde ele vai não tem metrô, e mesmo que fosse de

ônibus ele teria que pegar no mínimo dois ônibus, saindo do trabalho às seis e entrando na aula às sete, é impossível chegar a tempo na escola, mesmo que a gente quisesse. Então, assim, a minha parte a gente fazia como: não usava carro! Meu carro ficava dentro da garagem dentro do meu prédio. a minha filha trabalhava na paulista, e o outro trabalha aqui perto, até poderia ir de metrô, só que o trabalho dele é na rua, então ele tem que fazer os contatos se movimentando. Então nessa região, todo muito reclamou muito, porque são pessoas de mais idade, eu digo de mais idade, tipo 87 anos. Eu acabei de fazer o censo agora com uma senhora de 88 anos, que ela praticamente não sai de casa e tal, mas ela tem um caseiro que usa o carro pra levá-la no médico... Então assim, mas pessoas não podem estacionar o carro na frente da casa, nem todos tem garagem, então, assim, virou um caos a Vila Olímpia. O pessoal começou a ficar enraivecido com a CET, com o Detran, com a engenharia de tráfego. Isso foi a um ano mais ou menos, então hoje as pessoas tão começando a se acostumar, mais ou menos. Então, aspectos negativos, sim, nesses pontos, que tirou um pouco o sossego do bairro. E o terceiro é que tá todo mundo querendo vender, com um preço lá no alto dos imóveis, porque eles querem... as pessoas estão muito idosas, eles querem derrubar e fazer novos prédios, tanto de negócios quanto prédios residenciais de alto nível pra esses executivos que trabalham ali, porque o peão, meu caro, o peão mora em Guarulhos e ele vem sabe Deus como, mas o alto executivo ele quer morar perto do trabalho, porque ele deve vai de bike, entendeu. Claro, legal, mas e a empregada doméstica que vai trabalhar na casa desse cara que às vezes tem que pegar oito conduções pra poder chegar ali? Não, eles não pensam... e então são de alto padrão. Sabe, apartamentos do mesmo padrão do meu, que o meu custa hoje... eu vendi por um valor que hoje tá custando 700, 750 mil, o mesmo apartamento a meses atrás, do outro lado da bandeirantes custa um pau e meio. Então, assim, se fala: “Como?” Do outro lado da rua, cara, é a Vila Olímpia, Vila Nova Conceição, que é o alto poder aquisitivo. Então aqui, os caras tão jogando muito alto o preço dos imóveis, e não vale, entendeu. Vila Nova Conceição alto poder aquisitivo, alto, alto, alto, altíssimo, tá! Então o cara mora aqui e ele vai falar que mora na Vila Nova Conceição, e não falar que ele mora na Vila Olímpia, ninguém vai conferir o CEP dele (risos). Então, status!!! Dois: as empresas... nessa região aqui tá saindo um mega empreendimento que as incorporadores não tem mais grandes terrenos pra comprar, então o que acontece? Os que tem são poucos, pedem um valor muito alto e aí vai aumentando o preço do metro quadrado, basicamente é isso, entendeu. Não tem mais espaço amplo pra se construir grandes coisas. Depois aqui tem a Daslu, tem o shopping que vai sair logo ao lado, aqui assim, o Shopping JK... Teve gente que queria matar a gente porque vendemos o apartamento, chamaram a gente de loucos, porque isso aqui ia valorizar muito e tal... Mas não queria saber se ia valorizar, eu quero é sossego, entendeu. Então, eu não me importo. Tem muita gente no prédio que não tá nem aí, e diz “Olha, eu moro aqui e foda-se o resto, porque é o seguinte: vai valorizar e eu vou ganhar grana”, entendeu. É o dinheiro, é o dinheiro infelizmente! E os velinhos que são pessoas muito idosas, pessoas muito antigas que moram aqui tão morrendo, tão indo, e quem vai cuidar desse povo? Ninguém! Então, assim, o seguinte: vamos botar os velinhos nos apartamentos e tudo... Aqui atrás tão demolindo, as casas tão indo tudo pro chão, até a Av. Nova Independência e vai virar prédio. Então, o cara oferece um preço, sei lá... aqui um tempo atrás tava 3 mil o metro quadrado, hoje já tá uns 6 mil o metro quadrado, entendeu. Quando eu comprei esse apartamento, eu paguei 3 mil o metro quadrado, eu paguei nesse apartamento 350 mil reais há uns quatro, cinco anos atrás. Pra esses velinhos que tem uma casa aqui outra ali, que herdou do pai, que tinha um terreno, que era português e tal, os caras vem aqui, oferecem uma grana... sabe, o cara tem 87 anos, nunca saiu da esquina. Ele pega essa grana, compra uma casinha aqui,

daqui a dez anos vai ser demolida também, mas pro tempo de vida que ele tem tá ótimo. Então ele vai comprar uma casinha mais simples, reformar, vai pegar a velinha dele, vai pra Portugal, porque ele é filho de português, nunca foi lá na terra visitar os patrícios, vai lá, visita, fica um mês viajando, vê todos os patrícios, volta e tem mais dez anos de vida, entendeu. Um filho que tinha um estacionamento no terreno do pai com seus 50 e poucos anos, também vai ganhar aí, um apartamento ou dois dentro deste prédio, sabe, tem a casa dele, ele vai ter um aluguel, vai aplicar, e vai viver muito bem. a hora que o pai morrer, ele já tem a herança dele pra vender, é outro imóvel que ele pode vender pra outra incorporadora construir outro prédio, e ganhar outro apartamento ou dois e poder viver, entendeu. Então é isso que tá acontecendo aqui. Os muito idosos que tem toda a região, são donos da região, vão ficando pros filhos, ou que vendem e vão pra um dos apartamentos com uma estimativa de vida de pouco mais de 10 anos, entendeu. Os filhos não precisam desse dinheiro, alguns sim, mas outros não, porque são pessoas que se formaram, que tem uma outra coisa, que cuidam de um outro negócio, enfim. Aquilo lá é um dinheiro que o pai vai deixar um legado pra eles, entendeu, então pronto. É isso que acontece.

- O que é mais importante nesse bairro aqui pra mim é que ele é todo plano, porque você pode andar, caminhar, você pode andar de bicicleta ou a pé, apesar ter muitos problemas, com ruas muito esburacadas, ou então com muito coco de cachorro na rua, que as pessoas não estão educadas pra isso, ou mesmo o lixo, e tal. Mas é um bairro plano que você vai a vários lugares... você vai comer, você vai no mercadinho do bairro, você vai na academia a pé, porque é um bairro plano, é legal, porque em São Paulo é muito difícil você ter bairro plano, tem muitos morros, né. Eu vejo as pessoas fazendo isso, muita gente aqui no bairro. Um dos motivos do cara querer o meu apartamento é porque ele trabalha aqui perto, na Ambev, numa rua por aqui perto da Bandeira Paulista. Então, e ele queria ir a pé pro trabalho. A mulher dele é Fortaleza, não conhece muita coisa aqui em São Paulo. Mas as pessoas andam, são pessoas idosas que não tem carro, e todo mundo que trabalha e vai a pé, vai de bicicleta. Então a melhor coisa desse bairro é isso, é de estar perto do trabalho, não precisar ir de carro, poder ir caminhando pro trabalho, e poder voltar em casa pra almoçar. Tem a Hípica também que é legal, porque tem um pouco de verde, então as pessoas andam muito por aqui, caminham muito por aqui. Isso é uma coisa que eu acho fundamental. Porque eu estudava, por exemplo, eu fazia Aliança Francesa aqui na Santo Amaro e eu vinha a pé, vinha andando, vinha por dentro, tudo arborizado, com um monte de árvore frutífera na rua, um bairro legal, sabe, bem legal. Não é planejado, não foi planejado, mas ele é plano. as ruas são todas tortas começam com um nome terminam com outro, não é planejado não. Aqui é um bairro que foi implantado, assim, pelos portugueses, muitos portugueses, eles vieram e iam fazendo a sua casa, e abrem o mercadinho, e aí abrem a padaria, e vai indo e vai indo, e vão construindo, e aí aluga pro primo que vem a casa que construiu com as próprias mãos e tal... Eu tenho histórias aqui fantásticas, eu ainda vou escrever um livro ainda só sobre histórias da Vila Olímpia. Aqui em frente tem uma senhora que tem 80 anos, lúcida ainda, e ela e o marido dela que trouxeram energia elétrica pra rua inteira, sabe essas coisas assim... E aqui era tudo um brejo mesmo, área alagada, mas baixa, próximo do Rio e era Chácaras, e eles iam morando, construindo, casando, e tendo filhos... Tem uma rua aqui, uma travessa aqui que a rua inteira é da família. Mora o pai, a mãe, a sobrinha, a tia a irmã a família inteira mora na rua.

ENTREVISTA 13: LUIZ DIAS (ANTIGO MORADOR)

Idade: 82 anos

Sexo: Masculino

Escolaridade: Colegial

Ocupação: Corretor de imóveis

Endereço: Rua Prof. Vahia de Abreu, 727, Vila Olímpia

Data: 22.08.2011 às 18h na casa do entrevistado.

P – Há quanto tempo você mora na Vila Olímpia? Onde morou antes de vir para a Vila Olímpia? Por que escolheu a Vila Olímpia?

R – Moro aqui há 10 anos. Antes morei no Itaim, eu nasci no Itaim. Eu morei numa rua que hoje ninguém conhece pelo nome antigo que era a Rua Olavo Bilac, hoje é Rua Itacema, bem conhecida. Meu pai teve padaria lá. Eu nasci lá, talvez ele tenha ficado lá uns três anos, quatro anos. Ante de vir pra cá, eu morava na Rua Licio Nogueira, 46, Itaim Bibi. Tive que vender lá por causa da Selva de Pedras (risos). Fizeram um prédio, hoje tem um prédio lá, eu não conheço mais a minha rua, virou uma cidade. Então, eu vendi o terreno pra fazerem prédio, né. Aí eu comprei aqui. Gostei bastante dessa área aqui. E já fui convidado pra fazer música do bairro Vila Olímpia. Me deram até um livro lá pra fazer, aí eu falei: “Eu faço, né!” (risos).

P – Qual a sua relação com o bairro? Lazer? De que tipo? Onde? Estuda? O quê? Onde? Trabalha? Com o quê? Onde?

R – Aqui é tudo pertinho, tem padaria, tem uma, duas, três padarias aqui, uma perto da outra, né. Dá pra fazer tudo a pé, mesmo. É que eu tenho carro, mas eu saio esporadicamente, às vezes.

P – Você se relaciona com os moradores vizinhos? De que forma? Se não se relaciona, por quê?

R – Olha, eu tenho muitos amigos, eu gosto daqui, é muito bom esse bairro. Não deixou... não deixou tanta saudade o Itaim porque aqui eu tive um... aparato. Tenho muitos amigos aqui. Me relaciono com os moradores da rua, eu tenho muita amizade, é um pessoal bom, né. O vizinho é português, o que mora em frente, aqui. É amigo aqui de casa. Às vezes eu tenho reunião da Igreja aqui, eles vêm, frequentam, mas eles são católicos, daqueles católicos, mesmo, sabe. E aí... são amigos. Tem uma amizade muito boa aqui.

P – No seu ponto de vista, quais são os aspectos positivos e negativos do bairro?

R – O negativo é que é mal iluminada essa rua, sabe. A rua é mal iluminada, e já houve roubo de carro, inclusive, me roubaram uma Perua, logo que me mudei, daqui da porta, mas... são coisas, né! E... o policiamento também é fraco, não tem muito policiamento, raramente passa uma viatura. Não é um bairro assim... muito assim... de segurança. Eu sugeri uma vez, para nós fazermos... botar um guarda assim, botar uma guarita e todos pagarem, né, mas... não atenderam. Seria bom, né, se todos os vizinhos cooperassem, e tinha um guarda 24h, né. Quanto é que seria, mil reais? pra dividir em 20 famílias? Eu acho que não seria demais, né. Dava o quê? 100 reais? 50 reais cada um! A segurança seria melhor, né. Já intimidava um pouquinho os ladrões. O positivo é que tem... um bairro muito acolhe... é... acolhedor, né. Pessoal são tudo... os vizinhos bons, quer dizer,

tem um lado... tem um lado bom, né. Todos se dão bem, se cumprimentam... às vezes a gente nem conhece, mas passam aí: “Bom dia, boa tarde!” Quer dizer, então... tem essas coisas. E o lado bom é que tem acesso, tem açougue, tem acesso a padarias, tudo pertinho, farmácias, quer dizer a pé, a gente faz tudo isso. Tem mercado, tem tudo pertinho. O shopping Vila Olímpia fica aqui a oitocentos metros da minha casa, esse que abriu agora, né, aqui na Funchal. Ando também por ali, frequento. Eu conheço tudo aqui.

É um bairro tranquilo sim, é bastante arborizado, tem aqui na frente, tem o ponto final do Vila Olímpia, que é uma área bonita, toda verde. E eu também na minha casa gosto demais do verde (risos). Prédios! Tão erguendo prédios... o tamanho do prédio que ergueram lá... três torres aqui, é tudo do lado. Quer dizer, tá ficando uma selva de pedras, né. Acabou o nosso... quer dizer, as casinhas já estão sumindo. Eu já fui... já fizeram proposta pra comprar aqui, pra fazer uma coisa comercial, né. Mas o vizinho não quis, se eles quisessem eu teria vendido. Porque o preço era convidativo, mas... vamo aguardar, né.

P – Como era viver no bairro antigamente? O que mudou? O que mais sente falta em relação à forma antiga de vida no bairro?

R – Quando criança a gente brincava de amarelinha, era com os meninos e com as meninas. Era aquele joguinho de espetar a faca assim e... fazer, ir pulando pra... eu não sei agora o nome que se dá. Era pular corda, brincar de pegador... quer dizer, era comum uma coisa... depois tinham aquelas festas lá... de São João. Em junho era aquelas festas lá... a coisa mais linda, todos se reunião. Aqui era tudo mato, o Itaim era uma mata. Eu ia buscar lenha pra minha mãe que nós cozinhávamos à lenha. Eu ia buscar no mato. É que hoje é aquele parque do povo, eu ia buscar lenha lá pra fazer fogueira, aqueles troncos bonitos, e aí fazia aquela fogueira enorme, todo mundo cooperava, pega pinhão, milho, fazia pipoca. Mas era uma festa só. E todos lá vestido de chita, de tudo... Aí fazia uma brincadeira assim... uma coisa folclórica mesmo, né. Muito bonito... Época de São João. Soltávamos balão... nossa, eu chegava a contar... eu tinha o que? oito ou nove anos, então, eu gostava de contar balão. Sem exagero, eu chegava a contar oitocentos balões no alto, oitocentos balões. Era aquele mundo, aquela coisa. Parecia um mosquitinho, e era balão, aí eu contava, contava, contava, contava... Aí eu falava, “Meu Deus!” Me perdia. A noite então, a gente confundia com as estrelas que era muito balão. Eu saía com a molecada pra pegar balão, nós íamos aqui no Cidade Jardim que era tudo mato... o... como é que fala? O Morumbi era mato também. (...) Eu joguei futebol também, sou o fundador do Canto do Rio. Nós fundamos esse time em 1941. Pra nós comprarmos a primeira camisa, nós tirávamos areia do rio, de um córrego que tinha perto da minha casa e que chama Córrego do Sapateiro, nós tirávamos a areia e vendia pra comprar camisa. Então a primeira camisa nossa foi vermelha e preta, e aquela bola de capotão, não é do seu tempo (risos), tinha ela amarrado né. E começou assim, né, isso em 1940, mais out menos, a primeira bola que nós compramos. E o Canto do Rio nós fundamos em 1941. E jogávamos lá onde é o Parque do Povo. Ali tinha o Marítimo, eu joguei no Marítimo, o Marítimo era mais pra baixo. Tinha o São Cristóvão e tinha o Floriano, era o Marechal Floriano, era um time bem respeitável, né. E aqui pra cima, então, tinha um imensidão de clubes, aqui na Vila Olímpia, mas nós jogávamos contra e tudo. E lá no Canto do Rio, no fundo, tinha o córrego que passava, que era esse Córrego do Sapateiro que desaguava no Rio Pinheiros, e quando nós estávamos jogando às vezes a bola caía lá no Rio, e se fosse tempo de enchente, nós tínhamos uma vara muito grande, e fazíamos uma coisa que nem se pega peixe, como é que chama aquilo? uma cova, né? e pegávamos a bola. Quando eu era garoto, no Rio Pinheiros eles faziam um

remanso aqui em baixo, onde hoje é a engenharia, não tem um prédio de engenharia aqui embaixo? Como é que chama, na Rua Leopoldo, né. A Rua Leopoldo chamava Rua do Porto porque os barqueiros desaguavam e tiravam areia lá no Rio Pinheiros, e ele fazia aquele remanso ali, aqui em baixo. Eu pescava ali e nadava. (...) Eu entregava leite, meu pai tinha vacas, tinha porco, nós tínhamos tipo uma chácara lá em baixo né. Meu pai... eu perdi meu pai muito novo. Se nós... se meu pai tivesse durado mais uns 20 anos nós távamos bem demais, porque nós tínhamos cercado uma área lá em baixo de 7 mil metros, ali onde... sabe onde é o play tennis, na Faria Lima? É aquela primeira rua lá no cantinho, e nós tínhamos cercado tudo aquilo lá até a Rua Miriti com a Juscelino, era uma área de 7 mil metros. O dono dali falava: “olha você vai pagando como puder”, então parece que eram uns... senão me engano uns 15 lotes mais ou menos, nós ficamos com 3, meu pai ainda conseguiu ficar com três que já tavam pagos né, porque quando ele faleceu nós tínhamos três. Mas eu perdi meu pai cedo... meu pai morreu com 53 anos e... ali nós tínhamos cavalo, charrete, vacas. Meu pai então tirava aquele leite e eu ia entregar na Joaquim Floriano, aí pra baixo, era uma vala, eu tinha até medo de noite, porque era aquele barulho de sapo, rã, era brejo né, era vargem... no pula brejo aí, aí era um brejo aí pra baixo. E eu ia entregar leite, né, e a noite eu não gostava de ir pra lá, mas nós tínhamos fregueses. Ali na Joaquim Floriano era um areião, sabe. Não tinha luz... na minha casa era luz de coisa, depois que veio a luz elétrica, ainda não tinha. E eu pra ir em Santo Amaro com o meu pai, nós íamos de charrete, ele ia lá no mercado... Era Estrada de Santo Amaro. A Joaquim Floriano nunca mudou o nome. Rua Tabapuã não mudou nome, porque? Porque um parente do Arnaldo que era filho do Bibi – Itaim Bibi, por esta razão que se chamava Bibi, ele tinha o apelido de Bibi porque ele saia com o carro, aquele Ford bigode e ele buzina “bibí, bibí”, então pegou o apelido, a buzina – aí a Tabapuã era um parente dele que morava numa cidade desse nome. E João Cachoeira tinha esse nome porque o genro do Bibi chamava-se João Cachoeira, tem foto dele lá no Extra, tem um quadro lá mostrando ele passando de carroça... Então, a história do Itaim é muito interessante. O policarpo foi amigo do meu pai, eu conheci ele pessoalmente, eu sei a história dele, e nessa padaria que eles me deram o livrinho da história tá o policarpo, eu devo tá aí também... E então, sabe o que acontece, ele era cego de um olho, porque um menino caçando passarinho aqui pra baixo, ele tava caçando passarinho e foi matar um passarinho, e pegou nos olhos desse Policarpo, então, ele ficou cego de um olho. Ele era amigo do meu pai, eu conheci ele, ele veio muitas vezes aqui conversar com o meu pai. Ele trabalhava, era português, ele tinha a Chácara das Flores aqui em cima, aqui na Avenida Santo Amaro, era a Chácara das Flores, uma casa antiga, um casarão que tá nessa revista, eu conheci essa casa. Era na Estrada de Santo Amaro, bem do lado, e todo mundo ia compra flor lá, ele vendia flores. E esse Policarpo, ele era tão... que ele levava lanche, ele levava lanche no bolso e comia na hora do almoço pra não gastar dinheiro. Ele não gastava, ele tinha casa em todo o lugar, emprestava dinheiro a juros, era um agiota bem disfarçado, eu lembro ele conversando com o meu pai: “É, eu emprestei dinheiro pro fulano e tá demorando pra pagar”, com aquele sotaque bem de português, né. Então eu conheci muita gente assim. Aí no Itaim mesmo, tinha recordação de tantas pessoas. Ah... deixa eu lembrar... a extinta guarda noturna, tinha a guarda noturna a noite, chamava-se guarda noturna era tudo fardado mesmo. Quem pagava pra guarda noturna tinha um adesivo na parede assim, então, eles cuidavam melhor daquela casa (risos). Era uma ronda, só que era uma guarda noturna. Nessa mesma rua Magalhães, passando o play ténis, no lado esquerdo, a padaria ela é bem na esquina da Rua Lopes Neto, que antigamente chamava Rua Pequena, não, minto, Rua das Cobras, a Rua Pequena é a Atílio Inocenti. Então, tem a padaria ainda lá, que foi a primeira que apareceu ali. Isso foi em mil novecentos... se

não me falhe a memória essa padaria foi fundada ali em 1950, 1955, por aí. Antes ele estava na Marialba, na Joaquim Floriano, depois ele comprou ali, fez ali, hoje tá um prédio ali na esquina, tão fazendo né. E eles... os filhos, fizeram a padaria descendo pro lado esquerdo, tem essa padaria aí, Marialba, antiga, bem antiga do bairro, né. Aí na Joaquim Floriano, tinha um homem bem conhecido, seu Anastácio, já ouviu falar do seu Anastácio? Ele não tinha os dois braços, fazia jogo de bicho, e eu ia lá de vez em quando jogar. Ele escrevia com os pés, tanto com o pé direito com o pé esquerdo. Aqui ele tinha um lápis... eu me recordo tudo isso, parece que eu tou voltando há 60 anos atrás... Ele tinha um lápis bem apontado, e o que ele tinha ali em cima, o cigarro. Como é que ele punha ali? Ele tinha um cigarro ali, acendia com o isqueiro, e fumava com a maior tranquilidade, e tinha ali, o cigarro ali, pendurado naquele lápis. Aí, uma vez ele foi... isso aí o meu irmão é que sabe, ele foi numa festa não sei a onde aí e quis soltar um buscapé e ele pôs o buscapé ali no pé e quando ele foi soltar não saiu o buscapé, chamoscou todo o pé dele e ficou enfaixado... Esse é o Anastácio! Deixa eu me lembrar [*sic*] outra coisa da Joaquim Floriano... Tinha o Grupo Escolar Aristides Castro que eu estudei. E hoje parece que ainda tem o Aristides Castro mas já não é mais lá. Seu Brandão era um verdadeiro médico, ele tinha uma farmácia chamada Brandão antigüíssima. Todo mundo conhecia, ele parecia um doutor, tinha remédio pra todos que chegassem lá, ele tinha uma coisa. (...) Eu lembro quando eu era garoto e falava, puxa vida, aqui era aquela rua assim e assim... De repente começa a vim aqueles trator, aquelas máquinas lá, e mudando tudo, aplainando, daqui a pouco vem o asfalto... Pra mim era uma novidade o asfalto, que meu pai falava assim: “Ah, filho não se admire que tive...” Ele tinha vaca sabe a onde? Na Rua Canadá, conhece? Era o Jardim Paulista, ali. Ele tinha vaca lá, e começou a vim o progresso e ele teve que vim embora pro Itaim. Então, ele veio embora pra Rua Heloisa... (...) Eu tenho cada recordação de garoto lá. Eu era pinta brava, eu bagunçava mesmo, desde pequenininho (risos). E então, nós moramos na Rua Heloisa que hoje é a Juscelino Kubitschek, a Rua Amélia hoje é a Jesuíno Cardoso, aqui em baixo né, na Vila Olímpia. (...) Eu paro pra pensar e... puxa vida, quanta coisa que a gente... que eu vi nesse bairro e acontecer tanta coisa né. E lembro da Faria Lima quando ninguém queria a Faria Lima, né, não assinavam... e morreu gente lá que moravam na Faria Lima, morreram de desgosto, de perder as propriedades... porque veio a ordem e compraram tudo a preço de banana, né. E o Maluf não deixou tirar uma árvore... você pode subir a Faria Lima até a Rua Aspásia, parece, tem uma árvore quase no meio da Faria Lima, era a frente da casa de uma amiga minha, e o Maluf falou que essa árvore ele ia preservar... desviou um pedacinho da Faria Lima no sentido pra lá, pra conservar aquela árvore, a coisa mais linda a árvore no meio da... tem até hoje ainda. Você passando lá você vê a árvore, todo mundo conhece a história. Meu ajudou a construir essa Igreja, e meu irmão tirava areia da vala da Joaquim Floriano, quando subia, tinha aquela areia lá, e ele aproveitava tudo pra vim pra Igreja nas caçambas. O cavalo era tão ensinado, era tão coisa que ele nem... sentava lá e ele vinha direitinho até a porta Igreja... trazia areia, pedregulho, a base em baixo era feita daqueles pedregulhão... Tinha o Sanatório Bela Vista, do lado da Igreja. O córrego do Sapateiro... foi aterrado né. Ali na Rua Luis Dias, tem um terreno que eles não conseguem vender porque ninguém compra com o medo do solo. Eles mudaram o percurso do Rio para aterrar o córrego, né, o Rio passa no meio da Juscelino. Então ele tinha aquele desvio... era pertinho da minha casa... era uma ponte, tinha uma pontinha estreita assim, e o pessoal passava ali, não tinha nem ponte direito. Eu nunca esqueço eu era garoto também, devia ter 13, 14 anos, e eu gostava de pegar madeira pra lenha, né, e passava o rio quando enchia e passava do lado, né, teve um garoto que caiu dentro do rio, caiu dentro do córrego e tava com um rodo e consegui tirar, porque se eu pula lá

dentro, eu sabia nadar, mas se eu pulo, eu ia morrer, sabe porque? porque do lado tinha uma ponte e a ponte já tava... já tava passando... como é que eu ia passar por baixo daquela ponte? Então eu ainda consegui pegar ele pelo cabelo e puxar. Ele já tinha pulado duas vezes... salvei a vida dele, mas olha o que aconteceu, quando eu tirei esse menino do rio, foram chamar os pais dele que estava na casa duns parentes e ele morava aqui em baixo, não sei o nome, aí pra baixo da Vila Olímpia, que mudou tudo... ele veio lá e pegou o garoto dele, e me abraçava chorando e foi levando o garoto dele... soltava aquele golfo de água, porque tinha engolido muita água, né... quando ele chega na casa dele, tinha mais de 50 pessoas na porta, e ele falou “Nossa como a notícia correu tão rápido, né”. Quando ele chega lá tinham acabado de tirar a filha dele do poço, salvaram a filha dele, na mesma hora. O poço tava muito cheio e amenina pegou uma vasilha e foi pegar água pra dentro, salvaram ela também. Então, na mesma hora salvou os dois filhos, eu salvei o filho e salvaram a filha. E isso é um coisa que ficou na memória, né... Essa área toda alagava muito aqui, e aqui em baixo tinha descoberta de areia, tinha muito lago, e uma vez eu tava pescando ali naquele lago, né, de repente chegou bombeiro, chegou tudo ali e eu falei “o que tá acontecendo?” E eles falaram “Nós vamos virar um corpo que tá enterrado aí, foi afogado e tá aí no fundo desse barco aí”. E eu fui pescando do lado de um morto lá, que já tava até aputrefado, já fazia 5 ou 6 dias, o papai falou que ele já tinha morrido e afundado ali. E eu pertinho, pescando ali... Bocha eu gostava de ver, não gostava de jogar porque uma vez quase eu matei um rapaz lá... eu fui treina lá, e quando eu via a bocha pegou nas costas do rapaz... Meu Deus! Agora ainda tem um jogo de Bocha aqui né. Lá em baixo eles tinham uma brincadeira, lá na... como é que chamava a rua? Eu não lembro, era no Itaim. Então tava todo mundo treinando, achei bonito aquilo lá, mas fui jogar com muita força, nessa época eu devia ter 16 ou 17 anos, e pegou no... quase que eu mato, se pega na cabeça tinha matado, porque aquilo pesa né. Eu acho que é origem italiana aquilo, né. Tem um aqui na Helio Pelegrino, e eu fui lá tentar vender aquele terreno lá, mas eles dizem que não vende porque é um patrimônio, né, de todo mundo. Hoje em dia, os prédios são bastante procurados, né. Sabe eles tão aproveitando, os donos, e subindo o preço demais. Agora mesmo, nós távamos fechando uma área aí, cinco mil reais e de repente subiu pra dez, e não tão abrindo mão, né, o metro quadrado, né. E eu tenho uma amigo meu, que por sinal e descendente de português, e ele ainda tem 220 metros, e ele ainda faz a seis paus o metro. Eu tou tentando vender, que eu trabalho com a Camargo Corrêa, e nós tamos com muita coisa oferecendo pra ele, né. Eles tão com 450 milhões só pra investir em áreas aqui. E eu tou correndo... Essa valorização foi um disparate, né. de repente subiu tudo. Aqui na Casa do Ator, eu tinha uma área lá quase toda fechada, 1500 metros, a 5 mil reais o metro, quando de repente subiu pra 9, quer dizer... não fechamos, porque é uma especulação, sabe. Aqui mesmo nessa rua, na esquina da minha rua aqui, o dono tava vendendo e agora subiu, quer 10 mil reais o metro. A vizinha que tava vendendo por 5 subiu pra 10 também. Então, a gente tá correndo atrás, mas valorização demais, por conta, não que vale isso, né. Porque, aqui mesmo ofereceram a sete mil o metro né. Mas eu venderia né, que dá um milhão e meio mais ou menos, mas a vizinha não quis vender, então... fiquei parado, né. Então é assim, o preço daqui do mercado tá feio. Eu tinha... ali na Faria Lima foi vendido a 25 mil reais o metro, num prédio bonito que tem subindo aqui, ali perto da Rua Orácio Lafer, foi vendido a 25 pau o metro.

ENTREVISTA 14: ZEZINHO (ANTIGO MORADOR)

Idade: 49 anos

Sexo: masculino

Escolaridade: primeiro grau completo

Ocupação: reciclador e grafiteiro

Endereço: Rua Coliseu, 114, Vila Olímpia, São Paulo

Data: 25.08.2011 às 15h no centro de convivências da Comunidade Coliseu.

P – Há quanto tempo você mora na Vila Olímpia? Onde morou antes de vir para a Vila Olímpia? Por que escolheu a Vila Olímpia?

R – Moro aqui há trinta e... trinta e quatro anos. Antes eu morei... eu já morei... antes eu já morei numa comunidade aqui em cima, é... aqui na frente dos banco, até esqueci... agora que tá me dando um branco... era bem aqui, aqui na... rua das Olimpíada mesmo, que eu morava. Era outra... era outra comunidade também. Eu escolhi vim pra cá porque... foi tempo que eu acho que as comunidade foram saindo... o governo ia chegando, ia pegando, ia tirando, e ia recolocando as pessoa em outra região, numas empresa que compravam terreno e tirava... as pessoas daquele canto lá e... Eu tive uma oportuni... porque eu... a minha esposa veio primeiro pra cá, né. Eu comecei a namorá [sic] com ela, então ela veio primeiro pra cá, e eu vim em seguida, eu vim mais por causa dela.

É, nem sempre eu trabalhei como reciclador... Na década de 90 eu trabalhei numa empresa chamada Mitsubishi de carro japonês, americano, aqui na Bandeirantes. Trabalhei uns três, quatro anos lá. Aí depois eu trabalhei na Sangria, na rua do Rocio, uns dois anos também. Aí eu trabalhei numa empresa de aeróbica chamada de Rano, na Juscelino. Tá tudo numas ficha aí... que o pessoal colocou aí pra mim. E eu sempre circulei no bairro, eu vivi a minha vida toda no bairro.

P – Qual a sua relação com o bairro? Lazer? De que tipo? Onde? Estuda? O quê? Onde? Trabalha? Com o quê? Onde?

R – Nós tamo [sic *passim*] no centro da... nós tamo no olho do furacão mesmo. Pra lhe falar, nós tamo aqui perto de empresa como E-Tower, essa empresa... O Grupo Millenium, empresa Via Funchal clube de show, a Daslu, aqui, as casa de show daqui da frente, tamo encostado na Faria Lima. Tamo a menos de dois quilômetro da "Rede Grobo" que é famosa, sabe... Tamo no centro de um dos mais importante de São Paulo, porque que num... nós [sic *passim*] num luta por essas coisa que é boa pra nós. Quer dizer, ou o Governo Estadual, ou o Governo Federal, ele vai vê... ele vai vê nós... Ele vai ter que vê nós, pra o quê? Pra ele trazer algumas coisa... algumas coisa boa, projeto pra nossa comunidade, que o governo num investe nisso. Tem muitas empresa que ela... tem muitas empresa aqui no nosso Bairro, que ela... que ela tá ajudando a gente, como a Daslu há cinco, seis ano atrás, tá ajudando a gente, tá fazendo várias coisa, tá fazendo.... que o Governo Estadual que devia trazer pra nós as coisa. Hoje na nossa comunidade você vê o quê? Você vê poste de luz quebrado, você vê a água que é precária, você vê que o barraco tá caindo... Ninguém, assim... ninguém tá falando aqui, que nós queremo algo de graça do governo, mas nós não queremo nada de graça. Que tem gente chega aqui e fala assim como que se come arroz, feijão... ou aquele salário lá.. família... que o governo dá que é setenta, sessenta real. Nós queremo um algo a mais, nós queremo o que? Educação pra nossos filho. Não sei se eu tou pedindo mais, mas eu tou querendo

dá o que tá na nossa Constituição. Nós queremos saúde pros nossos filho. Um posto dentário que não tem aqui. A gente precisa de um trabalho de advocacia, um trabalho pra tirá um documento, é aquela correria, sabe... Sempre samo mal visto, podemos falar assim... Sempre samo mal visto. Quando nós vamo tentar arrumá um emprego aqui nessa região a maioria das empresa num qué, porque já liga a nossa comunidade com... com o nosso caráter, com a nossa... sabe. É porque, se você vai falá, você tem que rasgá o verbo, você tem que falá a verdade nua e crua, não é? Tem que falá a verdade... Então, quando... muitas vez, muitas vez... quando nós falamo nesse ponto... nesse ponto, muita gente num gosta. Eu já falei pro jornal americano, e eu falei nisso, eu toquei nesse ponto. Quando eu falei pro pessoal do The Guardian, da Inglaterra, eles falaram: "Caramba, como é que pode ter uma pessoa numa comunidade que pode gostar tanto de uma cultura fina e ter uma visão dessa, com pouco estudo, sendo nordestino, vindo da terra do Lula, lá do nordeste, lá de Caruaru, lá de Cotia, e tamos aqui lutando por esse objetivo?"

Ah, o Muro de Berlim... o que representa esse Muro de Berlim quando eu falei... ou hoje que eu tou afirmando o Muro de Berlim, é que na verdade, esse muro representa o que? Essas grandes empresa, tudo isso que tá sendo construído ao nosso redó, tudo isso, esses imposto que o governo... esses imposto que o governo tá dando, por exemplo, pro estádio de futebol, o governo tá dando quatrocentos milhões aí pra construí... qué dizê isso pra mim, eu vejo, Zezinho... eu vejo isso aí como o grande muro, sabe... eu vejo isso aí... em vez de o governo dá quatrocentos milhões pra alguém construí um estádio de futebol pro Crube... *[sic]* eu não tenho nada contra o Crube, o grande Corinthians... eles gastam quatrocentos milhões... então eu posso pegar isso daqui e falar que isso é um Muro de Berlim, isso é uma verdadeira vergonha. É uma verdadeira vergonha eu ver o meu dinheiro do imposto de renda sendo gasto, quatrocentos milhões em um estádio de futebol, sendo que nós tamo num bairro que se quer tem asfalto pra se andar. Se quer você pode andar, porque na hora que chove empoça tudo. E o governo Kassab, o Governo Federal, eles insistem em falar que o Brasil tá bonito, que o Brasil tá bom. E na verdade tá bom, não tá ruim... Mas nós o povo, nós merecemo também... por exemplo... Esses dia, essa semana... Essa semana agora foi preso lá na Bahia um cidadão que ele deve um bilhão de real pro governo federal, ele deve um bilhão e tem uma ilha... E o governo deve fazer o que? Pega esse imposto e distribui pra nós... Essa é a visão... essa é a visão do Muro... O Muro de Berlim pra mim é isso. Porque lá... porque lá na Alemanha, os governante lá tiveram vergonha na cara... eles falaram: "Vamo derrubar o Muro, vamo quebrar, vamo tirar esse muro da vergonha aqui, vamo desmanchar na martelada". E nós aqui no Brasil não... Nós moramo na Vila Olímpia, num bairro que tem muro de cinco, de dez metro, tudo cercado, com cerca de arâme... Por que? Porque nós não temo coragem de dividir nessa... nessa... nesse... nessa história da... de comunidade, de gente, que o emprego... Você vê... um emprego é muito pouco. Num queremos nada, num queremos que as empresa aqui e o governo dê nada pra nós, nós queremos apenas um coisa que se chama dignidade e respeito. Você pode chegá em qualquer senhora da favela, em qualquer mãe, dentro da comunidade, da favela, quem fala é a esposa, quem fala é a mãe. Você fala pra ela "Minha senhora você gostaria de tê o que?" Ela fala pra você assim "Eu gostaria de tê uma casinha, e um emprego, e escola pro meu filho estudá" Somente... isto é que está na constituinte, mas o governo insiste em dizer que tá bom! Eu me identifico aqui com o Bairro, eu me identifico porque eu tou dentro de uma realidade... é como se eu tivesse dentro do Brasil e eu saísse de dentro do Brasil, na hora que eu saio da Rua Coliseu e entro na Rua Funchal, é como se eu tivesse saindo de dentro do Brasil e entrando nos Estados Unido, é como se eu tivesse saindo de dentro do Paraguai e entrando dentro do Brasil. Então,

eu não posso... eu não posso fazer o que? Eu não posso concordar com isso... eu não posso concordar com isso... Por que? Porque assim... nós samo chamado, nós samo chamado quase que vinte e quatro horas pela grande sociedade como... O governo ele coloca a sua mão forte na nossa frente, em vez dele colocar uma educação, ele coloca os policial. Ta certo, né... tá... tá mais do que certo... mas ele coloca lá pra que? Caramba, coloca uma atividade, chama nós, fala com nós, conversa com nós, vamo fazer as coisa. Isso que, às vez, deixa a gente indignado.

P – Você se relaciona com os moradores vizinhos? De que forma? Se não se relaciona, por quê?

R – Ah eu... eu como eu falo, eu... Eu sou reciclador, tenho muito contato com muitas pessoa, converso com todo mundo, taxista, gente do prédio, gerente, eu tenho uma coletividade com a maioria das pessoa, conheço muito bem, gosto demais desse bairro, esse bairro é um pedaço da minha vida, foi aqui que os meus filho nasceram, foi aqui que o meu netinho já nasceu, já faz dois mês que nasceu, então... tem tudo a ver comigo, é a minha casa mesmo. Eu gosto de andar na rua do Rocio, lá eu tenho várias pessoa que eu conheço. Na rua Helena, na Gomes, Gomes de Carvalho, na Rua das Olimpíada, é... Luiz Ferraz, é aqui... na Faria Lima, vou nas feira, no corpo de bombeiro. Lá em cima tem um boliche que eu frequento, no bolichinho... As vez eu vou lá no corpo de bombeiro que tenho uns amigo policial do corpo de bombeiro que falam: "E ai, como é que é?" Ai eles falam "Entra aí, seu Zezinho, que nós vamo.." Então... nós temo contato, somo um pouco conhecido no bairro também, assim, sabe. Cutuco... eu já consegui fazer aqui na rua Helena uns amigo que é de uma empresa de... eu já trouxe eles aqui, apresentei pra professora. É... é... esse pessoal é... Então... até oh... pra você vê... Tem um... tem um professor americano que se chama Sam que virou meu amigo e eu já apresentei ele pra o pessoal aqui. Então pra você vê, até amigo americano eu consegui trazer aqui dentro, é meu amigão... Então, recebo muita gente, na minha casinha, que eu tenho uma relação muito forte com a história dos beatles, por causa de uns venil, desde a minha adolescência que eu sempre gostei dos beatle. Então muita gente me visita, já me visitou, gente por exemplo da França, Estados Unido, é... gente de... é... gente da Bélgica, gente do México, Colômbia, Polônia, então... eu tenho conhecimento... Agora... pra falar, eu... desenrolo qualquer uma... uma palavra, né, e assim, conversando com gente, com pessoa, com departamento de pessoal, assim... Eu tenho uma relação muito forte com a presidente da comunidade, assim, desde o tempo de adolescente. Nós se conhece a mais ou menos uns vinte poucos ano, e sempre... e sempre... quase que nós tivemos quase que o mesmo objetivo... lutamo pelas mesma coisa... falamo as mesma coisa, sei lá... acho que tá no DNA do... eu acho que tá no meu DNA de nordestino, de querer ver as coisa mais bonita, é... Pra falar a verdade eu sou um sonhador. Cara, mas quem não foi um sonhador. O Lutherking, um grande americano, ele teve um sonho, ele usou a desafiá os branco, e a igualdade social lá foi se... Porque que o Zezinho não pode lutá por esse lugar chamado de Funchal, que tá no centro da... tá no centro do dinheiro.

P – No seu ponto de vista, quais são os aspectos positivos e negativos do bairro?

R – Ah, na Vila Olímpia eu gosto de muita coisa, na Vila Olímpia tem shopcenter [*sic*], e as criança, nossos adolescente vai lá, eles são bem recebido. Na Vila Olímpia tem... tem bares, tem restaurante, tem emprego que é essencial, tem um posto de saúde aqui pertinho da gente, tem o que? Tem tudo que é do bom e do melhó. Só que esse do bom e do melhó [*sic*] custa muito caro, e custa muito caro!! E nós não temos acesso. Uma época atrás, um jornalista, um amigo da Folha de São Paulo, um jornalista... um jornalista da... da agência França Express chamado Moris Lima, ele colocou o seguinte,

ele falou do preço de uma mercadoria numa empresa chamada Daslu que uma roupa que eles vende lá, vale um salário de quase trinta pessoa. Isso não é justo... Uma empresa como a Daslu... Não tou aqui metendo pau em empresa de ninguém não. Mas uma empresa como a Daslu que o pobre não pode entrá, a pessoa a pé não pode entrá, só de carro de luxo. Caramba, como é que eu posso me contentá... como que eu não posso chamá isso de um Muro de Berlim? Isso é o muro da vergonha. Eu posso chamar isso do Muro da Vergonha, Eu moro num país democrático, eu moro num país de estado livre, de ir e vim, só que eu não vejo esse ir e vim pra mim, eu não vejo que eu sou livre. Caramba, eu não vejo... eu tenho direito a tudo isso, e esse meu direito é negado vinte e quatro hora por dia, não é?

- Importante? É a união... os vizinho... os vizinho que eu conheço lá fora são muito importante. Mas hoje, eu tou vendo... que a segurança na Vila Olímpia, hoje ela tá muito boa, uma coisa linda. O governo ele tá uma nota 10 nesse ponto. E também arborizada, bonita, cheia de lâmpada lá fora, nós aqui, nós não tem, mas pelo menos nessa parte tá tendo. Então eu me sinto feliz porque eu sou um cidadão, tá entendendo. Estou falando... é isso que eu falo... eu rasgo o verbo, meu irmão.

P – Como era viver no bairro antigamente? O que mudou? O que mais sente falta em relação à forma antiga de vida no bairro?

R – Ah de trinta anos pra cá ela mudou muito, porque... porque o desenvolvimento nesses trinta anos foi muito rápido. Eu vi o Bradesco nascê aqui na Av. Bandeirantes, eu vi... Eu vi a maioria desses prédio nascê. Se você me perguntá assim, onde é que fica... Eu conheço... Tem um prédio aqui na Vila Olímpia que ele não é chamado pelo nome do prédio, ele é chamado pelo número, um número inglês, que é o prédio 100. O prédio 100 fica na rua das Olimpíadas... parece que é o prédio "sou" em dois 2005... Quer dizer nós temos esse aparato todo aí de trinta anos pra cá. De trinta anos pra cá eu vi a rua Helena ela se desenvolver. A rua Helena era uma rua que tinha... ela tinha várias empresa de roupa... tecelagem. Tinha uma que tinha lá uns cachorro grandão assim ó, tinha umas oficina, é uma ruinha bem apertadinha, mas era muito, era muito... era tudo de casa pequena. A rua do Rocio, era uma rua que tinha... tinha uma tecelagem que era quase metade do quarteirão, tecelagem de roupa. Aqui na Olimpíadas tinha a Cuti, de filme, de tirar fotografia também. Eu também lembro aí de algumas coisa... Tinha a Tauro lá em cima, tinha a padaria da Dona Maria da esquina. Aí, na outra esquina tem os meus amigo que gostam de música de violino, aquelas coisa... É que eu conheço um pouco do bairro e eu conheço as pessoa. E as pessoa falam: "Ei, seu Zezinho, você tá aí? Você tá polêmica ainda?" Então, eu sou uma pessoa polêmica, porque mano... Eu sou polêmico, porque ó... Apareceu uma entrevista minha no Uol, apareceu no Terra, no The Gardian da Inglaterra, na Folha de São Paulo, no Estadão, apareceu no jornal da Tarde, na Folha da Manhã, apareceu naqueles outdors grandão assim, o Zezinho falando... quando tinha aqueles outdors aqui na Faria Lima, apareceu na BBC de Londres, a esposa de John Lenon mandou um e-mail pra mim, por causa do que eu falei, por causa do que eu pedi. Veio um cara aqui... eu virei um postal... Você já viu um brasileiro, pobre, morador de favela virar um cartão postal? Isso pra mim é motivo de orgulho!!! Isso tudo é orgulho... então eu vou falar aquilo que eu sinto... eu gosto daquilo... (...) Olha o meu desejo, além de um desejo, sempre foi um sonho, que esse lugar chamado Coliseu, esse lugar chamado Funchal, que ele se torne casa de tijolo, casa de verdade, porque daqui nós não vamo sair, porque daqui nós não vamo arredar o pé. Esse é o meu sonho. Os meus filho nasceu aqui, os meus neto já tão nascendo aqui, e eu tou de 32 a 34 anos aqui, então porque que eu vou sair daqui. Aqui é nosso! O meu sonho é que nós temo a nossa casa de tijolo, que o governo olhe pra esses objetivo

de casa de tijolo... que ele tem que deixar de ser... deixar de ser, sabe... Eu num conheço palavra pra falar de governo... Quem sou eu pra falar de governo que ele tem os seus secretários, tem seus ministros. Mas o meu desejo, o meu desejo não, o meu sonho, porque se eu tou falando de desejo, tou falando de cosia pessoal, o meu sonho é que esse lugar chamado de Coliseu, de Funchal, seja casa de verdade, seja casa de tijolo. Não quero saber se vai custar... se vai custar meus cabelo, se vai custar a minha vida, mas o meu sonho é a nossa comunidade de tijolo, não interessa o que tem o que deixar de ter, o que interessa é que tem que ser casa de tijolo de verdade, que alguém chega aqui e faça uma quadra pra nós, porque temo espaço pra ter quadra, tem espaço pra fazer várias coisas boa aqui. Tem espaço, as pessoas não faz porque não quer fazer, entendeu. Não é isso? Eu acho que isso é da hora! Pra você vê, que eu sou um cara tão louco, que eu sou capaz de colocar a minha vida aqui assim... coisa que ninguém teve coragem de fazer até hoje, que ninguém teve coragem de falar pela Vila Olímpia. Aqui tem vereador, já teve vereador que se chamava Naim, um cidadão que é conhecido nos meios de comunicação, que ele nunca veio aqui. Chamei eles várias vez, conversei muito... Tem empresas que quando vamo conversa com elas, elas se recusam a falar "Não, lá não". É como se nós fosse bixo, é como se nós fosse objeto. E o governo trata nós aqui dentro, nós a comunidade como número, nós não samo número, nós samo gente. Nós mora num país que é rico de tudo, água, energia, dinheiro, riqueza, jogador de futebol nasce um atrás do outro, rapaz. Parece que quando a Rede Globo, ela fala... Parece que quando o Datena da Rede Bandeirantes fala, quando o Faccioli da Rede Bandeirantes fala, quando o jornalista da Tv Record fala, parece que quando eles falam só tem Ronaldinho no Brasil, só tem Cacá, parece que quando eles falam só tem gênio de bola aqui. Parece que só tem gênio, aquele homem que foi no foguete lá pra lua, sei lá pra donde, ficou lá no espaço. O Brasil é um país de gênio, é lógico que é um país de gênio. Mas o Brasil é um país... O Brasil é um país de gente que precisa. O Brasil é um país de gente carente. É só você sai... É só nós sai daqui da Vila Olímpia, e ir aqui junto da casa do governador, do Palácio do Governador, encostado no estádio do Morumbi, se vê um monte de favela, um monte de barraquinho. Você vê o que? Tudo invadido de polícia, mas porque? Porque o governo não devia incentivar? É pedir demais? Não é pedir demais. Porque daqui da Vila Olímpia até o Palácio do Governador não dá mais de dez minutos de carro. Então, eu vejo esse tamanho de desigualdade. Aqui, na Coliseu, no bairro onde eu tou, no meu barraquinho de madeira aqui, que vale lá o que uns quinze.. uns vinte mil real, se fosse pra mim sair hoje, que vale. Se alguém se compromettesse em pagar esse dinheiro a coisa seria diferente... só que eu tou perto, encostado num prédio, em casa que vale três, cinco, quinze, trinta, cem milhões de reais. Então não posso me conformar com isso, porque a desigualdade é muito grande. Aqui na frente nós sai de carroça na frente da minha rua e passa uma camada de ferrari, e passa um cara de... eu não tou falando que ele tá errado de passar com uma Mitsubichi ali na frente, eu tou falando que a desigualdade ela é muito grande. E se esses homem que são muito rico, se eles não abrirem o olho, se eles, não se preocuparem, eles não vai andar de Mitsubichi ou de Ferrari porque vai tá cheio de ladrão na rua. Eles não tão se preocupando com nada. Eu não tou falando que tem que pegar lá o Mitisubichi dele, a ferrari dele e cortar um pedaço... pegar o rolex dele... Quando o Datena tá falando na Rede Bandeirantes, e ele tá aparecendo assim, de relógio, de rolex que custa mais ou menos cento e cinquenta mil real. Aquilo dali é o que? É dinheiro. (...) O Lixo da Vila Olímpia é bom, o lixo da Vila Olímpia é de primeira. Eu já encontrei no Lixo da Vila Olímpia computador, televisão que tá funcionando, esses negócio de colchão, fogão, videocassete, dvd, muitos cds de rockn' roll, já encontrei muita roupa. Vila Olímpia é um celeiro de coisa boa. É um dos lixos mais da hora, mais rico, isso, um dos lixos mais

rico. Tá lá as coisa tudo que eu achei no lixo, dvd, computador, um aqui outro acolá, som... Já achei até acho que foi um ou dos discos dos Beatles também. Eu grafito também... eu converso com os pessoal dos prédio e pergunto "Cara, você tem um pouco daquelas tinta lá que você terminou o prédio agora?" Ai os cara falam que tem e eu digo que sou grafiteiro que mora na comunidade ali e se eles podem arrumar, e eles arruma uma lata, duas lata, rolinho, pincel, spray, e eu vou pintando pelo bairro em todas essas ruas que eu falei pra você, Gomes de Carvalho, é... Rua do Rocio, Rua Helena, Gambaza, lá em baixo, Rua... aqui na... aqui na Quatá. Esses pessoal tudo me dá o material. E eu passei o que? eu passei... eu comecei a grafitar aqui na Via Funchal em... em... 2002. Passei, quase doze anos... quase dez anos grafitando a favela toda. De dia, de noite um pouco... ai depois de dia, depois de noite. Essas imagens aqui na favela são todas minhas, tudo independente, todas minhas, eu grafitei tudo. Então, se chegar uma pessoa aqui, que vai grafitar, as crianças vai falar assim: "Quem fez esses desenho aqui na parede foi meu amigo, o Zezinho". Pode ser uma criança de um ano, de dez anos, de vinte ano que ele vai falar a mesma coisa. "O meu amigo Zezinho que fez!" Eu sou conhecido muito... que não deixa de ser uma obra social também. Acho que fica mais bonito. Cê sabe o que foi que algumas pessoa já me falou aqui? Algumas senhora falou assim: "Zezinho, oh, o meu filho... aconteceu isso com ele, e eu ia me suicidar... (chegaram... e já falaram algumas pessoa...), e eu fui lá pro muro lá... fiquei olhando aqueles desenho... pensando... assim... loca, assim... Aí, eu tava triste e comecei a ficá alegre, e tou feliz... Eu vim falar pra você que eu não vou mais mi matá, nem vou mais me suicidá, nem vou mais sumi, nem vou mais... vou ficá aqui, que esses desenho tá me fazendo um bem danado". Então, eu já ouvi gente vim falá isso. Gente chegou chorano perdimim, e me apertô assim, e me agarrô e me deu uns beijo... "Caramba, Zezinho, a minha vida tava uma bosta, e quando começou a olhá praqueles desenho loco seus lá, aquele nome de Jesus que tem lá na parede lá... eu tenho outro tipo de visão". Várias pessoas, é... algumas pessoas já me falou isso aqui dentro... Foi assim... caramba, meu.

ENTREVISTA 15: IRINEU (ANTIGO MORADOR)

Idade: 76 anos

Sexo: Masculino

Escolaridade: Primário Completo

Ocupação: Comerciante

Endereço: Rua Nigéria, 44, Vila Olímpia

Data: 21.10.2012 às 15h na Festa dos Povos, dentro da Igreja de Santa Teresa.

P – Há quanto tempo você mora na Vila Olímpia? Onde morou antes de vir para a Vila Olímpia? Por que escolheu a Vila Olímpia?

R – Há 76 anos. Eu nasci na Vila Olímpia, sempre morei aqui. Eu sou descendente de italianos e meus pais vieram pra cá, logo no começo do bairro, moravam no Brás, e depois vieram pro Itaim Bibi e estamos até hoje, né. Eu nasci na Rua Imperial, que hoje é Horácio Laifert, com a Atílio Inocenti, que antes era a rua pequena. E hoje nós moramos na rua Nigéria, 44.

P – Qual a sua relação com o bairro? Lazer? De que tipo? Onde? Estuda? O quê? Onde? Trabalha? Com o quê? Onde?

R – É uma vida, né! A gente adora aqui o bairro. Estudei no bairro, sempre trabalhei no bairro, sempre tive comércio aqui, nunca sai daqui, não. Vou na padaria, no mercadinho da esquina, faço tudo a pé, vou andando mesmo. De carro, só quando venho do trabalho, que passo no mercado pra levar alguma coisa pra casa. Se sai de casa pra ir no mercado é a pé. Eu trabalho na Av. Ibirapuera.

P – Você se relaciona com os moradores vizinhos? De que forma? Se não se relaciona, por quê?

R – Me relaciono com todo mundo, com tudo, todos! A gente que jogou futebol, que foi criado aqui a gente facilidade de se comunicar com o vizinho, com o amigo, né, mesmo com as amizades novas e as mais antigas. Eu conheço meio mundo aqui, e pessoal me conhece também.

P – No seu ponto de vista, quais são os aspectos positivos e negativos do bairro?

R – Olha, do que a gente não gosta é difícil, é difícil. A gente não vê defeito no bairro. A gente adora a Vila Olímpia, sempre fizemos de tudo pra morar sempre aqui, temos propriedade aqui. E logo que casamos moramos em monsões, depois voltamos logo pra cá e tamo até hoje aqui com 53 anos de casados e seis anos de namoro. Quanto ao trânsito e a segurança, tá tudo bem, né. Não sei se o anjo da guarda da gente tá sempre de plantão, mas tá tudo beleza.

P – Como era viver no bairro antigamente? O que mudou? O que mais sente falta em relação à forma antiga de vida no bairro?

R – No Itaim, demorou muito pra vir o progresso, demorou muito. A primeira rua asfaltada do bairro foi a Joaquim Floriano, com aquelas pedras, sabe! Foi a primeira rua. Depois que veio a Clodomiro Amazonas e outras. O dono do Itaim era o General Couto de Magalhães, seu Bibi. Daí o nome Itaim Bibi. Eu conheci ele pessoalmente quando a minha mãe foi pagar a prestação do terreno que ele tinha loteado, e estava no terraço da casa dele, que era na Rua Cojuba, onde é a creche da Igreja, ali era a casa dele, porque

era tudo dele né. Ali que eu vi ele de pijama eu e minha mãe. E ele era um homão, grande pra caramba... aí minha mãe foi pagar ele pegou o dinheiro e disse: “Pode ir no cartório que tá tudo certo!” Palavra, sabe! Naquele tempo se tinha palavra... tinha valor. O progresso trouxe o asfalto, iluminação, prédios, não tem jeito mesmo, tá tendo um enxame de prédios agora que a gente não sabe como controlar por aqui. Vão comprando tudo e vira prédio. O bairro é muito valorizado hoje, o preço do metro quadrado aqui PE 12.000, 15.000 reais. Agora é caro, Vila Olímpia é um bairro caro, caro pra morar, pra tudo, até pra pagar o aluguel de apartamento aqui, não é barato, tudo é caro. Mas é bem servido de loja de supermercados de tudo. Eu acho que tem qualidade de vida pra quem mora aqui. Pra nós, por exemplo, que moramos perto da Faria Lima, então tem ali um ônibus, tem isso, tem aquilo... dá pra sair de carro... Joguei futebol no clube do Marechal, no Marechal Floriano, joguei no Bandeirantes do Itaim, aqui na Leopoldo Couto de Magalhães. Entrando aqui por aqui, pela esquerda, ali era a Chácara das Peras, da família Aguiar, e quando tiraram as pereiras nós jogamos ali muito tempo, no Bandeirantes. Eu frequento pouco a Funchal, o Shopping Vila Olímpia. O bairro hoje tá sofrendo um progresso muito grande, é muito promissor, um bairro de escritórios de tudo, aqui promete, viu. As casinhas térreas tão saindo todinhas pra da lugar a esses prédios aí. Nós, por exemplo, nós moramos numa vila de sobrados, né, mas a qualquer hora os caras chegam, chegam aí... A gente não sabe o que fazer pra não vender, porque a proposta deles é sempre tentadora, né. Eles pagam muito mais do que o normal. Mas enquanto tamos se segurando, tamo aí.

ENTREVISTA 16: NORMA (ANTIGO MORADOR)

Idade: 78 anos

Sexo: Feminino

Escolaridade: Pedagogo

Ocupação: Professora Aposentada

Endereço: Rua Baluarte, 63, ap. 21, Vila Olímpia

Data: 24.10.2012 às 15h no térreo do prédio da entrevistada

P – Há quanto tempo você mora na Vila Olímpia? Onde morou antes de vir para a Vila Olímpia? Por que escolheu a Vila Olímpia?

R – Há 56 anos. Antes eu morei no interior, em São José do Rio Preto. Olha, eu tava morando na casa de uma tia... Eu vim pra São Paulo, porque os meus primos envolvidos aí com a parte de política, havia um interesse na prefeitura de criar o ensino municipal. Não que estivesse falhando o estado, mas era pequeno o serviço. Estava faltando. Então, o prefeito na época e secretário, que o nome dele falha agora, a idade colabora né, começaram a chamar as pessoas que estivessem interessadas em montar. Nós montamos uma sala de aula. Então eu parei aqui em Moema de bonde, o bonde parou de funcionar, e nós falamos: “Vamos descer por aqui?” E foi muito bom. Acendeu uma luzinha assim interior, sabe? Porque não havia escola. Aqui tem uma na Avenida Santo Amaro, tinha uma particular em Moema e depois só em Santo Amaro, e depois no Itaim. As crianças que moravam nessa região tinham dificuldade de estudar em escola pública, que era a melhor escola na época. Então eu consegui. Mas fiquei só cinco ou seis meses ali porque eles tavam construindo na Rua Casa do Ator com a Baluarte, e a Gomes de Carvalho que ela pega do lado de lá também, tavam construindo um prédio, e eu fui a primeira a ser chamada pra cá. Então, por isso que eu falo, eu comecei em 55, e em 56 eu já tava trabalhando. Aí final de 56 eu vim pra cá pra Vila Olímpia. Eu escolhi morar aqui por uma questão de trabalho. Era mais próximo, porque lá eu tinha que tomar o bonde e andar 16 km a pé pra poder lecionar, sabe. Eu solteira ainda aluguei uma casa e eu e meu marido tamo morando aí, e fiquei até agora. Nessa casa eu fiquei 15 anos de aluguel, e depois nós compramos aqui e aqui eu fiquei.

P – Qual a sua relação com o bairro? Lazer? De que tipo? Onde? Estuda? O quê? Onde? Trabalha? Com o quê? Onde?

R – Aqui eu trabalhei. Estudar, nós tínhamos assim cursos, né, esporádicos pra poder aprimorar ou então conhecer novos pedagogos, novas metodologias de ensino. O ensino municipal foi modelo na época e a gente ia buscar novas informações, novas técnicas pra poder melhorar o ensino. Não importava que a classe era de criança de favela, mas importava que eles aprendessem, entende. Foi muito bom isso aí. E a gente se relacionada com as famílias que moravam aqui. Agora a Vila Olímpia, por ter muita favela, tinha muito migração de muito nordestino pra cá. Isso até 1960, porque em 1970 já começou a modificar, a modificação foi mais instantânea, porque você começou a perceber os prédios subindo... Eu vim pra cá em 74 então foi o primeiro prédio dessa rua. Em 74! Por isso que eu tou falando, começou a verticalizar a partir de 70. Aqui tinha várias feiras de rua, hoje não tem mais. Tem uma pequenininha aqui no domingo que é ruim. Havia muitas feiras aqui, só na segunda que não. Mas não havia lazer e nós tínhamos muito pouca padaria, o comércio era muito escasso, na Vila Olímpia era escassíssimo. Eu tinha que ir pro Itaim ou pro Brooklin, e se eu quisesse um

supermercado tinha que ir na Avenida Santo Amaro na altura do Brooklin, era lá que tinha. Tinha mercadinhos, o comércio aqui tinha, farmácia pequena... Não havia aqui a parte de saúde, nós não tínhamos posto de saúde. Tinha aqui na Vila Nova que o pessoa vinha pra cá, ou então lá pro Brooklin, né, ou então lá no Itaim. Na Vila Olímpia não tinha nada, só casas simples. E aqui a maioria que morava aqui eram feirantes, eles compravam terreno e moravam aqui. E a típica casa da Vila Olímpia era uma casa... aqui mesmo era assim... uma casinha aqui outra ali com 14 metros de largura, né. Uma casa de 7 metros pra uma família, de um lado era uma família russa e de outro uma família portuguesa. Eles faziam um jardim de um lado e a horta do outro e a casinha lá no fundo. A maioria era assim. Não eram sobrados, eram casinhas simples mesmo, feito essa aqui. Essa tem mais de sessenta anos. Tem esse e a outra que tá se desmanchando por herança ou qualquer coisa, mas é antiga também.

P – Você se relaciona com os moradores vizinhos? De que forma? Se não se relaciona, por quê?

R – Eu me relaciono com as pessoas que moram a mais tempo aqui, porque é muito difícil né, você vai avançando a idade, o relacionamento é pequeno, porque você avançando a idade, você não sai muito, muito gente já saiu né, muita gente foi embora daqui né.

A gente encontra muito com os ex alunos que hoje são adultos e fazem questão de cumprimentar a gente e mostrar os filhos que tem.

Eu me relacionava com os moradores e a maioria com os pais de alunos, né, porque não era só da minha classe. A gente tava morando aqui e você relaciona com os pais dos colegas, gente que conhece a gente, né. Ah, hoje é mais difícil por causa da idade também, né. É por causa disso, verticalizou, o pessoal hoje foi embora, e quem tá voltando pra cá tá morando em prédio, né, e é muito difícil o relacionamento sim. Eu sinto muita falta de como era naquela época. Muita gente que eu conheço que é mais antigo, também falam: “Nossa, o pessoal nem cumprimenta, né! Não dá bom dia, boa tarde!” Aí eu falo: “Olha, vocês agradeçam, porque eu tenho vizinha que mora comigo, mora do meu lado há 30 anos e quando ela tem vontade ela cumprimenta, quando ela não tem passa direto, certo?” Às vezes tem problemas e talvez não queira... sei lá. Mas é assim, aqui nós não tínhamos... não tem até hoje lojas, sabe. Lazer começou agora com as faculdades, esses negócios de barzinho, encheu. Todo mundo que tinha uma casa térrea ou um sobradinho fazia ponto comercial. Isso foi dito pra mim por uma pessoa que tinha casa onde eu morei. “Lá na casa onde os seus filhos nasceram, nós vamos derrubar e vamos fazer estacionamento! Porque pra alugar pra uma pessoa nós ganhamos X, e se a gente faz estacionamento, vai ganhar X, Y, Z todos os dias, entendeu?” Quer dizer, olha a cabeça, né. Em parte ela tinha razão, porque se você vem de um lugar, pra você ir pra faculdade, você precisa colocar o carro em algum lugar, a maioria tem né. Então, estacionar num lugar... num lugar que você conhece pra poder estudar... Nós temos uma faculdade aqui na Santo Amaro que é a FMU, aqui na Casa do Ator que a Anhembi Morumbi, e a IBMEC, quer dizer, são três faculdades grandes. Então eu acho que é isso, sabe! Ao mesmo tempo que veio o jovem pra cá, com os jovens vieram os bares, né, porque a gente vê mais fora da sala de aula do que dentro. Além dos escritórios lá pra baixo que por causa da Marginal eles deram uma decida pra fazer seus escritórios né. É isso aí que aconteceu.

P – No seu ponto de vista, quais são os aspectos positivos e negativos do bairro?

R – A Vila Olímpia é um bairro misto, não tem muito comércio, o comércio dele é a noite, por causa das faculdades que invadiram o bairro, né. Nós temos várias faculdades aqui e consequentemente muitos bares também.

Ah, a gente se acostuma com a vida da gente, né. A gente se acostuma com isso, com aquilo. Eu acho que o que tem de bom aqui é que ainda é tranquilo. É um bairro tranquilo, você não vê violência, não vê muita batida de carro, não vê muita... não vê muita violência, se for é alguma coisa muito pessoal, né, quer dizer... simples, muito local. Mesmo sendo rota de avião, nunca houve nada com avião. Em Moema um avião entrou com a asa, há muito tempo atrás, na sala da pessoa, ele desceu demais e a asa entrou na sala da pessoa. Agora aqui nós nunca tivemos nada disso. É tranquilo por isso. Antes existiam muitas casas térreas, hoje o bairro subiu, ele tá na vertical, tem muito prédio aqui. No lugar de uma casa mora... quer dizer, no meu prédio moravam ali duas famílias que os meninos eram alunos da gente. E hoje tem um prédio que moram dezoito famílias. Eu acho que não é negativo a construção, e sim negativo o relacionamento, o relacionamento do ser humano hoje que está muito a desejar. Cada um tá encontrando só a si mesmo, só olha pra baixo, ninguém olha pro seu próximo, mesmo tendo religião não olha pro próximo, é muito difícil. Não é só o bairro não, tudo em si, mesmo as cidades menores, que a gente viaja e a gente sabe, e a gente vê, tá muito frio o relacionamento do ser humano, muito, muito frio.

O aspecto negativo é a falta desse comércio, dessas farmácias, de mais... sabe, de mais supermercado perto, nós não temos bons, temos pequenos mercados. O Extra mais perto daqui é há um quilômetro e pouco, e é ruim pra fazer compras né. Não dá pra vim a pé mais pq atravessa várias avenidas, tem a Juscelino lá em cima que ela é dupla, tem a Helio Pelegrino que também é dupla, não é que é perigosa, mas é movimentada. Além disso, eu me sinto sozinha no bairro, muito sozinha, a não ser com a família, né. em relação às pessoas, me sinto só, sozinha, diariamente assim... não tou falando do cotidiano, no cotidiano é sozinho mesmo. Tenho filho, o meu filho mora em Santo Amaro tem a família dele, é ocupado. A minha filha mora em Guarapari num paraíso, né, lá ela tem praia, e é advogada, ela tem dois escritórios e faz em conjunto. E ela teve sorte ela foi pra lá a 20 anos atrás e não tinha advogado, a primeira causa que ela pegou ela ganhou e aí abriu escritório... ela é muito inteligente. Ela abriu lá em Guarapari e em uma outra cidade. Tem mais uma coisa interessante lá que aqui nós não temos. O pessoal enriquece um pouco e o que eles fazem? Eles tem o seu apartamento e a sua casa, eles alugam e vão ou pra Suíça ou pros Estados Unidos, entendeu. Quer dizer, já tem aquele dinheiro certo, né, voltar não é problema. Moram sozinhos, e a dona do apartamento dela é Engenheira e tá nos Estados Unidos lá. Ela cuida da parte de condomínios também e ela vê muita gente indo pra Suíça, Itália, França, e eles vêm uma vez por ano aí, e querem as contas prontas. Sim, em relação ao aspecto negativo nós não temos aqui um Clube, uma... só esses barzinhos que é mais pra juventude, né. Então pra uma pessoa de mais idade, só se ela sair fora e ir pra outro bairro, não tem praça nenhuma aqui, tem essa pequena aí na esquina da Santo Amaro, mas ela é um corredor, né, é um trânsito, ninguém vai ficar sentado aí. Mas não tem, o que tinha era uma Igreja Católica, algumas evangélicas, e o pessoal frequenta ali não sei como... só pra rezar, sabe.

P – Como era viver no bairro antigamente? O que mudou? O que mais sente falta em relação à forma antiga de vida no bairro?

R – Eu acho que a causa principal foi a construção desses laboratórios e escolas, entre 56 mesmo até agora. Foi muito paulatino o negócio, muito vagaroso, mas as transformações que eu percebo tem a ver com isso. Primeiro vieram os laboratórios né,

as empresas, e algumas pessoas trabalhavam aqui. Tinham alguns que eram laboratórios pequenas, como umas casas grandes, e aí se infiltrava aí pra prestar serviços pros grandes. Muita favela, porque havia muito terreno baldio, muito. O pessoal que era proprietário não tomava conhecimento, ou achava que por ser muito barato, não pagavam o IPTU, não precisava pagar, né... Era um local que não tinha saneamento básico, não tinha água... Na época aqui cada casa tinha a sua fossa. A água eu sei que vinha da Sabesp né. Mas assim, nós tivemos aqui na Vila Olímpia... Eu comprei no segundo andar por quê? Porque faltava água e luz, como é que eu ia morar lá em cima sem luz com dois filhos, né. Eu tinha que trabalhar. Comprei no segundo andar por causa disso. Eu acho que o primeiro arremate do prédio foi o meu, aí eu fiquei no segundo andar. No início era tudo simples, um pessoal simples, cada um tinha a sua casa, e o esgoto era individual, cada casa tinha o seu. E eu acho que isso aí também retardou o crescimento né. Sim, com o aterramento dos córregos chegou o progresso, né. Esse aqui, Uberabinha, acho que foi o último né, mais ou menos em 70, não lembro exatamente a época. A Avenida Bandeirantes não existia, ali era mato e você atravessava aquele pedacinho de madeira pra ir pro lado de lá... Eu acho o seguinte, as pessoas começaram a investir aqui né, e essa valorização se deu ao poder aquisitivo de pessoas que começou a valorizar... Porque assim, São Paulo cresceu e foi se verticalizando. Aí surgiu a tal da Faria Lima, e então as pessoas começaram a vir pra cá, pra morar e trabalhar aqui. Mas houve o crescimento de prédios, mas parece que não houve crescimento de supermercados, não houve um planejamento. O hospital Santa Paula que tinha aí, na época era uma casinha simples, sabe, foi crescendo... Mas também parou o desenvolvimento, e parou ali. O São Luiz quando melhorou saiu daí e foi lá pro Morumbi, e aqui não sei se eles vão continuar ou se eles passaram pra alguém. Nós tínhamos essa falha, a falha na saúde, na educação não. Na educação até que... por causa das faculdades né. Essa faculdade Anhembi Morumbi é caríssima, ela é internacional né. Nós soubemos que dois meninos queriam alugar um apartamento aqui e conversando com eles, descobri que a mensalidade mais barata daí é R\$ 2.500,00 reais e é administração de empresas. E hoje administração de empresas é um leque né, pode ir pra empresa tal, pra não sei o que... Diversificou. Hoje a Vila Olímpia é um bairro jovem, é mais jovem que mora aqui por causa das faculdades e também porque a maioria desses trabalhadores dessas empresas também são jovens de classe alta que gostam de morar perto do trabalho, eles procuram morar perto porque você viu o trânsito aqui o inferno que é, não dá pra você morar longe, por dois motivos, por ser longe e por você ter um carro que tem que estacionar, quer dizer você paga combustível e estacionamento que é caro aqui. Combustível nosso não precisava ser caro assim, nós temos bacias aí muito... Eu não sei se precisar porque, mas as pessoas tão mais frias, mais individualistas, mais fechadas hoje em dia, pra mim é porque trabalham muito ou porque dentro de casa recebem as informações e não precisam sair mais pra nada. Por exemplo, ontem me ligaram da Folha de São Paulo pra oferecer seis meses gratuitos de assinatura. Eu falei: “Peraí, o que tá acontecendo? Por que vocês estão oferecendo tanto tempo um veículo de informação como esse?” Aí eles falaram: “Ah, não porque nós queremos ampliar, não sei o que...” Quer dizer, é mentira, porque quando você vai ler o jornal, ou você já soube pela televisão ou pela internet. Então porque essa preocupação de ir até o jornaleiro, ou então esperar o jornal chegar, se você dá uma apertadinha num botão e você já sabe de tudo, né.